



**INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO**

Orlanda Maria da Costa Almeida

**EDUCAR PARA O ENVELHECIMENTO:
INVESTIGAÇÃO-AÇÃO. ALUNOS E AVÓS**

Mestrado em Educação
Área de especialização em Educação Artística

Trabalho efetuado sob a orientação do
Prof. Doutora Ana Camargo
Prof. Doutor João Moura Alves

novembro de 2012

Para a minha neta

Meus pais deram-me a vida

Minha avó ensinou-me

Meus irmãos, segurança

Meu amor, de tudo um pouco

Meus filhos, sabedoria, emoções e crescimento

Meu trabalho, triunfo

E tu, Marta, a eternidade.

Poema de Maria de Sousa Costa Almeida, minha mãe

AGRADECIMENTOS

Aos avós e aos meus alunos das turmas dos oitavos C e E - 2011/2012.

Aos meus orientadores, perspicazes e incentivadores.

À Dra. Sónia, Bibliotecária da Biblioteca da ESE - Viana do Castelo, incansável.

Aos meus amigos e família que, de uma forma ou de outra, estiveram do meu lado.

Às companheiras de mestrado, Eugénia e Conceição.

Às três únicas tardes na praia de Afife, em agosto, e à companhia inestimável da Ana e Cristina.

À minha mãe, uma mulher extraordinária.

RESUMO

Este estudo decorreu em 2012, o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações. O desequilíbrio populacional entre idosos e jovens, lado a lado com a rutura na constituição da família intergeracional tem conduzido muitos destes idosos ao isolamento social. É no seio desta conjuntura que surge a necessidade de recuperar o seu protagonismo como transmissores de padrões de comportamento e guardiões da memória coletiva. Em contraponto, estão as crianças, excelentes agentes mediadores da comunicação e facilitadoras da interação entre estas duas gerações. A Arte pode constituir simbolicamente a arca intergeracional, protetora e fomentadora de contactos sociais ativos, proporcionando aos seus passageiros novas experiências sensoriais.

Enquanto cidadã e professora de Educação Visual pareceu-me da maior pertinência contribuir para a compreensão das dinâmicas intergeracionais, ao nível da sala de aulas, através da formulação de quatro questões fundamentais: 1. Como pode funcionar, em sala de aulas, um atelier intergeracional que promova a reflexão sobre as imagens estereotipadas do envelhecimento?; 2. Que estratégias podem ser promovidas para reforçar pontes afetivas de solidariedade entre gerações, baseadas no respeito e apreço pela criatividade e competências do outro?; 3. Refletir sobre imagens que espelhem a problemática do envelhecimento poderá auxiliar os jovens para uma melhor compreensão do envelhecimento? e 4. Como é que a análise dessas imagens poderá aumentar a nível de literacia dos agentes envolvidos?

Este estudo baseou-se na metodologia de investigação – ação e reuniu 90 participantes (alunos e respetivos avós) de duas turmas do 8º ano da escola sede do Agrupamento Vertical de Arga e Lima, de características predominantemente rurais. Foi planificada em duas fases: aplicação inicial de questionários, que contribuíram para a estruturação da segunda fase, organizada em sete sessões e que impulsionaram a recolha de dados valiosos dos alunos sobre obras de arte representativas de olhares diferentes sobre o envelhecimento (1ª e 7ª sessão) e de trabalho colaborativo entre netos e avós (3ª, 4ª, 5ª e 6ª sessões).

A confrontação com as imagens que enfatizavam a decadência física e psicológica do envelhecimento colocou os alunos a pensar sobre o dia de amanhã, dizendo mesmo que têm que dar mais atenção aos seus avós, porque, um dia, quando forem idosos não gostariam de ser postos de parte. Tornaram-se portanto mais conscientes do poder que têm nas suas mãos, relativamente ao seu próprio envelhecimento.

Quanto mais cedo as crianças forem confrontadas com o envelhecimento como uma fase natural da vida e sensibilizadas para o contributo inestimável das pessoas idosas, menor será o receio de encararem o seu próprio processo de envelhecimento, o que lhes permitirá partilhar uma sociedade mais justa e livre de preconceitos.

As sessões contribuíram ainda para a desmistificação de que os idosos têm tendência a assemelhar-se física e psicologicamente, levando os alunos a compreender o envelhecimento como um processo gradual, com nuances muito próprias e únicas, e que acarreta, nalguns casos, a sensação de perdas mas que pode ser acompanhado da mesma alegria de viver, da frescura mental, da curiosidade, do sentido de humor e do bem-estar com a imagem em perpétua evolução. Os participantes partilharam os seus locais e objetos de afeto, envolvendo-se no próprio processo de pesquisa e reflexão, através de metodologias visuais participativas. Foi possível observar as reações dos jovens perante obras de arte que exploraram o tema do envelhecimento e, assim, despertar a sua própria reflexão e sentido crítico sobre o mundo em que vivem e sobre o seu próprio envelhecimento. É essencial que a escola promova nos seus alunos práticas sociais que valorizem a partilha de saberes e experiências entre gerações, conducentes à valorização da sua literacia visual e ao relacionamento com outras culturas onde o idoso é reverenciado.

ABSTRACT

This study took place in 2012, the European Year for Active Ageing and Solidarity between Generations. The population imbalance between young and old, side by side with the rupture in intergenerational family formation has led many of these seniors to social isolation. It is within this environment that the need to regain their role as transmitters of behavior patterns and guardians of the collective memory emerges out. On the other side, the children are excellent communication and mediating agents facilitating the interaction between these two generations. Art can be symbolically the intergenerational ark, protective and active promoter of social contacts, providing its passengers new sensory experiences.

As a citizen and Art's teacher, contributing to the understanding of intergenerational dynamics at the level of the classroom seemed to me of the greatest relevance, through the development of four key questions: 1. How can work in the classroom, a workshop that promotes intergenerational reflection on stereotypical images of aging?; 2. What strategies can be promoted to strengthen bridges of affective solidarity between generations based on respect and appreciation for the creativity and skills of the other?; 3. Thinking over on images that reflect the problems of getting old may help young people to a better understanding of aging?; 4. How does the analysis of these images can increase the literacy level of the people involved?

This study was based on action-research methodology and gathered 90 participants (students and their grandparents) of two classes of 8th grade at the main school of Agrupamento Vertical de Arga e Lima, a school with strong rural characteristics.

The study was planned in two stages: preliminary application of questionnaires, which contributed to the structuring of the second phase, organized in seven sessions and that boosted the collection of valuable data from students about works of art representing different looks on aging (1st and 7th session) and collaborative work between grandchildren and grandparents (3rd, 4th, 5th and 6th sessions).

The confrontation with the images that emphasized the psychological and physical decline of aging put students thinking about the future and even saying that they need to give more attention to their grandparents because, one day, when they get older, they wouldn't like to be set aside. They became more aware of the power they hold in their hands, compared to their own aging.

Sooner children are faced with aging as a natural stage of life and become aware of the valuable contribution of the elderly, less afraid they will be of their own process of aging, allowing them to share a more just and unprejudiced society.

The sessions helped the students to demystify that the elderly tend to resemble physically and psychologically, which took students to understand and accept aging as a natural and gradual process, with its own unique characteristics, leading, in some cases, to

the feeling of loss but on the other hand aging can be lived and enjoyed with the same joy, curiosity, sense of humor and well-being.

The people involved in this project shared their places, affection and most loved objects, becoming part of the research process and thinking over through visual and participative methodologies. It was possible to watch young people's reactions to works of art that explored the theme of aging. This was a way of awakening their own thinking and critical sense about the world they live in and about their own aging.

It is essential that school promotes a social practice that values the sharing of knowledge and experiences between generations, leading to a better enhancement of visual literacy and to a relationship with other cultures where the elderly are truly respected and revered.

INTRODUÇÃO. Capítulo I

1.1. Contexto da Investigação.....	1
1.2. Declaração do Problema.....	2
1.3. Objectivos e questões de Investigação.....	3
1.4. Finalidades da investigação.....	4

REVISÃO DA LITERATURA. Capítulo II

2.1. Ser um idoso na Europa	5
2.1.1. Fazer ouvir a voz do idoso (cidadania).....	5
2.1.2. Aprendizagem ao longo da vida (Life Long Learning)	7
2.1.3. Os contatos intergeracionais na melhoria da auto-estima.....	7
2.1.4. Discriminação em Portugal (Eurobarómetro Especial 317 de 2009) - indícios a temer?	8
2.1.5. “Sans teeth, sans eyes, sans taste, sans everything?”.....	9
2.1.6. “We shall overcome ageism” de Palmore à visão optimista de Bragança.....	10
2.1.7. Educar para o envelhecimento	12
2.2. As artes na Educação do Sentimento	14
2.2.1. Descodificar e criticar um "texto visual".....	15
2.2.2. As artes nas práticas intergeracionais.....	16

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO. Capítulo III

3.0. Seleção da metodologia de Investigação.....	19
3.1. Escolha e caracterização do método	19
3.1.1. Vantagens e desvantagens	20
3.2. Desenho de Investigação.....	21
3.2.1. Amostra e Procedimentos da amostragem	22
3.2.1. Plano de Ação	23
3.2.2. Contexto e Participantes	23
3.3. Método de Recolha de Dados	24
3.3.1. Observação Participante.....	25
3.3.2. Notas de campo.....	26
3.3.3. Registos áudio, visuais e escritos	26
3.3.4. Questionário	27
3.3.5. Entrevista	27
3.3.6. Colecção de Artefactos	29
3.3.7. História Oral.....	29

3.4. Considerações éticas	29
3.5. Estratégias de análise dos dados	30
RESULTADOS. Capítulo IV	
4.0. Desenvolvimento	33
4.1. Fase um	33
4.2. Fase dois	33
4.3. Fase três	40
4.4. Fase quatro	107
DISCUSSÃO. Capítulo V	
5.1. Discussão dos resultados	109
CONCLUSÕES E PERSPETIVAS FUTURAS. Capítulo VI	
6.0. Conclusões	119
6.1. Perspetivas futuras	121
BIBLIOGRAFIA.....	124
ANEXOS.....	129

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. <i>Cinco Cabeças Grotescas</i> , c. 1490, Leonardo da Vinci.....	42
Figura 2. <i>Velha fritando Ovos</i> , 1618, Diego Velasquez.....	43
Figura 3. <i>Velho tocando Bandolim</i> , 1935, Tamara de Lempicka.....	44
Figura 4. <i>Velho Camponês</i> , 1919/1920, Ernst Ludwig Kirchner.....	45
Figura 5. <i>Sauve qui peut!</i> , 1922, George Grosz.....	45
Figura 6. <i>Jacob Abençoando os Filhos do José</i> , 1656, Rembrandt.....	46
Figura 7. <i>O repouso durante a fuga para o Egito</i> , cerca de 1596-1597, Caravaggio.....	47
Figura 8. <i>As três Idades</i> , 1905, Gustav Klimt.....	47
Figura 9. <i>A pequena carroça do Père Junier</i> , 1908, Henri Rousseau.....	48
Figura 10. <i>O velho músico</i> , 1862, Édouard Manet.....	49
Figura 11. Sessão 2. E.9.Avô.R.....	57
Figura 12. Sessão 2. E.3.Avô.R.....	58
Figura 13. Sessão 2. C.11.Avô.R.....	59
Figura 14. Sessão 2.C.5.Avó.R.....	60
Figura 15. Sessão 2. E.18.Avó.R.....	61
Figura 16. Sessão 2. C.14.Tia.R.....	61
Figura 17. Sessão 3 – 1ª Fase. <i>Analisando, em grupo, o artigo sobre Ana Bola</i>	66
Figura 18. Sessão 3 – 1ª Fase. <i>Analisando, em grupo, o artigo sobre Cutileiro</i>	66
Figura 19. Sessão 3 – 3ª fase.....	71
Figura 20. Sessão 3 – 3ª fase.....	71
Figuras 21 e 22. Sessão 3 – 3ª fase. E9.Avô e E9.Avó.....	72
Figuras 23 e 24. Sessão 4. Alunos do 8ºE, digitalizando e construindo as suas narrativas de vida.....	73
Figuras 25. Momento significativo da Linha do tempo C18.LT.....	76
Figuras 26. Momento significativo da Linha do tempo E.2.LT.....	76
Figuras 27 a 31. <i>Linha do tempo</i> . C.8.Avó.LT.....	78
Figuras 32-35. <i>Objeto</i> . C.5.Avó.Ob.....	84
Figura 36. Sessão 6. <i>O envelhecimento numa imagem</i> selecionada por E.3., E.11 e C.4.....	87
Figura 37. Sessão 6. <i>O envelhecimento numa imagem</i> selecionada por E.10.....	88
Figura 38-42. Sessão 6. <i>O envelhecimento numa imagem</i> selecionada por E.7., E.8., E.12., E.15.e E.16 (de cima para baixo).....	89
Figura 43. Sessão 6. <i>O envelhecimento numa imagem</i> selecionada por C.1. e C.5.	90
Figura 44. Sessão 6. <i>O envelhecimento numa imagem</i> selecionada por E.1. e C.9.	90
Figura 45. Sessão 6. <i>O envelhecimento numa imagem</i> selecionada por E.2.	91
Figura 46. Sessão 6. <i>O envelhecimento numa imagem</i> selecionada por C.3 e C.6.....	91
Figuras 47 e 48. Sessão 6. <i>O envelhecimento numa imagem</i> selecionada por C.17 e E.9.....	92
Figuras 49 e 50. Sessão 6. <i>O envelhecimento numa imagem</i> selecionada por C.16. e C.12.	92
Figuras 51. Sessão 6. <i>O envelhecimento numa imagem</i> selecionada por C.15.....	93
Figura 52. <i>Tempo – passado e presente</i> , 1990, Paula Rego.....	97
Figura 53. <i>The Old Woman who lived in a Shoe</i> , 1989, Paula Rego	99
Figura 54. <i>O sonho de José</i> , 1990, Paula Rego.....	100
Figura 55. <i>Old Mother Goose</i> , 1989, Paula Rego.....	101
Figura 56. <i>Personal Work</i> , (Data desconhecida), Joyce Tenneson.....	103
Figura 57. <i>O Tempo e as Velhas</i> , 1810-1812, Francisco de Goya.....	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.Plano de ação.....	23
-----------------------------	----

QUADROS

I.Parceiros.....	34
II.Campo 10.....	34
III.Atitudes Discriminatórias.....	35

1.1. Contexto da investigação

Pela primeira vez na história, prevê-se que em 2050, globalmente, os 2 bilhões de adultos com mais de 60 anos ultrapassem o número de jovens. Ao longo do último século, e na maior parte dos países de estilo ocidental, o envelhecimento da população tem atingido proporções sem precedentes, observando-se o aumento da percentagem dos adultos com mais de 60 anos e a redução do número de indivíduos abaixo dos 15 anos, gerando vários problemas sociais. Harper S. (2008) vem destacar a importância da conjugação de fatores como a promoção do bem-estar e de uma vida ativa mais saudável, para munir os idosos de ferramentas físicas, mentais, sociais e financeiras, que favoreçam a sua adaptação a esta nova fase.

As pressões exercidas pela organização da sociedade originam ruturas na constituição de família intergeracional (Parsons, 1944; Popenoe, 1993 citado por Lowenstein, 2010) privando as gerações mais jovens do convívio e da aprendizagem mútua com as gerações dos seus avós. Muitos deles passam a usufruir de uma nova habitação partilhando a sua esfera íntima com outros idosos, em lares de terceira idade o que, apesar dos esforços desenvolvidos, vai conduzindo à inatividade, à diminuição da convivência, das conversas e das relações sociais, *expressando mais a solidão do que os que vivem na sua comunidade* (Jylha e Saarenheimo, 2010, p.317). Paulatinamente, os sentimentos de solidão e exclusão vão-se instalando e apoderando-se da auto-estima.

A Comunidade Europeia estabeleceu este ano como “*2012 European Year for Active Ageing ... and Solidarity between Generations*”, cujas ambições se prendem com a manutenção da vitalidade das pessoas idosas, estimulando o seu envolvimento na sociedade e removendo barreiras entre gerações. Este Ano Europeu procurará promover uma cultura sustentável do envelhecimento activo, que deverá ser promovido pelas autoridades nacionais, regionais e locais, incluindo parceiros sociais, empresas e sociedade civil. Conferências e eventos, campanhas de informação e troca de experiências e boas práticas estarão entre as ferramentas a utilizar, devendo ser feito um maior investimento de todos para que as pessoas idosas possam ver garantido o seu bem-estar, participação na sociedade e cuidados de saúde. Envelhecimento ativo significa uma melhor educação e aprendizagem ao longo da vida, condições de trabalho amigas dos idosos e garantir o seu papel na vida familiar e na sociedade como um todo.

Apesar dos conflitos entre gerações, alguns investigadores insistem nas boas relações entre as gerações e, por outro lado, acreditam que a curiosidade natural das crianças, a sua tendência natural para assumir riscos, a sua sensibilidade e flexibilidade facilitará a comunicação com a geração mais idosa normalmente mais receosa de se expor em público e colocar dúvidas, beneficiando esta através da aprendizagem com a geração mais jovem.

Focando a atenção na nossa cidade de Viana do Castelo, é notório o investimento desenvolvido através do seu Programa Cultura da Idade pelo *Gabinete Cidade Saudável da Autarquia de Viana do Castelo*, integrado num projeto de amplitude mundial, tendo por base o conceito de Saúde para Todos (SPT) no séc. XXI da Organização Mundial de Saúde, e nas orientações estratégicas da Carta de Otava, procurando corresponder aos seis princípios de atuação estabelecidos quanto à equidade no acesso à saúde, promoção da saúde e prevenção da doença, proteção da saúde e de riscos ambientais, participação da comunidade, proporcionar serviços acessíveis ao nível de cuidados de saúde primários (local de trabalho e habitação) e, utilização da cooperação internacional para tratar de problemas de saúde.

Convergindo ainda mais o olhar em direcção ao Agrupamento de Escolas de Arga e Lima, torna-se incontornável o seu empenho no estímulo dos relacionamentos intergeracionais em contexto informal, na partilha de saberes e na participação activa de iniciativas, como uma prática habitual desde há 20 anos.

Palavras-Chave: Dinâmicas intergeracionais, Estereótipos, Literacia Visual e Arte

1.2. Declaração do Problema

A revisão da literatura efetuada por Savikko (2008) permitiu-lhe constatar que as intervenções mais promissoras, junto dos idosos, para atenuar a solidão são o exercício físico (McAuley, *et al.*, 2000, Hopman-Rock, *et al.*, 2002), a arte (Wikström, *et al.*, 1993; 2000; 2002), a terapia de grupo (Andersson, 1984; 1985) e a terapia com animais (Banks e Banks, 2002), confirmando a opinião de Greaves (2006), que destaca as intervenções que promovem os contactos sociais ativos e que encorajam a criatividade e que se medeiam por um mentor, como as mais passíveis de produzir saúde e bem-estar ao contrário das intervenções passivas (visitas ao domicílio), que comportam reduzida eficácia.

Britt-Maj Wikstrom (2004) conclui que os participantes consideram a observação de uma paisagem natural e de álbum de fotos como duas atividades

estéticas muito significativas. As formas estéticas de expressão contribuem para as atividades físicas e intelectuais assim como para a interação com outras pessoas. Música, pintura e literatura alargam e intensificam experiências sensoriais e oferecem fontes de prazer que não podem ser experienciadas de outra forma (Dickie, 1974; Hillman, 1998; Martin, 1998; Morgan 1998; Weitz, 1976 citados por Wickstrom, 2004).

Por outro lado, Stuckelberger (2005) destaca o “impacto invisível” dos idosos no comportamento das gerações mais jovens que, no seu entender, não tem sido alvo da atenção merecida, tanto ao nível micro, exercendo a função de transmissores de padrões de comportamento ao nível da prevenção da violência, do abuso, do alcoolismo, como ao nível macro, ou seja, reforçando a “memória coletiva” das gerações vindouras.

Contudo, cada vez se observa um maior distanciamento entre gerações, sendo os idosos, principalmente os menos autónomos, remetidos para um processo de isolamento social que em muito condiciona a sua qualidade de vida e que gera um peso acrescido à sociedade. Por outro lado, a enorme experiência de vida dos idosos é desperdiçada por esta espiral de isolamento, não sendo este valioso conhecimento aproveitado pelas gerações mais jovens.

1.3. Objetivo e questões de investigação

O objetivo fundamental deste estudo consiste em contribuir para a compreensão das dinâmicas intergeracionais, ao nível da sala de aulas de Educação Visual, identificando os fatores influenciadores de boas práticas para a redução de estereótipos relativamente ao envelhecimento.

Para que as estratégias a implementar se venham a confluir satisfatoriamente para a clarificação do objetivo fundamental, pretende-se responder às seguintes questões de investigação:

- 1. Como pode funcionar, em sala de aulas, um ateliê intergeracional que promova a reflexão sobre as imagens estereotipadas do envelhecimento?*
- 2. Que estratégias podem ser promovidas para reforçar pontes afetivas de solidariedade entre gerações, baseadas no respeito e apreço pela criatividade e competências do outro?*
- 3. Refletir sobre imagens que espelhem a problemática do envelhecimento poderá auxiliar os jovens para uma melhor compreensão do envelhecimento?*
- 4. Como é que a análise dessas imagens poderá aumentar a nível de literacia dos agentes envolvidos?*

1.4. Finalidades da investigação

Podemos encontrar, na literatura, uma vastidão de estudos que procuraram compreender porque razões o envelhecimento é, muitas vezes, encarado de uma forma deprimente, associado quase sempre ao *medo da morte* (Hughes e Heycox, 2008) e ao confronto inevitável dos próprios jovens face à sua *própria deterioração* (Martens, *et al.*, 2005 citado por Hughes e Heycox, 2008), encabeçado por uma rede estreita de estereótipos, perpetuados nos mass media, que alteram a compreensão plena desta fase da nossa existência, como um acontecimento único e irrepetível, que merece pelo menos um olhar bem diferente daquele a que as crianças são induzidas diariamente, o olhar rápido e sem tempo de reflexão “*faster and faster seeing*” (Susan Sontag citada por Gulette, 2004).

Como professora de Educação Visual, tenho a vantagem de rentabilizar os conteúdos implícitos no programa da disciplina, de forma a sociabilizar e sensibilizar os meus alunos no envelhecimento, auxiliando-os a *colocar em ordem os pedaços de informação que recolhem arbitrariamente*, colaborando ativamente para o seu processo, a que Gulette, designa por “*age identity*”, e enriquecendo a sua *coleção particular* acerca da idade e do envelhecimento.

Consciente da minha responsabilidade como cidadã e professora, atenta a uma das questões prementes da nossa sociedade europeia e alvo de especial atenção especial durante este ano – envelhecimento da população -, procurei, por um lado, encetar investigação ao nível de políticas sociais, ações de incentivo à cidadania e práticas intergeracionais através das artes e, por outro lado, criar / fomentar um ambiente propício e favorável de cultura e lazer para pessoas idosas que contribuísse para a redução de formas de preconceitos em relação ao idoso.

2.1 Ser um idoso na Europa, hoje

Temas como as boas práticas ao nível das políticas ativas de emprego, a flexi-segurança, a solidariedade intergeracional e o aumento da idade da reforma, reuniram os 27 ministros da Comunidade Europeia, em Julho de 2011, na Polónia. No mesmo ano, o Parlamento Europeu adotou uma resolução definindo as linhas de orientação principais para o Ano Europeu para o Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações 2012 que visa “*manter as pessoas de idade avançada em atividade, promover a sua inclusão social e eliminar as barreiras entre gerações*” (CoverAge – issue 3, 2010, pag. 2).

Esta resolução, aprovada por uma maioria significativa, preconiza a importância da conjugação de esforços que garanta uma boa oportunidade para refletir ao nível das alterações demográficas na União Europeia e seus estados-membros, *desenvolver ações concretas e soluções inovadoras nesta área, destacando-se as iniciativas para combater a discriminação e os estereótipos.*

Investigadores têm vindo a enveredar pelos trilhos proporcionados pelas teorias do envelhecimento ao nível biológico, psicológico e sociológico, procurando compreender o processo do envelhecimento de forma a tornar as nossas vidas mais saudáveis e mais preenchidas, como também atender às necessidades dos idosos promovendo as suas potencialidades. (Begtson, *et al.*, 2005 citando Birren, 1999).

2.1.1. Fazer ouvir a voz do idoso (cidadania)

Na nossa sociedade, as famílias têm assistido ao afastamento progressivo dos seus filhos adultos, em busca de oportunidades educacionais e profissionais que alegadamente preconizam a sua realização pessoal, o mérito e a superioridade, e que conduzem a alterações profundas nas esferas individuais e sociais.

Deste modo, a cooperação, na qual assentavam as sociedades, foi sendo substituída pela globalização e os países ficaram sujeitos às forças económicas externas, privando as economias nacionais de autonomia e sujeitando-as à “*internacionalização dos mercados de trabalho e flow do capital global*” (Hendricks citando Biggs, 2001; Hendricks, 2010 citando Gilleard, *et al.*, 2005, p.50).

Torna-se pertinente introduzir a observação efetuada por Guimarães (2012) sobre os idosos que ocupam posições significativas da sociedade e que não aproveitam essa oportunidade para defenderem a faixa etária a que pertencem,

esquecendo-se da sua própria idade. Ao abandonarem a vida ativa/laboral, estes idosos são empurrados e encerrados num invólucro que os torna invisíveis, ficando privados de *participar e intervir*.

Também as famílias contemporâneas veem comprometidas a sua capacidade e vontade de tomar conta dos seus próprios idosos, os quais tendem a isolar-se dos seus filhos e das outras relações familiares, ainda que o papel do idoso apresente sintomas de recuperação, alimentado pelos processos internos, como a motivação e a obrigação familiar (Parsons, 1944; Popenoe, 1993, citado por Lowenstein e Katz, 2010). Mesmo a longas distâncias, as relações próximas entre gerações, avós e filhos adultos, podem ser muito proveitosas (Hogan, *et al.*, 1993; Silverstein, *et al.*, 1997, citados por Silverstein e Attias-Donfut, 2010) e os filhos que apoiam os pais na velhice são os que consideram ter sido mais apoiados pelos seus pais (Ikken, *et al.*, 1999 citado por Silverstein e Attias-Donfut, 2010).

No entanto, os nossos idosos ocidentais afastam-se bastante de outras sociedades, como as orientais, onde são considerados como tesouros culturais, venerados como sábios e modelos de vida (Klein, Council e McGuire, 2005). Na China antiga, os 50 anos eram festejados com grande ritual e reverência e a longevidade era uma prova de santidade. Achenbaum (2005) descreve o desenvolvimento moral, na perspetiva do Confucionismo, como uma conquista gradual e que atinge o seu clímax a partir dos 70 anos:

“At fifteen, I applied myself to wisdom; at thirty, I grew stronger at it; at forty I no longer had doubts; at sixty there was nothing on earth that could shake me; at seventy I could follow the dictates of my heart without disobeying the moral law”. (Confúcio citado por Achenbaum, 2005, pag.21/29)

Ainda de acordo com estes autores, uma perceção positiva relativamente ao envelhecimento é responsável por uma melhor qualidade de vida e maior longevidade (Levy, *et al.*, 2002 citado por Klein, *et al.*, 2005). Daí a importância do estreitamento das relações intergeracionais, para que os idosos possam partilhar perspetivas positivas sobre o envelhecimento, revelando as suas oportunidades e potencialidades e que uma vida longa não é impedimento para uma existência saudável, independente e enriquecida por compromissos sociais (Klein, *et al.*, 2005 citando Pratt, 1999), prestando um valioso contributo às novas gerações, como seus guias, auxiliando-os a preparar o seu próprio envelhecimento, promovendo desde cedo hábitos saudáveis.

2.1.2. Aprendizagem ao longo da vida (*Life Long Learning*)

A União Europeia aglutinou recentemente os programas para a Educação num só, denominado *Erasmus for all* (CoverAge, 2011), onde estão incluídos os 4 sub-programas: *Comenius*, *Erasmus*, *Leonardo da Vinci* e *Grundtvig*. Este último desencadeou, em 2009, 6 programas experimentais pioneiros em Itália, Alemanha, França e Roménia que permitiram testar as dinâmicas criadas em grupos intergeracionais, garantindo, à partida, que os beneficiários / protagonistas pertencessem a diferentes gerações para que a reciprocidade fosse estimulada. Os seus resultados foram analisados e permitiram a construção de um método intergeracional para aprendizagem ao longo da vida, que favorecesse e simplificasse a aprendizagem ao longo da vida e a troca de ideias e experiências, com a finalidade de promover o processo de envelhecimento ativo e com sucesso e, ainda, promover a inclusão social dos membros mais idosos da sociedade. (Cross Ages – Experimentation Report, 2007).

Para além da identificação e seleção de exemplos de boas práticas de projetos desenvolvidos na União Europeia, este grupo de estudo pretendeu planificar um projeto que favorecesse a integração da educação e de um modelo de treino que não compromettesse o processo de trocas intergeracionais e, simultaneamente pudesse ser transferido ao nível europeu.

2.1.3. Os contactos intergeracionais na melhoria da auto-estima

Os contactos intergeracionais podem atenuar, segundo Jylha e Saarenheimo (2010), a solidão manifestada pelos idosos de um nível económico mais baixo, prevenindo a discriminação e promovendo a integração intergeracional e outras oportunidades. Estes idosos têm, ainda, normalmente, menor saúde, menos laços familiares, menor apoio dos serviços sociais e menor participação social. As mesmas autoras, citando o estudo finlandês de Palkeinen (2007), referem que a insegurança, serviços sociais inadequados e as imagens das pessoas idosas vistas como fardos e não como membros úteis da sociedade são fatores que favorecem a solidão.

Marques (2011) reflete sobre a forma perniciosa como o sistema social se alimenta das crenças auto-redutoras de quem envelhece, ou seja, alimentando a secundarização das pessoas idosas em prol dos jovens, o que aumenta os seus níveis de depressão e diminui a sua auto-estima. O desempenho das pessoas idosas será substancialmente favorecido num ambiente que reforce uma representação mais positiva do envelhecimento.

2.1.4. Discriminação pela idade em Portugal

Entre Maio e Junho de 2009, foi realizado, a pedido da União Europeia, um questionário intitulado: *Discrimination in the EU* (Special Eurobarometer 317, Comissão Europeia, 2009), que permitiu analisar os níveis de discriminação, nos seus países membros, relativamente às seis áreas onde está legalmente proibida: género, origem étnica, religião ou crenças, idade e deficiência e orientação sexual.

Pelos dados obtidos, foi possível constatar que a discriminação, com base na idade, é a segunda forma de discriminação mais disseminada na Europa, logo a seguir à da origem étnica. Intensificou-se, de um modo significativo, relativamente ao último inquérito efectuado em 2006, com um diferencial de seis pontos, com exceção de Portugal (+ 2 pontos). Uma explicação dada pela equipa para este diferencial está relacionada com a comemoração do Ano Europeu para Oportunidades Iguais para Todos, em 2007, que terá despertado a atenção dos europeus para as questões da idade e da deficiência.

Uma das questões do inquérito (1.4) pretendia analisar a intensidade com que a discriminação com base na idade se fazia sentir em cada país da CEE e, curiosamente, Portugal (53%) encontra-se ligeiramente abaixo da média europeia (58%). O nível de satisfação pela qualidade dos esforços que têm sido feitos em Portugal para combater todas as formas de discriminação (53%) encontra-se acima da média europeia (49%). No entanto, as pessoas que manifestam desconhecimento são bastante superiores à média europeia (14% contra 7%).

Uma percentagem significativa dos entrevistados (77%) concorda com a adoção de medidas que garantam iguais oportunidades para todos em termos de emprego, independentemente da sua idade (questão 7.4). Encontram-se abaixo das médias europeias, quer quanto ao testemunho de episódios de discriminação face à idade nos últimos 12 meses (5% contra 8% - média europeia), quer quanto ao facto de terem sido alvo de discriminação face à sua própria idade (4% contra 6%). A comparação da atual situação ao nível da discriminação da idade, com a de cinco anos atrás, reuniu uma percentagem menor do que relativamente à média (35% contra 42%).

A opinião dos europeus deixa transparecer que a discriminação pela idade tem vindo a ganhar espaço na Europa, especialmente nas respostas obtidas pelos cidadãos com mais de 40 anos. Há ainda um grande caminho a percorrer ao nível dos media, já que um terço dos participantes não traduz satisfatoriamente a diversidade e em particular a idade. É surpreendente a relação entre a diversidade do círculo social e a aceitação das minorias.

Apesar destes dados apontarem, por parte dos portugueses entrevistados, menor desconforto com a discriminação face aos seus parceiros europeus, grande

parte dos europeus acredita que a situação financeira vai intensificar os níveis de discriminação relativamente à idade e à deficiência, e que se verificará um desinvestimento na prevenção da discriminação.

2.1.5. *Sans teeth, sans eyes, sans taste, sans everything?*

Os estereótipos, de acordo com Thornton (2002), surgem da inerência com que a nossa mente tende a criar categorias para organizar o que compreende: “Its necessary to make inferences from perceptions” (p. 302). Com o intuito de atribuir um sentido ao mundo, procuramos colocar as pessoas, objetos, eventos com características similares, em categorias. Hagestad e Uhlenber (2005), citando Braithwaite (2002), designam as categorias por *ferramentas cognitivas*, que processam os estereótipos, reduzindo as diferenças dentro de cada categoria e tornando invisível o individual. Estes mesmos autores destacam a importância da idade como pilar fundamental para a organização social, criando, ainda, segundo Fry (2010), distintos percursos de vida (período de preparação - adolescência, um período de trabalho e casamento - vida adulta e um período de reforma e descanso - terceira idade), estruturando o mercado de trabalho e a educação e definindo os inerentes privilégios da vida adulta.

No entanto, segundo Thornton (2002), a linguagem utilizada, através de *piadas e anedotas* (p.304) para descrever e catalogar as pessoas, torna-se o verdadeiro problema. Em 1969, Palmore inicia pesquisa ao nível dos estereótipos associados ao envelhecimento, aos quais reconhece um paralelismo estreito com o racismo, tema onde residiam as raízes do seu percurso como investigador, e é neste mesmo ano que a definição original do ageísmo é instituída por Robert Butler (Palmore, 2005).

Sans teeth, sans eyes, sans taste, sans everything
(Shakespeare, Seven Ages of Man, As You Like It, II, citado por
Thornton, 2002, p. 303)

Revendo as cruas palavras de Shakespeare citado por Thornton (2002), citando, alerta para a percepção do envelhecimento, associada à doença, senilidade, solidão, perda de vigor, dificuldade de adaptação e mudança, na acentuação da imagem depressiva do idoso, desvalorizando os fatores como o estilo de vida, experiências culturais e condições sociais para o envelhecimento saudável e, inevitavelmente, influenciam as nossas atitudes perante os idosos, perpetuando os estereótipos, alimentados pelo medo e ideias erradas da experiência do envelhecimento. Este tipo de estereótipos, contra diferentes tipos etários, foi traduzido

do termo *ageism* para *idadismo*, de acordo com Marques (2011), acrescentando que alguns autores optam, contudo, pela designação “gerontismo” (p.18), ou seja, a discriminação face à idade.

Tal como a redução do racismo, nos Estados Unidos, se fez sentir com a integração dos negros nos locais de trabalho (Palmore, 2005), também outros investigadores acreditam que a segregação da idade está estreitamente ligada ao ageismo, acentuando distinções entre “nós” e “eles”. (Hagestade e Uhlenberg, 2005). Estas distinções são eleitas pelo marketing e, segundo estes mesmos investigadores, perpetuadas como nichos economicamente rentáveis, personalizando produtos que enfatizam essa mesma categorização como *revistas, programas televisivos e publicidade* (p.349).

Estereótipos, positivos ou negativos, podem ser limitativos, assim como as generalizações negativas que, se forem *aceites* como verdadeiras, podem conduzir a pré-julgamentos negativos de grupos inteiros inibindo interpretações e perceções mais sensíveis (Gilbert e Ricketts, 2008). Esta perspetiva é reforçada por Marques (2011), com o conceito introduzido por Becca Levy da Universidade de Yale, designado pelo efeito nefasto que *as atitudes e estereótipos associados às pessoas idosas*, assumindo o carácter de “profecias autocumpridas”, (p. 53), podendo afetar a sua qualidade de vida.

2.1.6. “We shall overcome ageism” de Palmore à visão otimista de Bragança

A vasta investigação desenvolvida por Palmore, em temas como o racismo e estereótipos, conduziu-o, em 1969, ao estudo dos estereótipos do envelhecimento (Palmore, 2005). Na mesma altura, surgia o termo *idadismo* (em inglês *ageism*), proposto pelo psicólogo Butler quando procurava explicar as reações negativas de uma comunidade à construção de um empreendimento imobiliário (Marques, 2011).

A recolha de piadas humorísticas, efetuada por Palmore (2005), permitiu analisar os estereótipos refletidos e instigou a realização de subsequentes estudos. Conforme ele próprio relata no seu texto para a revista *Generations*, construiu um questionário em 1977, designado por *Facts on Aging Quiz*, que incluía 25 questões de verdadeiro/falso, tornando-se um instrumento imprescindível para:

“...stimulating group discussions and clarification of misconceptions; measuring different groups and comparing their levels on information about aging; measuring bias toward the aged; and measuring the effects of courses and workshops.” (p. 88)

Ainda de acordo com Palmore (2005), o vasto número de estudos que passaram a integrar o seu questionário motivou a publicação de um livro, em 1988, apresentando as suas diversas aplicações e resultados. Esta compilação permitiu constatar o grande desconhecimento das pessoas acerca do envelhecimento e que grande parte das ideias erradas tendem a refletir estereótipos negativos relativamente aos idosos, considerando-os como pessoas incapazes de se adaptarem à mudança, geralmente aborrecidos e miseráveis, a viver na pobreza, bastante irritáveis e maldispostos, que são mais sujeitos a violência familiar do que os jovens, que conduzem pior e têm mais acidentes do que os jovens e que, na maioria dos casos, vive só. Por outro lado, a maioria dos estudos revela que as experiências educacionais surtem aumentos significativos, ao nível do conhecimento sobre o envelhecimento.

Palmore, no mesmo artigo, refere os perigos do idadismo patentes na sociedade, ainda que de uma forma velada, causador de medo desnecessário, perda de tempo, doença, e miséria, e considera-o como uma *doença social* tal como o racismo e o sexismo, que pode, no entanto, ser contornado através da *educação, dissuasão, protesto, organização* e pelos exemplos de envelhecimento com sucesso.

Acreditando que a Europa, e em particular Portugal, tem vindo a caminhar sob a haste da frase emblemática com que Palmore encerrou o seu artigo, “We shall overcome Ageism”, realizou-se, em Bragança, um estudo que vem acenar com o positivismo de um novo olhar sobre o envelhecimento (Magalhães, 2010). Em 2010, o estudo efetuado por Carlos Magalhães utilizou, entre outros, o questionário de Palmore, permitindo-lhe observar a tendência atual para uma imagem mais positiva acerca da velhice, que confirma outros estudos recentes (Magalhães, 2010).

Nos questionários aplicados aos 375 entrevistados, cinco itens de orientação positiva obtiveram a concordância da maioria da amostra, reconhecendo no idoso a sua maior experiência de vida, a sua grande utilidade à sociedade, a sua sabedoria. Foram reconhecidos como bons cuidadores de crianças e que, grande parte, são carinhosos. Ainda segundo a mesma tabela IV, 53,9% dos entrevistados concorda que o grupo de pessoas idosas tende a assemelhar-se fisicamente e 53,1 %, que o grupo das pessoas idosas tende a assemelhar-se em comportamentos.

O estudo revela que uma percentagem elevada da amostra discorda da maioria dos estereótipos negativos. Contudo, 58,4% da amostra concorda que a maioria das pessoas idosas é analfabeta e que se verifica um retorno à infância. 60% concorda que a velhice é sinónimo de decadência física.

A prevalência de estereótipos positivos foi também observada num outro estudo efetuado por Cherry, *et al.*, (2008), através de um questionário de 20 questões, ROPE (*Relating to Older People Evaluation*), revelando a disponibilidade dos

entrevistados para: “Segurar nas Portas para as pessoas idosas por causa da sua idade”, “Gostar de manter conversas com pessoas idosas por causa da sua idade”, “Elogiar as pessoas idosas sobre o seu aspeto, apesar da sua idade” e “Pedir conselhos a uma pessoa idosa por causa da sua idade”. (pag.853)

2.1.7. Educar para o envelhecimento

Desde muito cedo que as crianças manifestam estereótipos negativos relativamente aos idosos (Robinson, Callister e Magoffin, 2008). Estes mesmos investigadores referem que as pessoas idosas são vistas, de uma forma geral, como ineficazes, dependentes, solitários, pobres, zangados, excessivamente enrugados, feios, sujos, incapacitados, menos ativos fisicamente e menos saudáveis do que os jovens e que, estes, em virtude da redução dos contactos com os idosos, passam a obter a maior parte da informação sobre o envelhecimento, através dos media.

As atitudes das crianças face às pessoas idosas estão estritamente ligadas às atitudes destas perante o seu próprio envelhecimento e diferem de criança para criança (Gilbert, *et al.*, 2008). As mesmas autoras destacam que essas atitudes estão estritamente baseadas em sistemas e valores culturais e familiares e reforçadas por experiências, informação e outras influências externas, exercendo a família uma das principais formas de socialização e servindo como uma das primeiras fontes de informação sobre o envelhecimento. É no seio da família que os comportamentos face às pessoas idosas são observados desde cedo e aprendidos pelas crianças muito jovens, o que poderá repercutir-se na sua própria perceção relativamente às pessoas idosas. Também a linguagem, humor e os media, particularmente livros e televisão, fornecem às crianças informação acerca do envelhecimento e pessoas idosas (Chamberlain, *et al.*, 1994; Fillmer, 1984, citados por Gilbert, *et al.*, 2008). A teoria da cultura, uma área que explicitamente se preocupa com a exposição repetida aos media (Gorham, 1999), vem reforçar esta posição, defendendo que, quanto mais se presta atenção aos media, mais o indivíduo se torna receptivo a aceitar as atitudes e crenças representados nos media (Gerbner, *et al.*, 2002 citado por Robinson, *et al.*, 2009). E os agentes de socialização, normalmente aceites pela criança, incluindo pais, pares, familiares, pessoas conhecidas e professores, passam a perder impacto e a serem substituídos pelas informações obtidas pelos media. (Robinson, *et al.*, 2009 citando Arnett, 1995).

Na opinião de Gorham (1999), a compreensão da forma como a maldade dos estereótipos nos media é exercida, pode ser analisada em duas vertentes: (1) “*Stereotypes are important because of what they do*” e (2) “*stereotypes are important because of what they mean*”. As imagens estereotipadas comportam uma

dupla função, convencendo pensamentos considerados apropriados para os membros de um determinado grupo social e sugerindo as ações e papéis apropriados, formando imagens na nossa cabeça, que traduzem a nossa experiência pessoal mas também o que aprendemos das outras pessoas (Lippmann,1922 citado por Gorham,1999).

A família pode desempenhar o papel de agente acionador de uma aprendizagem construtiva, saudável e de atitudes positivas (Page, *et al.*, citado por Gilbert, *et al.*, 2008), mobilizando a visão afirmativa relativamente aos idosos e a um processo individual de envelhecimento saudável, mediando o conteúdo estereotipado da televisão e encorajando as suas competências críticas (Greenberg, *et al.*, 1983).

A análise para o estudo efetuado em 2009, “Older characteres in teen movies from 1980-2006” (Robinson, *et al.*, 2009) organizou-se na observação de características de idosos contemplando pessoas com 55 anos de idade, ou revelando uma ou mais das seguintes sete características destacando-se a de possuir uma aparência de reformado, extensivo cabelo grisalho, rugas na pele, extensiva perda de cabelo ou calvície, utilização de muleta ou cadeira de rodas. Posteriormente, foram codificadas as características físicas e os traços de personalidade. As características físicas estruturam-se em quatro áreas: nível de saúde (boa, limitações pouco significativas, pobre); nível de atividade física (muito ativo, ativo, inativo) e retrato físico (cabelo e tipo de barba e cor, dentes, óculos, rugas, nível de atratividade, tipo de corpo e o uso de ajuda física como muletas, cadeira de rodas, ou auxílio para a audição). Ao nível dos traços de personalidade, foram consideradas os seguintes descritores: esquecido/zangado/mal-humorado, sem humor, indefeso, solitário/recluso, inteligente/sábio, triste, senil/doido, amigável, metediço, feliz/contente, amoroso/protetor, excêntrico, altamente terno, objeto de ridículo ou maligno/sinistro.

Os seus autores puderam observar que os idosos estavam sub-representados e significativamente desprestigiados, reforçando as crenças de que estes são maus condutores, vivem zangados, a maior parte das vezes, e senis. Estas constatações permitiram-lhes compreender a importância do impacto dos media na interiorização de estereótipos, durante o processo de formulação da identidade dos jovens.

Ensinar as crianças acerca do envelhecimento traz vantagens, permitindo que as crianças se sintam mais confortáveis com os idosos, libertando-se de mitos e receios do envelhecimento e promovendo alterações de comportamento e atitudes relativamente aos idosos (Gilbert, *et al.*, 2008).

2.2. As artes para a Educação do Sentimento, Sensibilidade e Literacia

A criatividade, flexibilidade, adaptabilidade e inovação foram as competências reconhecidas pela Unesco, durante a Conferência Mundial em Educação pela Arte (2006), como indispensáveis para o mercado de trabalho deste século. Nesta sequência, o *“Road Map for Arts Education”* (2006) acentua a importância das Artes e o seu valioso contributo para o desenvolvimento destas competências, junto dos alunos, favorecendo a auto-expressão, a avaliação crítica do mundo envolvente e o envolvimento ativo em vários aspetos da existência humana. Os quatro principais objetivos do ensino artístico apontados nessa conferência foram: a promoção do acesso à educação e à participação cultural e artística, a promoção do potencial humano (como a criatividade, iniciativa, imaginação fértil, inteligência emocional, reflexão crítica, autonomia e liberdade de pensamento e ação), o aumento da qualidade da educação (através da aprendizagem ativa, de um currículo que se aproxime dos interesses dos alunos, do respeito e interação com as comunidades e culturas e professores motivados) e, finalmente, encorajar a diversidade cultural (através das expressões artísticas e práticas culturais das várias culturas).

São descritas, nesse mesmo documento, as três dimensões através das quais o aluno aumenta o seu grau de conhecimento, nomeadamente através da interação, prática e estudo.

Partindo destes pressupostos, a proposta de revisão curricular do Ministério da Educação, de Janeiro de 2012, motivou a realização de vários debates, no seio da Associação de Professores de Educação Visual, em torno do lugar da educação artística visual no curriculum do ensino básico, originando a publicação de um conjunto de textos intitulados "Construções sobre os programas das ARTES Visuais", que lançam olhares, ainda não finalizados, sobre as políticas, as pedagogias e as práticas de educação visual nas escolas portuguesas.

A associação define o termo “Educação Visual” como uma área disciplinar fundamental para a aquisição de saberes e competências próprias do pensamento visual, da expressão, da comunicação e da criação artística, agilizando o processo de aprendizagem individual de cada um dos alunos e acerca das suas comunidades, num mundo cada vez mais globalizado e contribuindo para a formação de cidadãos ativos (como membros de uma comunidade), reforçando, deste modo, os princípios de cooperação incorporados na declaração conjunta da *InSEA* (International Society for Education through Art), *ISME* (International Society for Music Education) e *IDEA* (International Drama/Theatre and Education Association). (APECV, Associação Professores Educação e Comunicação Visual, 2012)

É destacada a importância de uma preparação consistente dos jovens para a compreensão da cultura visual, emanada pelos canais mediáticos, através de uma efervescência de imagens que representam interpretações do mundo em termos visuais e que, por isso, nunca são verdadeiramente transparentes. Quer as indústrias culturais (caso das publicações, música, indústria do cinema e televisão, e outros media), quer as institucionais (caso dos museus, eventos musicais, centros culturais, galerias de arte e teatros), são consideradas pela Unesco como veículos através dos quais as pessoas acedem à cultura e à arte.

Contudo, o mito de disciplina prática remeteu para um segundo plano os espaços de diálogo promotores do desenvolvimento crítico e narrativo, prejudicando o falar sobre Arte, que é tão importante como fazer Arte. Através destes espaços, tornámo-nos, segundo Barbosa (2006), citando Eisner, conscientes do meio ambiente que nos circunda, refinamos os *sentidos* e *alargamos a imaginação*, potencializando a cognição.

Eça (2010) enumera as inúmeras vantagens do acesso a uma boa educação artística, comprovadas por vários estudos que revelam que estes alunos, que dela usufruem, são mais tolerantes, conseguem usar pensamento divergente e convergente, são mais curiosos, mais abertos à mudança, não têm medo de arriscar e são mais críticos. Daí que a acentuação excessiva na representação rigorosa de metodologias de projeto de determinadas áreas como a arquitetura, engenharia e o design, proclamadas pela atual revisão curricular ministerial, poderá invalidar a aquisição de uma visão humanista e abrangente por parte dos nossos jovens num futuro sustentável.

2.2.1. Descodificar e criticar um “texto visual”

Porque será que a reação criativa e intuitiva a um qualquer texto visual, na opinião de Morgado (2008), não passa de um nível aceitável? As razões apresentadas pela autora sustentam-se na urgência de formar o cidadão para lidar com um mundo cada vez mais complexamente dominado pela visualidade e multicultural e que lhe permita ler e analisar as imagens da sua cultura, habilitando-o a extrapolar esse exercício de descodificação para aumentar a sua receptividade face a imagens de outras culturas. Estes dois eixos foram fundamentais para o projecto europeu – *Visualising Europe* - literacia visual e educação, concluído em 2008, que pretendia apelar à participação ativa dos jovens no processo de fazer sentido do mundo que os rodeia, estimulando novas formas de pensar e agir, que lhes permitisse transferir essa competência para outras culturas.

A definição de texto visual, utilizada neste projecto, refere-se a qualquer tipo de texto que transmita significado visual, incluindo a arte visual, os anúncios, os programas televisivos, os filmes, os livros com imagens e cartazes e implica capacidades de descodificação e de uso crítico.

No seu livro “Sete Dias no Mundo da Arte”, Sarah Thornton reforça a importância desta participação ativa dos jovens, em particular nas aulas de crítica, onde são encorajados a dar a sua opinião sobre o trabalho dos colegas, favorecendo um conhecimento mais aprofundado sobre esse trabalho, enquanto os professores presenciam as respetivas intervenções, preparando-os para o mercado de trabalho, imbuindo-os de resistência discursiva e crítica (Thornton, 2010).

2.2.2. As artes nas práticas intergeracionais

Greaves (2006) salienta que as intervenções que promovem os contactos sociais activos e encorajam a criatividade, mediadas por um mentor, são mais passíveis de produzir saúde e bem-estar ao contrário das intervenções passivas – visitas ao domicílio, que comportam reduzida eficácia (Greaves citando Clark M, *et al.*, 1992; Howse, 2000 e Findlay, 2003). Deste modo, as intervenções que promovem o contacto ativo, o desenvolvimento de papéis sociais significativos e compromisso ativo nas comunidades locais, têm claramente um impacto positivo na saúde e qualidade de vida dos idosos, refere o mesmo autor citando Anderson (1985); Tennstedt, *et al.*, (1998); Ciechanowski P, *et al.* (2004); McAuley, *et al.*, (2000). Ainda segundo este mesmo investigador, a criatividade foi descrita como um factor chave na adaptação ao envelhecimento (Greaves, 2006, citando Smith, *et al.*, 1989) conducente ao bem-estar psicológico (Greaves, 2006, citando Shaw, 2001 e Wickstrom-Britt, 2002), reforçando:

In these studies, participation in art projects also helped people feel “part of a team” and reduced social isolation. (Greaves, 2006, p.135).

Um estudo efetuado por Wickstrom (2004) junto de 166 participantes, entre os 65 e 89 anos, demonstrou que as experiências estéticas proporcionaram momentos gratificantes, contribuindo para a noção da ausência do tempo e do espaço. A estética ajuda os indivíduos a conhecerem-se a si próprios, a sentirem-se vivos, fornecendo-lhes um novo olhar sobre si próprios e sobre o mundo, convidando-os a participar em novas experiências visuais (Khatchdourian, 1980 citado por Wickstrom, 2004).

Reforçando a importância destas atividades estéticas, Fisher (1999) concluiu no seu estudo que um dos maiores benefícios, citado por metade dos participantes,

reside no esquecimento do sofrimento através da concentração no trabalho desenvolvido levando-os a concentrarem-se nesse ato positivo, perdendo a noção do tempo, em vez de terem de lidar com situações negativas.

3.0. Seleção da Metodologia de Investigação

Bogdan e Biklen (1994) definem a investigação como uma atitude, uma perspetiva que as pessoas tomam face a objetos e atividades. Este estudo partiu das oportunidades criadas pelas inúmeras práticas intergeracionais, já com alguma tradição no Agrupamento de Escolas de Arga e Lima, particularmente na experiência ocorrida na disciplina de Área de Projeto e Educação Visual, entre Maio e Junho de 2011, que proporcionou 6 encontros através da Arte, entre alunos do sétimo ano, seis idosas do Lar de Fontão, 2 auxiliares e 1 voluntária.

Pretendeu-se, com este estudo, não só recolher informações sistemáticas, mas também promover mudanças sociais.

3.1. Escolha e caracterização do método

Para melhor conseguir dar resposta às questões de investigação propostas, optou-se por uma abordagem qualitativa, utilizando o método de investigação-ação.

Uma das principais razões para a escolha deste método prendeu-se com a fácil aplicabilidade do mesmo em contexto de sala de aulas, conforme proposto por Bogdan e Biklen (1994), tornando exequíveis as actividades delineadas. Por outro lado, o acesso aos sujeitos envolvidos no estudo, alunos e respetivos avós, apresentou-se como um fator decisivo e da maior importância para a aplicação deste estudo.

Outra razão para a escolha deste método assentou no facto de já estarem sedimentadas algumas condições que, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), favorecem a amizade ou a coloquialidade entre os elementos do grupo de estudo, particularmente, entre o investigador e os alunos, provenientes de experiências prévias, o que permitiu, pela reflexão sobre dados recolhidos, detectar alguns temas emergentes.

Este método favorece a integração da prática reflexiva, num diálogo interno onde a componente profissional e pessoal serão, de acordo com Hughes e Heycox (2008), colocadas ao dispor da autenticidade e integridade, numa aliança estreita com a criatividade e flexibilidade. Os mesmos autores destacam, ainda, a importância do olhar atento às complexidades e ambiguidades das situações, nem sempre visíveis à superfície.

Por último, o método escolhido permite analisar os estereótipos relativos ao envelhecimento, permitindo ainda ao investigador proceder à recolha sistemática de informação e detetar lacunas e áreas de intervenção no sistema. Este conhecimento

poderá ser aplicado ao nível de futuras ações que se espera venham a reduzir ou minorar o impacto dos estereótipos detetados.

3.1.1. Vantagens e desvantagens do método

Uma das principais críticas efetuadas à investigação-ação incide sobre a sua suposta falta de rigor científico. Por outro lado, o facto de os seus objetivos serem demasiado situacionais e específicos pode invalidar a generalização dos seus resultados (Serrano citado por Moura, 2003). Marshall e Gretchen (1999) reforçam estas questões, salientando que o investigador deve estar consciente das fronteiras do seu estudo, naturalmente confinado a um determinado contexto, e de que forma poderão os seus resultados, sustentados numa pesquisa bem conduzida e fundamentada a nível concetual, traduzir-se em pequenas contribuições para o conhecimento, que estimularão novas conexões e possibilidades para a ação. McMillan e Schumacher (2009) propõem estratégias de atuação que auxiliarão o investigador qualitativo a assegurar a validade do seu estudo, ou seja, o grau de congruência entre as interpretações dos participantes e do investigador:

“Strategies are added as appropriate to maintain the least of amount of intrusion while increasing the quality of data.” (McMillan e Schumacher, 2009, p. 331)

À luz das estratégias apresentadas pelos autores acima referidos, foi possível desenvolver este estudo dentro do período estipulado, através de recursos diversificados, que contribuíram para a triangulação de informação durante a recolha e análise dos dados. As transcrições foram efetuadas a partir da linguagem dos participantes, registados em vários casos através do gravador e fotografias, que permitiram registos precisos e literais.

Durante o período de recolha e análise dos dados, foi prestada atenção aos dados discrepantes, que surgiram como exceções aos padrões encontrados. Teria sido vantajoso que a investigação tivesse sido alargada a mais investigadores e que os participantes (nomeadamente os avós) tivessem sido contactados pela investigadora de uma forma mais contínua, de forma a inteirá-los de todo o processo.

Sem descurar a subjetividade humana e as relações entre teoria e prática, as questões de investigação, tratadas através da investigação-ação, permitem ao investigador adquirir a sensibilidade necessária para compreender, descobrir e interpretar o contexto onde os acontecimentos se dão.

Sendo verdade que o progresso do estudo depende substancialmente da qualidade das relações construídas com os participantes, torna-se fundamental que o

investigador não descure o autoquestionamento (Patton, 2002 citado por McMillan e Schumacher, 2009). A autenticidade é, segundo os mesmos autores, a reconstrução fiel das percepções dos participantes envolvidos no estudo, o que permite aos leitores a aproximação aos participantes e às situações, possibilitando a sua posterior aplicabilidade a novos contextos.

3.2. Desenho da Investigação

Este estudo foi desenvolvido durante o ano letivo de 2011/2012 e foi estruturado em quatro etapas:

1ª Etapa. Este período, que decorreu entre setembro e dezembro, foi destinado à revisão da literatura, formalização dos contactos junto dos parceiros (ver anexo A) e preparação dos questionários a implementar a alunos e avós. Foi desenvolvida uma pesquisa e seleção de literatura adequada à problemática em questão, que se distribuiu por quatro expressões-chave estruturantes: Dinâmicas intergeracionais, Estereótipos, Literacia Visual e Arte.

Foram, ainda, sendo desenvolvidos contactos junto da Direção da Escola do Agrupamento de Escolas de Arga e Lima, Diretores de Turma e alunos de duas turmas do oitavo ano (8ºC e 8ºE). Dever-se-á registar a imediata concordância por parte de todos os contactados para a aplicação deste estudo, por se tratar de uma escola que valoriza a dimensão humana e social e que potencia um ambiente propício a atividades desta natureza.

Aproveitando, no final de dezembro, a habitual presença dos Encarregados de Educação na escola, para a receção dos resultados escolares dos seus educandos, a investigadora formalizou o convite junto dos Encarregados de Educação. (ver anexos B e C)

2ª Etapa. No início de janeiro, foram rececionados os convites, entregues em dezembro, com as respetivas concordâncias para a participação no projeto. Logo de imediato, foram remetidos, num envelope, por intermédio dos alunos, os questionários que permitiram conhecer mais de perto os agentes envolvidos a três níveis distintos: bem-estar psicológico, dados sociodemográficos e atitudes discriminatórias (ver anexos D e E). Foram estruturadas algumas sessões, que se destinaram exclusivamente aos alunos em contexto de sala de

aulas e outras que se desenvolveram parcialmente na sala de aulas, com continuidade em ambiente familiar, num total de sete.

Duas professoras que lecionavam a disciplina de Português, às duas turmas envolvidas, foram convidadas a aplicar uma das sessões (sessão 3) e a partilhar a estrutura de análise de uma imagem patente no livro adotado para o ano lectivo a decorrer, de forma a poder analisar a sua utilização pelos alunos. Continuou-se com a revisão de literatura de forma a aprofundar determinadas questões que surgiam ao estabelecer a ponte entre a gerontologia e as obras de arte.

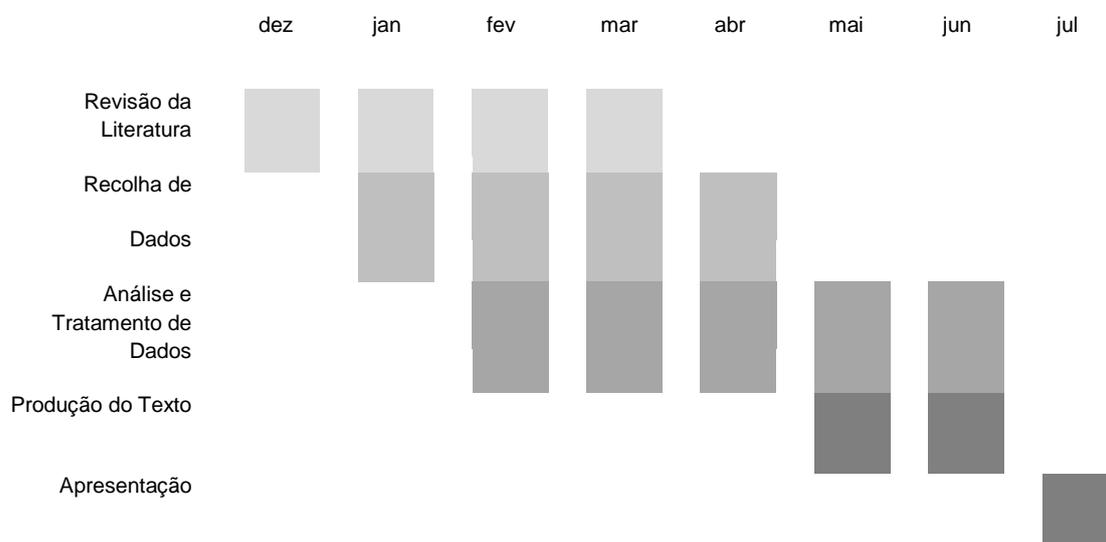
3ª Etapa. Aplicação da planificação no terreno, utilizando duas turmas do 8º ano e respetivos avós, na disciplina de Educação Visual, na escola sede do Agrupamento Vertical de Escolas Arga e Lima, em Lanheses.

Apesar de as sessões terem sido numeradas, pressupondo uma ordem sequencial, na prática tal não aconteceu, em virtude de grande parte dos dados dependerem dos avós que nem sempre estavam disponíveis para corresponderem às solicitações efetuadas pelos seus netos (agentes dinamizadores). Por outro lado, os próprios alunos estavam sujeitos a avaliações intermédias a Matemática, causando estes testes ansiedade e desgaste mental e físico. Foi necessário, como mais à frente se pormenoriza (capítulo 4), compreender a importância de manter uma atitude flexível e aceitar tais constrangimentos, prolongando o tempo de receção da informação, como no caso da interrupção da páscoa, e manter a disponibilidade para promover encontros informais, num gabinete, para agilizar as digitalizações e tratamento de alguns dos textos.

4ª Etapa. Ao longo do processo de receção de inquéritos e aplicação das sessões, a investigadora foi procedendo à recolha de dados que, de uma forma sistemática, contribuíram para enriquecer o tronco comum deste projeto e, assim, contribuir para a aproximação das gerações através da Arte. Deste modo, foram surgindo dois ramos principais, sustentados pelos olhares dos alunos e dos seus avós face ao envelhecimento.

3.2.1. Plano de Ação

De acordo com a tabela abaixo, a ação decorreu entre dezembro de 2011 e abril de 2012:



Legenda: Tabela 1 – Plano de Ação - Atividades

3.2.2. Contexto da Investigação e Participantes

Os alunos envolvidos neste estudo frequentam a escola sede do Agrupamento Vertical de Escolas Arga e Lima, em Lanheses, desde há quatro anos. A escola, localizada em Lanheses, que integra freguesias adjacentes a Lanheses num raio de 12 km, tem fortes tradições agrícolas e estreitas relações familiares.

Noventa e cinco parceiros (alunos e avós) acederam ao convite efetuado e disponibilizaram-se para integrar a equipa de pesquisa, preenchendo os questionários apresentados. No entanto, alguns dos parceiros foram descurando a intensidade do seu envolvimento, quer por motivos de saúde, no caso dos avós, quer pelos resultados escolares, no caso dos alunos. Por esse motivo, a investigadora considerou apenas como critério de exclusão aqueles que falharam a mais do que uma sessão, tendo a amostra final totalizado 90 participantes. Estes participantes dividiram-se em dois grupos:

Primeiro grupo. Relativo a uma turma do oitavo ano (8^oC), com dezoito alunos e vinte e sete avós (doze do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 67-96 anos, e quinze do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 63-89 anos).

Segundo grupo. Relativo à turma do 8^oE, com catorze alunos e vinte e um avós (oito do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 62 - 81

anos, e treze do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 59 - 77 anos).

Convém referir que se verificaram duas exceções na turma do 8^oC, por terem sido integradas no projeto duas tias que constituem o núcleo familiar próximo de duas das alunas, em substituição dos seus avós já falecidos. Mais tarde, verificou-se uma outra reformulação na equipa da mesma turma, passando a ser integrada por um bisavô que se disponibilizou para substituir os elementos iniciais, por se encontrarem em França.

Uma particularidade significativa reside no facto de ambas as turmas terem sido alvo de sensibilização para o contacto com a população sénior, tendo a turma do 8^oC integrado previamente um projeto desenvolvido, no ano anterior, com seis idosas de um Centro de Dia de Fontão, e a turma do 8^oE integrar um ateliê, cujos objetivos procuram corresponder aos desafios do Ano Europeu 2012.

Colaboraram, ainda, neste estudo, duas docentes de Português dos respetivos Conselhos de Turma, que se disponibilizaram para acompanhar os seus alunos na aplicação de uma das sessões.

O espaço onde decorreu a investigação correspondeu à sala de aula de Educação Visual, compartilhada com outras disciplinas, sendo esta espaçosa e luminosa. O projetor e os três computadores que integram a sala de aulas foram ferramentas imprescindíveis para algumas das sessões implementadas, assim como uma pequena biblioteca de livros de arte disponibilizada pela investigadora.

3.3. Métodos de Recolha de dados

Foram recolhidos os comentários dos participantes envolvidos no estudo, relativos a:

1. uma seleção de obras de arte, efetuada pela professora/investigadora, que refletem aspetos prementes sobre o envelhecimento;
2. histórias orais que testemunham percursos únicos;
3. entrevistas que evidenciam a forma única como cada ser humano vivencia o seu próprio processo de envelhecimento;
4. linhas de tempo, documentando momentos marcantes de evolução individual;

5. história dos objetos associados à transformação individual;
6. imagens que traduzem o olhar conjunto de avós e netos sobre o que é envelhecer.

Foram reunidas notas de campo que se revelaram elementos fundamentais para o estudo, auxiliadas pelo registo pontual de fotografias e a gravação áudio.

Também a foto-elicitación foi utilizada para estimular o debate e a reflexão. Trata-se de uma das ferramentas da pesquisa visual, assim como o desenho, câmaras digitais, câmaras de vídeo e fotografias de família, photo-voice, que pode ser usada para favorecer a interação dos participantes, num estilo *cooperativo* (Bogdan e Bilken, 1994).

3.3.1. Observação participante

*Prepare to be changed.
Looking deeply at other people's lives force you to look deeply at yourself.*
(Patton, 2002, p.35)

A observação é uma técnica de recolha de dados que permite ao investigador aproximar-se da perspectiva dos sujeitos, que agiliza a obtenção de dados sem interferir no grupo estudado e, eventualmente, permitir o vislumbre de novas facetas, previamente não contempladas, do problema inicial, espelhadas em comportamentos espontâneos e não-verbais. Recorrendo à observação, o investigador fica menos dependente da sua introspeção ou reflexão.

Contudo, se o investigador não for criterioso, organizando devidamente os seus dados, poderá ter que depender da sua memória para a reconstituição dos acontecimentos, impregnando o estudo com a sua interpretação condicionada.

Como observadora participante, a investigadora pôde mergulhar na esfera íntima do grupo de estudo, acedendo a dados privados que normalmente não são partilhados pelos alunos e, ainda, aos seus comentários espontâneos proferidos durante as sessões. Estas pequenas histórias, ao serem relatadas pelos alunos e avós, foram confluindo na mesma direção, permitindo que a investigadora testemunhasse a constituição deste *mapa vivo* ou *tecido de histórias* (Tallmadgale, 1997:ix, citado por Patton, 2002, p.27), despertando os seus sentidos e capacidades, incorporando o décimo conselho de Patton (2002), ou seja, preparando-se para ser

mudada, porque, ao olhar atentamente para a vida dos outros, a investigadora foi impelida a olhar, com a mesma profundidade, para a sua própria vida.

A investigadora pôde, ainda, com a sua presença, condicionar os comportamentos do grupo de estudo. Ciente desta eventualidade e de que as crianças apresentam um desafio especial em termos relacionais (Fine, *et al.*, 1988 citado por Bogdan e Bilken, 1994), a professora investigadora procurou proporcionar uma atmosfera de autonomia e confiança, procurando reduzir a inibição dos alunos, acolhendo com respeito cada experiência partilhada e incentivando, de uma forma sistemática, o trabalho em equipa.

3.3.2. Notas de Campo

Estas notas de campo devem fluir diretamente da cabeça do investigador e representar o seu estilo particular, devendo refletir a disciplina, exercitando a sua memória, capacidade de escrita e/ou a energia (Bogdan e Bilken, 1994).

Assim, essas ideias, estratégias, reflexões e palpites foram compilados pela investigadora em dois tipos de materiais: descritivos e reflexivos. O material descritivo procurou reconstruir os diálogos, descrição do espaço físico e relatar alguns acontecimentos particulares. Procurando realizar um bom estudo, e apoiando-se nos mesmos autores, a investigadora procurou manter um registo preciso dos métodos, procedimentos e análises desenvolvidas, disponibilizando o tempo necessário para refletir sobre esse dia, teorizar, registar informações adicionais e delinear a próxima observação (Bogdan e Bilken, 1994).

3.3.3. Registos áudio, visuais e escritos

O registo áudio revelou-se uma mais-valia inquestionável durante o terceiro ciclo, permitindo à professora/investigadora retirar ainda mais informação do que com as notas de campo. O registo áudio foi utilizado no final das sessões 1, 2, 3 e 7, tendo-se os alunos gradualmente ambientado a esta tecnologia, solicitando-a de uma forma espontânea.

Ao longo do terceiro ciclo, fez-se sentir a ambivalência do efeito da máquina fotográfica, de um modo compensado e explorado. Assim, em contexto de sala de aulas, os registos fotográficos foram efetuados de uma forma muito contida, para que as atividades delineadas nas sessões pudessem prosseguir, sem interferências, num ambiente não intrusivo. Contudo, em quatro das sessões, tornou-se uma ferramenta de vital importância, enriquecendo e reforçando os depoimentos escritos de alunos e avós.

De forma a agilizar a recolha de dados e a análise interpretativa, foram utilizadas, ao longo das sessões, folhas de perguntas e respostas, um processo fácil de administrar e rápido de ser preenchido. Para compensar alguma da sua eventual superficialidade, conforme refere Moura (1993), esses dados foram reforçados pelas gravações áudio e notas de campo.

3.3.4. Questionário

Ainda que os questionários não sejam normalmente utilizados na investigação qualitativa (Bogdan e Bilken, 2004), estes possuem a vantagem de os participantes não terem que escrever ou verbalizar pensamentos (em particular, os estruturados a partir de questões fechadas) tendo apenas que selecionar a alternativa que descreva melhor a sua resposta (Sampieri, Collado e Lucio, 2003). Por conseguinte, aplicaram-se, durante o segundo ciclo, os seguintes questionários:

Questionário 1. Adaptado do Anexo A - Questionário de Dados Sociodemográficos – incluído na Dissertação de Maria Clara Pinheiro de Paula Couto, baseado no guião de Entrevista elaborado por Rosa Novo, em 2000;

Questionário 2. Readaptado do Anexo B - Questionário de Atitudes discriminatórias face à idade avançada – incluído na Dissertação de Maria Clara Pinheiro de Paula Couto, baseado em The Ageism Survey Erdman Palmore, 2000;

Questionário 3. Versão integral das Escolas de BEP, de C. Ryff (University of Wisconsin), que constituiu o Anexo C da Dissertação de Maria Clara Pinheiro de Paula Couto e elaborada em 2004 por Rosa F. Novo, Eugénia Duarte Silva e Elisabeth Peralta.

Foi possível, deste modo, conseguir uma rápida fonte de informação sobre a equipa participante neste estudo.

3.3.5. Entrevista

A entrevista qualitativa é definida por Sampieri (2003) como uma conversa entre uma pessoa (o entrevistador) e outra (entrevistado) e pode, a nível formal, ser estruturada, semiestruturada ou aberta. Neste estudo, a entrevista foi exaustivamente utilizada como uma valiosa fonte de recolha de dados, ao longo das várias sessões.

Algumas das entrevistas efetuadas obedeceram a duas questões únicas (entrevistas estruturadas) no final de cada uma das seguintes sessões:

Sessão1 (ver anexo F)

1. *Que dificuldades encontraram na divisão das imagens?*
2. *De que forma é que a convivência com os vossos avós influenciou a vossa análise das imagens?*

Sessão2 (ver anexo G)

1. *Como é que se sentiriam se tivessem sido os realizadores destes excertos?*
2. *Qual dos momentos vos despertou mais a curiosidade?*

Noutras ocasiões, foram introduzidas mais algumas questões, de forma a alargar o espectro das informações (entrevistas semiestruturadas). Normalmente, as questões foram colocadas de forma a que o entrevistado tivesse que exemplificar, fornecendo exemplos concretos.

Sessão3 (ver anexo H)

Este documento/guião de entrevista foi elaborado pela investigadora com o intuito de agilizar a entrevista efetuada pelos alunos aos seus avós:

1. *Alterações físicas.*
2. *Alterações psicológicas.*
3. *Desejos/Projetos.*
4. *Medos.*
5. *Atividades desenvolvidas.*
6. *Histórias curiosas.*
7. *Comentários/frases dignas de registo.*
8. *Outras observações que considerem oportunas.*
9. *Comentários à imagem que acompanha o texto.*

Sessão 5 (ver anexo J)

1. Materialidade do objeto:

- 1.a) *Que forma tem o objeto?;*
- 1.b) *Que qualidades físicas apresentam o objeto? (material, tamanho, peso, cor, textura...);*
- 1.c) *Como é que trouxeste o objeto para que fosse observado pelos outros?*

2. Contexto cultural do objecto:

- 2.a) *Como é que esse objeto é tratado? (usado diariamente, só em momentos especiais, guardado num local próprio ou especial...)*
- 2.b) *A que mudança/transformação na tua vida é que o objeto está associado?*
- 2.c) *Conta-nos a história do objeto? Como é que o objeto chegou até ti?*

2.d) Queres explicar o que sentes ao teres trazido este objeto para nos mostrar?

3.3.6. Coleção de artefactos (objetos)

Segundo McMillan e Schumacher (2009), os documentos pessoais, documentos oficiais e objetos constituem uma fonte para a investigação qualitativa, por permitirem a recolha de dados significativos sobre a experiência das pessoas, conhecimento, ações e valores. Gillian (2007) destaca a importância dos objetos e das suas trocas, no contexto das relações sociais e, conseqüentemente, no tecido das sociedades humanas. Aproveitando a oportunidade criada pela intimidade que se foi instalando entre a investigadora e os seus parceiros (avós e netos), logo após as duas primeiras sessões, foi solicitado que disponibilizassem o acesso (material ou fotográfico) aos objetos que marcassem um momento significativo de mudança e de crescimento nos seus percursos de vida. Os inúmeros registos fotográficos conseguidos permitiram à investigadora familiarizar-se com os universos sociais, económicos e religiosos que, por vezes, estabelecidos através da seleção efetuada e que, curiosamente, apresentaram a religiosidade como um ponto comum, entre as duas gerações.

3.3.7. História oral

Na segunda parte da sessão 2, os alunos, após o visionamento de três excertos de um filme/documentário, disponibilizaram-se a recriar uma situação similar, solicitando aos seus avós que partilhassem um episódio, um acontecimento pertinente das suas vidas e que, tal como no filme visionado, auxiliasse a constituir um arquivo de memórias para as gerações futuras. Utilizaram um documento orientador criado para o efeito pela professora/investigadora (ver anexo G).

Através da recolha e síntese destes testemunhos, foi permitido conhecer a ligação profunda dos avós à família e à interajuda, à natureza como fonte de subsistência, às privações de um passado que receiam para os seus netos, ao humor e às partidas, à religiosidade e heranças afetivas e à resiliência capaz de superar as maiores dificuldades.

3.4. Considerações éticas

Cooperação, confiança, abertura e aceitação são referidos por McMillan e Schumacher (2009) como elementos imprescindíveis a ter em conta pelo investigador qualitativo, quando interage com os informantes que se disponibilizam, ajustando e adaptando as suas rotinas, colaborando na sua investigação.

Após o contacto e a imediata anuência por parte do Diretor do Agrupamento, os participantes foram devidamente clarificados quanto ao propósito da investigação e convidados, formalmente, a integrar a mesma. Foi dada atenção especial à distinção entre a autorização para a utilização de eventuais depoimentos escritos e imagens para que se gerasse um ambiente de transparência, reduzindo qualquer sensação de intrusão, por parte da investigadora. Todos os documentos foram codificados.

Ao longo das sessões, foi necessário tranquilizar alguns alunos que expressaram a renitência dos seus avós em cederem algumas das fotografias solicitadas. Por outro lado, constatou-se que alguns avós que inicialmente se tinham oposto à cedência de imagem, acederam generosamente a todas as solicitações efetuadas pela professora / investigadora, por intermédio dos seus netos.

3.5. Estratégia de análise de dados

A análise de dados é o processo da compilação e organização dos dados recolhidos, transcrições de entrevistas, de notas de campo e outros materiais. Apesar de ser um processo exaustivo e complexo, pode ser dividido em várias fases. Um dos momentos fundamentais reside no quarto conselho (Bogdan e Bilken, 1994), que consiste na importância da reflexão sobre as notas de campo das sessões anteriores e, no qual, o investigador se pergunta “O que é que eu ainda não sei?”

Deste modo, a investigadora foi reformulando algumas das sessões previamente delineadas, tornando-as mais incisivas, de forma a captar detalhes significativos sobre os parceiros e que reunissem informação suficiente para o esclarecimento das questões formuladas. Pode afirmar-se que cada sessão, estruturada pela investigadora durante o seu plano de ação, foi catapultada sobre a anterior, visando ações dentro do espaço de sala de aulas e outras, a serem dinamizadas, num espírito colaborativo, entre os netos e os seus avós.

A investigadora procurou estar atenta e desperta a acontecimentos relevantes que pudessem motivar associações, registando-as para que fossem mais tarde alvo de reflexão, como o caso de alguns avós que revelaram alguma renitência por partilharem imagens suas atuais.

Foram criados, pela investigadora, auxiliares visuais (símbolos, cores) que permitiram descortinar os dados recolhidos, definir tipologias de respostas que constituíssem unidades coerentes durante o capítulo 4 (Discussão de Dados). O cuidado, ao nível da diversificação das fontes que permitissem motivar os alunos, como os livros de arte, artigos de jornais e um filme, estimulou a utilização de técnicas diversificadas como a Foto-elicitação, a história oral, recolha de artefactos (objetos)

que, comportando dados diferentes, permitiram o cruzamento da informação e a resposta às questões inicialmente formuladas.

4.0. Desenvolvimento da investigação-acção

O modelo de Elliot, *"por causa da sua ênfase na inter-relação entre ação e reflexão e porque procura fornecer aos professores investigadores uma oportunidade para contextualizar o seu pensamento num contexto mais vasto social e político,"* (Moura, 2003, p.15), foi adotado pela investigadora para a operacionalização da sua investigação-acção:

4.1. Etapa 1

Entre setembro e dezembro, foi efetuada a revisão da literatura de autores nacionais e internacionais que sustentasse teoricamente o problema formulado, assim como a metodologia apropriada para uma ação de âmbito intergeracional que se pretendia dinâmica, reflexiva e colaborativa, envolvendo alunos, respetivos avós e professora/investigadora. A inscrição da investigadora junto da *AGE Platform Europe* e às notícias mensais, e ainda, junto da *EMIL*, permitiu o acesso a experiências europeias e internacionais relevantes para a investigação – acção (Moura, 2003).

Foi solicitada, formalmente, autorização ao Diretor do Agrupamento (ver anexo A) e, logo em seguida, de um modo informal, aos respetivos Diretores de Turma e respetivos alunos, elementos fundamentais para a mediação desta ação e sensibilização junto dos avós. Durante as reuniões de entrega dos resultados da avaliação do primeiro período (dezembro), após uma breve sensibilização, foram entregues a cada encarregado de educação dois convites, que se destinavam aos seus filhos e aos seus pais (ver Anexo B e Anexo C).

A revisão da literatura foi avançando paralelamente, de forma a encontrar informação que sustentasse a estruturação dos questionários a aplicar aos alunos das duas turmas do oitavo ano – turmas C e E (ver Anexo D – questionário 1 – Bem estar Psicológico) e respetivos avós (ver Anexo E: questionário 1 - Dados Sociodemográficos, questionário 2 – de Atitudes Discriminatórias e questionário 3 – Questionário de Bem Estar Psicológico).

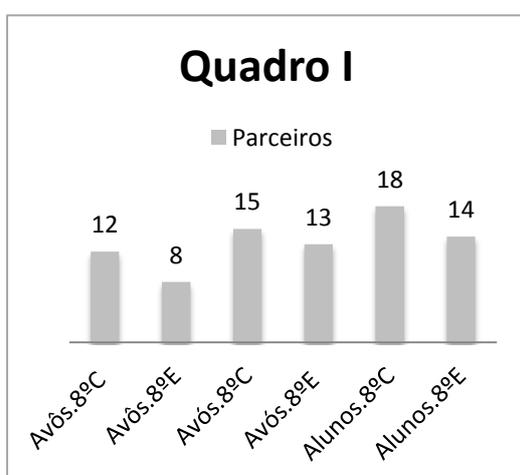
4.2. Etapa 2

No início de janeiro, foram rececionados os convites com as respetivas concordâncias para a adesão ao projeto. Na segunda quinzena de janeiro, foram remetidos, através dos alunos, os questionários construídos no ciclo anterior, que

foram devolvidos no final do mesmo mês. Foi possível criar uma listagem dos participantes com indicação clara sobre as autorizações quanto à utilização dos textos produzidos e imagens e iniciar a análise dos questionários implementados.

Apesar dos questionários terem sido respondidos, inicialmente, por 59 elementos, por questões de rigor (conforme já explanado anteriormente), foram só considerados os questionários cujos participantes cumpriram com elevada satisfação as sessões, considerando-se para isso a ausência de uma única sessão.

Desta forma, foram seleccionadas para análise dos resultados, as sessões relativas a 80 parceiros, conforme quadro I, imediatamente abaixo.



Questionário 1

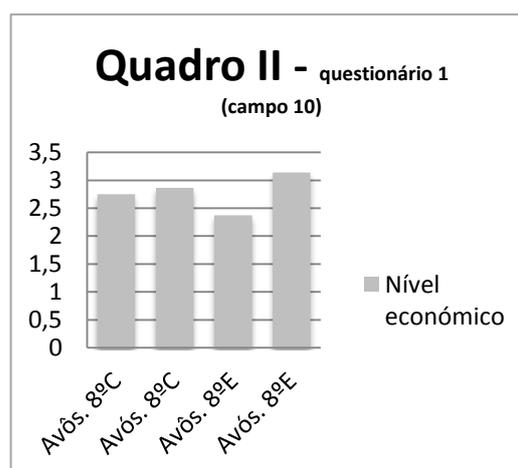
De acordo com o questionário 1, foi possível observar que as profissões desempenhadas pelo setor masculino são bastante mais diversificadas que as do setor feminino, que normalmente estão associadas à agricultura e à vida doméstica.

Quase todos vivem em casas próprias / alugadas e só duas das avós vivem sozinhas, e apresentam uma média

de 71.4 anos. Uma percentagem significativa dos avós (48%) assinalou, no campo 10, morar junto dos filhos e netos: (ver Quadro II).

Os avós participantes consideram o seu nível económico entre o 2. *Satisfatório*, e o 3. *Nem satisfatório, nem insatisfatório* (média 2.78), destacando-se as 13 avós do 8ºE, que revelam maior índice de insatisfação (ver Quadro II).

Observando os dados fornecidos relativamente ao campo 12 “atividades”, foi possível constatar que algumas atividades nunca são praticadas por uma significativa percentagem dos avós participantes: 77,1% nunca joga nem usa o computador, 70,8% nunca vê espetáculos/cinema, 64,6% nunca lê livros, 45,8% nunca lê jornais/ revistas e 41,7% nunca pratica ginástica. As duas áreas, de prática diária, assinaladas com



maior relevância pelos avós dizem respeito ao tempo passado a ver televisão e a ouvir a rádio (79,2%) e a conversar (75%). A primeira área é partilhada com os netos por 16 dos avós e a segunda área privilegia a conversa com os netos (25 dos avós) e com os amigos (29 dos avós).

Questionário 2

No questionário 2 – Atitudes Discriminatórias, os avós foram confrontados com nove questões e só numa delas (questão 9) não foi efetuada qualquer sinalização. Foi possível constatar que as respostas a duas questões (questão 6 e 7), associadas à diminuição das capacidades auditivas e de raciocínio mental (Ver quadro III), traduzem maior preocupação por parte dos avós:

QUADRO III – Atitudes Discriminatórias

	1 vez		Mais 1 vez	
	M	H	M	H
1. Contaram-me uma piada que ridicularizava as pessoas de mais idade	1	1	3	
2. Fui ignorado ou não levado a sério devido à minha idade	5	2		
3. Chamaram-me um nome, que insultava, devido à minha idade	2	2	2	1
4. Falaram comigo de forma condescendente ou paternalista devido à minha idade	4	2	2	1
5. Fui tratado com menos dignidade e respeito devido à minha idade	4			1
6. Sugeriram que não ouço bem devido à minha idade	5	2	5	4
7. Sugeriram que eu não compreendo bem devido à minha idade	3	1	6	5
8. Alguém me disse: “O Sr. (a) é muito velho (a)”	1	1	1	1
9. Fui vítima de violência (física/moral) devido à minha idade	0	0	0	0

De acordo com o quadro acima, torna-se óbvio que a percentagem dos avós, vítima de atitudes discriminatórias, é reduzida. No entanto, convém salientar que o maior desconforto geral se faz sentir entre o grupo das mulheres e, em particular, na turma do 8ºC (8ºC - 18,5% contra 8ºE - 16,2%), e com menor incidência entre os homens do 8ºE (8ºE - 8,3% contra 8ºC - 16,67).

Focalizando a atenção sobre uma das questões mais polémicas (a audição), é importante destacar que as seis respostas masculinas (50%) se concentram na mesma turma do 8ºC.

A última questão (9 - Fui vítima de violência (física/moral) devido à minha idade) não foi assinalada por qualquer participante.

Questionário 3

Este questionário visou recolher informações quanto às seis dimensões, “de natureza cognitiva e afetiva, as quais permitem identificar as qualidades e/ou fragilidades do funcionamento psicológico” (Couto, 2007, p. 37): aceitação de si,

relações positivas com os outros, domínio do meio, crescimento pessoal, objetivos na vida e autonomia.

A primeira dimensão, **Aceitação de Si**, foi estruturada em três questões, sendo possível, relativamente a cada uma delas, constatar o seguinte:

1. Não tenho medo de expressar as minhas opiniões mesmo quando elas são contrárias às opiniões da maioria das pessoas;

Pode observar-se que a maioria dos participantes (avós e netos) concordou com a primeira questão colocada. No entanto, é possível observar que os alunos do 8ºC colocam mais obstáculos do que os do 8ºE, o mesmo acontecendo entre os avós do 8ºE relativamente aos do 8ºC.

2. Frequentemente, sinto-me esmagado pelo peso das responsabilidades;

A maioria dos avós das duas turmas não se sente esmagado pelas responsabilidades. No entanto, entre as mulheres, o índice de desconforto é bastante superior ao dos homens.

A maioria dos alunos concorda com esta afirmação, com maior expressividade entre os alunos da turma 8ºC (66,7%).

3. Penso que é importante ter novas experiências que questionem a forma como pensamos acerca de nós mesmos e do mundo;

A totalidade dos parceiros reconheceu a importância de novas experiências, com 3 exceções que colocam algumas renitências (2 avós e um aluno do 8ºE).

Sobre as três questões formuladas relativamente à segunda dimensão, **Relações Positivas com os outros**, pode observar-se o seguinte:

4. Para mim, manter relacionamentos sinceros com os outros tem sido difícil e frustrante

A maioria dos participantes discorda desta afirmação, com maior ênfase no grupo dos avós do 8ºC (73.3% discorda completamente).

Entre os alunos, as opiniões são mais heterogêneas e mais renitentes, verificando-se 4 alunos do 8ºC e 4 do 8ºE que denotam algumas dificuldades no relacionamento com os outros de uma forma sincera.

5. Não tenho a noção do que pretendo alcançar na vida;

Observou-se, mais uma vez, que a esmagadora maioria dos avôs discorda desta afirmação, com maiores reservas entre os avôs do 8ºE.

Os alunos, apesar de discordarem, apresentam resultados menos afirmativos, surgindo dois casos no 8ºC, que revelam completa desorientação face aos seus planos futuros.

6. Quando revejo a minha vida, fico contente da forma como as coisas aconteceram;

A maioria dos participantes (avós e alunos) concorda e afirma sentir-se contente quando revê a sua vida. No entanto, entre as avós constata-se uma redução significativa de concordância. Destacam-se alguns parceiros entre os dois grupos que se posicionam exatamente na opção oposta, discordando completamente. (3 avós - 8ºE, 2 alunos - 8ºC, 1 avô - 8ºC e 1 avô - 8ºC)

A terceira dimensão, **Autonomia**, foi também explorada a partir de três questões:

7. Tenho tendência para me preocupar com o que as outras pessoas pensam de mim;

A preocupação pela imagem pessoal junto dos outros originou respostas bastantes diversas junto dos parceiros. Os alunos do 8ºC e os avôs do 8ºE são os que mais se preocupam. Numa posição contrária, e em larga maioria, encontram-se as avós do 8ºE.

8. Sou capaz de utilizar bem o meu tempo para conseguir fazer tudo o que preciso fazer;

Com maior renitência por parte dos alunos, a larga maioria dos envolvidos sente que consegue fazer uma boa gestão do tempo para a realização dos seus compromissos.

9. Sinto que com o decorrer do tempo, consegui desenvolver-me bastante como pessoa;

Mais uma vez, com raríssimas exceções - 2 entre os avós - foi permitido constatar que a totalidade dos participantes afirma que aproveitou o seu percurso de vida para a sua valorização.

Foram implementadas mais três questões com o intuito de compreender de que forma os participantes encaravam a quarta dimensão, **Domínio do Meio**:

10. *Sinto que aproveito muito as minhas amizades;*

Os relacionamentos amigáveis são aproveitados por praticamente todos os envolvidos, tendo a larga maioria deles afirmado que concordava plenamente. Continuam a observar-se algumas exceções entre os avós do 8ºC.

11. *Sinto prazer em fazer planos para o futuro e trabalhar para os tornar realidade;*

A maioria dos participantes afirmou ter prazer em trabalhar para tornar reais os seus projetos, destacando-se os alunos onde não se verifica qualquer exceção.

No pequeno grupo que discorda desta afirmação, sobressaíram 4 avós que discordam completamente.

12. *Gosto da maioria dos aspetos da minha personalidade;*

Entre a totalidade dos parceiros só foram encontradas 3 exceções - avós do 8ºC, que discordam completamente desta afirmação, e um aluno do 8ºC, que coloca alguma reserva.

Para se poder conseguir uma perspetiva sobre a quinta dimensão, **Objetivos de Vida**, foram lançadas mais três questões:

13. *Tenho tendência a ser influenciado(a) por pessoas com opiniões firmes;*

Através dos elementos recolhidos, observou-se que, apesar da maioria afirmar que não tem tendência para ser influenciada, existe uma grande heterogeneidade ao nível das avós. Só no seio dos avós do 8ºE é que as opiniões se equilibram.

14. *Tenho dificuldade em organizar a minha vida de forma que me satisfaça;*

A heterogeneidade voltou a fazer-se sentir ao longo dos dados. No entanto, a maioria afirmou não ter dificuldade em organizar a vida. Algumas situações prenderam a atenção da investigadora por traduzirem, por parte dos parceiros, dificuldade grave ao nível da organização: 3 avós e 1 aluno do 8ºC.

15.*Há muito tempo que desisti de fazer grandes modificações ou melhorias na minha vida;*

Só seis participantes (avós) concordam plenamente que deixaram de procurar modificações ou melhorias nas suas vidas. A maioria não está de acordo, ainda que com oscilações.

Finalmente, e para poder obter uma perspetiva da sexta dimensão, **Crescimento Pessoal**, foram aplicadas as últimas três questões:

16.*Não tive a experiência de ter muitas relações calorosas e baseadas na confiança;*

Foi possível concluir que a maioria discorda desta afirmação. Os alunos, apesar de discordarem, apresentam-se mais renitentes do que os avós.

Dois avós do 8ºC não responderam a esta questão.

17.*Em última análise, olhando para trás, não tenho bem a certeza de que a minha vida tenha valido muito;*

Apesar de a maioria achar que as suas vidas tenham sido significativas, verificam-se catorze participantes, pertencentes a todos os subgrupos questionados, que concordaram com esta questão. Surpreendentemente, os alunos que maiores entraves colocam à validade das suas vidas, encontram-se no 8ºC (5 alunos) e 2 deles concordam plenamente!

18.*Em muitos aspetos, sinto-me desiludido (a) com o que alcancei na vida;*

Esta última questão obteve a discordância da maioria dos subgrupos envolvidos, verificando-se um vasto número de inquiridos que assinalou a opção *discordo plenamente*.

No entanto, volta-se a destacar um grupo de 7 alunos do 8ºC, que coloca algumas reservas a esta retrospectiva das suas vidas.

Após a leitura dos dados recolhidos, foram delineadas sete sessões, duas delas exclusivamente destinada aos alunos, e todas as outras cinco destinadas ao envolvimento dos alunos como agentes mobilizadores junto dos seus avós.

4.3. Etapa 3

Durante este ciclo, foram implementadas as sete sessões que decorreram formalmente em cinco aulas, entre 29 de fevereiro e 22 de março. Em virtude do tipo de material solicitado para as sessões 4, 5 e 6, e da disponibilidade de alunos e respectivos avós, a professora / investigadora disponibilizou-se para encontros informais com os alunos (sala de aulas e gabinete do Departamento), que decorreram durante as duas últimas aulas do segundo período e, ainda, durante grande parte da interrupção letiva da páscoa, que agilizasse a digitalização das fotografias e o tratamento informático dessa informação.

Devido à diversidade de dados recolhidos, relativamente às sessões 2, 3, 4 e 5, a investigadora procedeu à atribuição dos seguintes elementos: Indicação da turma, seguido do número do aluno, a clarificação sobre o participante – avô ou avó - e seguido da letra R (reminiscência) na sessão 2, da letra E (entrevista) na sessão 3, das letras LT (Linha do Tempo) na sessão 4 e, finalmente, as letras OB (Objeto) na sessão 5.

Sessão 1	Good and Bad Aging		
Objetivos	.Sensibilizar para o Ano Europeu 2012, a partir da análise de um conjunto de obras selecionadas pela investigadora .Conhecer os argumentos utilizados pelos alunos para a divisão das imagens positivas e negativas sobre o envelhecimento		
Conceitos	Pintura	Envelhecimento	Literacia Visual
Estratégias	Visualização de catorze imagens Debate em grupo Questionários aos alunos		
Recursos	Livros de Arte e um conjunto de imagens digitalizadas e impressas sobre cartões, comportando no seu verso a respetiva ficha técnica e Gravador. Imagens: Coleção Taschen, 2004 Figura 1. <i>Cinco Cabeças Grotescas</i> , Leonardo da Vinci, c. 1490, Pena e Tinta, 261x 206 mm, Windsor, Windsor Castle (Vol. 18) Figura 2. <i>Velha fritando Ovos</i> , Diego Velasquez, , 1618, Oleo sobre tela, 100,5 x 119,5 cm, Edimburgo, National Gallery of Scotland (Vol.24) Figura 3. <i>Velho tocando Bandolim</i> , Tamara de Lempicka, 1935, Óleo sobre tela, 66x50 cm, Beauvais, Musée Departmental de L'Oise (Vol.51) Figura 4. <i>Velho Camponês</i> , Ernst Ludwig Kirchner, 1919/1920, Óleo sobre tela, 90x75cm, Bernvied, Buchheim Museum (Vol. 36) Figura 5. <i>Sauve qu'il peut!</i> , Georg Grosz, 1922, Litografia de Die Rauber (Vol 60). Figura 6. <i>Jacob Abençoando os Filhos do José</i> , Rembrandt, 1656, Óleo sobre tela, 175x 210,5 cm, Kassel, Staatliche Kunstsammlungen Kassel, Gemeldegalerie Alte Meister (Vol. 3)		

	<p>Figura 7. <i>O repouso durante a fuga para o Egípto</i>, Caravaggio, cerca de 1596-1597, Óleo sobre tela, 135,5x136,5 (Vol. 6)</p> <p>Figura 8. <i>As três Idades</i>, Gustav Klimt, 1905, Óleo sobre tela, 180x 180 cm, Roma, Galleria Nazionale d'Arte Moderna (Vol. 42)</p> <p>Figura 9. <i>A pequena carroça do Père Junier</i>, Henri Rousseau, 1908, Óleo sobre tela, 97x129 cm, Paris, Musée de l'Orangerie, Coleção Jean – Walter – Paul Guillaume (Vol. 50)</p> <p>Figura 10. <i>O velho músico</i>, Édouard Manet, 1862, Óleo sobre tela, 186x247 cm, Washington, National, Gallery of Art, Coleção Chester Dale (Vol.6)</p>
Recolha dados	Notas de campo, registos escritos (documento 1), questionário cujas respostas foram gravadas
Calendarização	45 minutos cada sessão 02 de março 15.30h/17.00h 8°C .1º grupo 8°C .2º grupo 29 de fevereiro 15.30h/17.00h 8ºE .1º grupo 8ºE .2º grupo

Procurando compreender a visão dos alunos sobre a dualidade entre “*Bad e Good Aging*”, foram reunidas catorze imagens a partir de alguns livros da coleção Taschen que integram a biblioteca da sala de desenho e que refletiam perspetivas sobre o envelhecimento. Esta biblioteca tem vindo a ser constituída pela investigadora desde que leciona nesta escola com o intuito de familiarizar os alunos com o mundo da arte.

Cada turma foi dividida em dois grupos e, alternadamente, por períodos de quarenta e cinco minutos, foram convidados a observar, comentar e registar as suas opiniões num documento específico (ver anexo F), procurando catalogar, sem qualquer interferência da investigadora, as imagens em dois grupos: positivas e negativas.

Foi possível observar que onze imagens foram selecionadas para observação e análise ainda que o processo tenha induzido formas de atuação diferenciadas nos quatro grupos. Em dois dos grupos (8°C), as imagens foram espalhadas, arbitrariamente, pela mesa de trabalho e cada um procurou afinidade com uma das imagens para uma breve observação, trocando-a com as dos colegas, procurando parcerias para uma análise mais aprofundada, enquanto que, na turma do 8ºE, os alunos optaram por reflectir em grupo sobre a mesma imagem, tendo um dos grupos mostrado preocupação pelo facto das imagens estarem numeradas, no seu verso. Por vezes, recorreram aos próprios livros para observarem de perto determinados detalhes e, em dois momentos, procurarem a leitura para complementar essa informação.

As duas obras de arte abaixo referenciadas (Figura 1 e Figura 2) desencadearam o maior número de comentários, conduzindo os alunos a dividirem-se quanto à sua classificação.

Dezanove alunos consideraram que os idosos de Leonardo (ver Figura 1) se enquadram numa imagem positiva do envelhecimento:



Figura 1

Cinco Cabeças Grotescas, c. 1490, Leonardo da Vinci

“...parece que estão a conviver alegremente.” 2ºgrupo.8ºE

“... porque há convívio entre os idosos, e não querem saber o que os outros pensam.”
1ºgrupo.8ºC

Contudo, outros vinte alunos foram sensíveis à personagem central, que parece ser o alvo da atenção das restantes quatro personagens, levando-os a considerá-la negativa:

“... parece que na imagem há confronto.” 1ºgrupo.8ºE

“... porque fazem gozo (troça) entre os idosos, pois eles estão a rir-se.”
1ºgrupo.8ºC

A expressividade facial dos personagens despertou uma acesa discussão entre os alunos do primeiro grupo do 8ºE, que realçavam o facto de uma das personagens não ter “*uma cara boa*” e de não saberem “*estar em grupo*”, revelando atitudes inesperadas, tendo em conta a sua faixa etária, exteriorizando sentimentos de jovialidade e prazer com excessivo fulgor:

“ Estar juntos e estar aos gritos!” 1ºgrupo.8ºE (Notas de campo)

Foi efetuada uma transferência curiosa acerca da coroa que a personagem central apresenta sobre o cabelo por parte de um aluno, que pessoalizou o evento comparando-o à descontração após o teste intermédio a Matemática, que tinha

decorrido nessa manhã, como se ambos partilhassem as mesmas atividades e sentimentos.

Um outro aspeto, salientado pelo primeiro grupo do 8ºE, refletiu sobre o facto das personagens idosas surgirem isoladas na imagem, levando-os a estabelecer um



Figura 2. *Velha fritando Ovos*, 1618, Diego Velasquez

paralelo com as “aldeias antigas onde só ficam os idosos.” (1º grupo. 8ºE - Notas de campo)

A relevância dos idosos como agentes de transmissão dos valores culturais às novas gerações, através de simples gestos de continuidade descritos em *The Art of Aging. A Celebration of Old Age in Western Art* (p. 44), é destacada no quadro

intitulado *A Velha fritando Ovos* (ver figura 2), despertando em vinte e cinco alunos uma empatia gerada pelo ambiente em família, pela interação entre o jovem e a idosa, pela transmissão dos ensinamentos:

“Observando a imagem reparamos que a velha fritava ovos. Isto indica-nos que a velha quer transmitir os seus ensinamentos. Por outro lado, também pode representar a cooperação e carinho entre as duas gerações.” 2º grupo. 8ºC

“... estão em ambiente de família, a preparar uma refeição juntos.” 2º grupo. 8ºE

Como fatores decisivos para a categorização de imagem positiva, foi importante a intervenção de uma aluna que pediu a atenção dos colegas para a fisionomia da idosa:

“Podemos reparar numa coisa? Tem poucas rugas! Foi poupada.” 2º grupo. 8ºC (Notas de campo)

Contudo, o dramatismo originado pelo jogo de luz, colocando na sombra grande parte dos detalhes da obra, acrescido da ambiguidade criada pelas expressões

faciais das duas personagens principais, conduziu catorze alunos às seguintes considerações:

“... é uma imagem escura e, pela expressão das personagens, parece que são escravos de alguém.” 2ºgrupo.8ºE

“... parece que são escravos, que estão a ser obrigados a fazer o jantar.” 2ºgrupo.8ºE (indeciso)

“... parece que a idosa está doente e que está ali para fazer a comida para o jovem.” 1ºgrupo.8ºE

Um dos grupos, como se pode observar pelo último comentário, associou a tez iluminada da idosa, em primeiro plano, a alguém que continua, apesar da idade, sob pressão das tarefas diárias, sem tempo para saborear os simples prazeres da vida:

“Uma forma de encarar a velhice... mas idosa rebaixa-se!” 1ºgrupo.8ºC

Um outro grupo extremou a sua opinião sobre a idosa, afastando-a do mito a que Heta e Patrick designam por *Old Mother*, ou seja, a avó doce e paciente que *cozinha tartes e bolos* para os netos com satisfação, considerando-a como uma personagem egoísta e autoritária:

“... a idosa parece que cozinha só para ela, enquanto o rapaz parece um criado, pois traz uma garrafa de vinho.” 1ºgrupo.8ºC

“A avó obriga o neto a ir buscar coisas!” 2ºgrupo.8ºE (notas de campo)



Figura 3. *Velho tocando Bandolim*, 1935, Tamara de Lempicka

O olhar *triste e cansado* do músico de Tamara, aliado às *cores do fundo*, suscitou aos vinte e sete alunos uma imagem negativa. Ainda que o idoso se procure manter musicalmente ativo, o que de acordo com os autores de *The Art of Aging*, é um *símbolo da habilidade para harmonizar o conflito*, o bandolim acentua a solidão do idoso que o usa “*como companhia, sente-se preso ao passado e sozinho*”, *segundo opinião de alunos do 8ºC*.

O sonho e a reminiscência povoam o seu olhar, traído pela força da gravidade dos seus músculos faciais e que se dirige para fora do campo visual a que está restringido,

induzindo dois alunos a considerar que se poderia estar a lembrar dos seus velhos tempos, em que era alegre, divergindo da opinião dos seus colegas, que a consideraram como positiva.

O *Velho camponês* (ver figura 4), com as suas cores contrastantes e pinceladas rudes, acentuou, para um dos grupos, o sentimento de solidão e, numa citação, o indício de *drogas* (medicamentos).

Na opinião de um dos alunos, a obra deixava entrever o “*seu passado colorido*”, mas num presente imerso em adversidades.

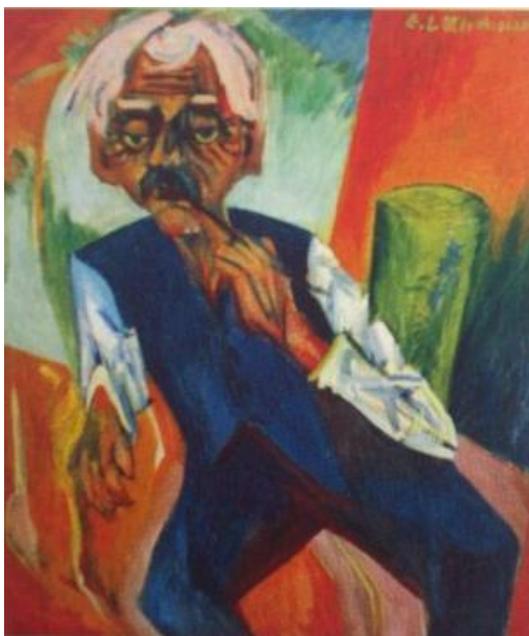


Figura 4. *Velho Camponês*, 1919/1920, Ernst Ludwig Kirchner

“A cara dele está assim... (o aluno mimetiza a expressão do personagem). Agora, a vida não faz sentido.” 1º grupo. 8ºC

Nas notas de campo relativas ao 8ºE, foi possível constatar que os alunos associaram essa tranquilidade à sua *reforma*, como recompensa do seu esforço, apesar de não apagar a sua tristeza, por se encontrar só. Uma aluna argumentou que “...mais vale sozinho do que mal acompanhado”. Só um aluno divergiu dos seus colegas e afirmou que o idoso parecia “*estar sossegado, em paz*”.



Figura 5. *Sauve qui peut!*, 1922, George Grosz

O idoso representado na obra intitulada *Sauve qui peut!* (ver figura 5), mostra-se abatido e cabisbaixo, num isolamento dramático. No entanto, os alunos do 8ºC, que a consideraram pertinente para esta análise, admitem que o idoso poderia albergar no seio das suas memórias alguns arrependimentos causadores desta solidão:

“Representa solidão de um idoso (melancolia ou orgulho do idoso), que pode vir em consequência de uma vida desgastante.” 2º grupo. 8ºC

Perante a obra *Jacob Abençoando os Filhos do José* (ver figura 6), voltou a sentir-se a importância da luz e das cores como fatores fundamentais para a análise e interpretação por parte de nove alunos, que foram sensíveis ao dramatismo da cena, considerando-a negativa pela tristeza revelada nos rostos das personagens que rodeiam Jacob e pela sua imobilidade física:



Figura 6. *Jacob Abençoando os Filhos do José*, 1656, Rembrandt

“O cenário está escuro. Esta mulher vestida de preto e o idoso de claro e as outras personagens escuras... Todos mais escuros do que o idoso!”

“O pior é sentirem-se inválidos!” 8°C (Notas de Campo)

Os alunos referiram ainda que, apesar da proximidade da morte, Jacob se encontra particularmente iluminado, refletindo estabilidade emocional, levando um grupo de alunos a considerar que *“viveu bastante e está confortado com a situação em que se encontra”*, manifestando, segundo eles, alegria pela presença das crianças.

A transcrição parcial das notas de campo que se segue permite analisar a forma como o tema da morte foi invocado pelos alunos quando se depararam com o anjo de Caravaggio (Figura 7), concentrando a sua atenção na antítese produzida pela dualidade do branco das suas vestes e o preto das suas asas.



Figura 7.

O repouso durante a fuga para o Egito, cerca de 1596-1597, Caravaggio

“Este anjo é o anjo da Morte e está a tocar a música da morte...asas pretas”, “Aquele momento parou...”, “Não! A família...”, “Acho que ele queria morrer”, “...vestes brancas”, “Acho estranho...” Antíteses...roupa branca e asas pretas”, “Do Paraíso? Asas pretas?”, “Ele representa as diversas maneiras de ver a morte!”, “Mas só há uma maneira de ver a morte!”, “Se está a sofrer, mais valia morrer!”

Sintetizam as várias intervenções. Cada aluno segurava a sua imagem, aguardando a sua vez para expor as suas conclusões.

“Reparem que ele aqui tem um pouco das asas brancas!”

Uma aluna lê, no verso da imagem, o título: “Fuga para o Egito...”. Riram-se.

“Devem estar a dizer outra coisa!” Riram-se.

Uma aluna abre os olhos e esclarece:

“Há uma passagem na bíblia ... e é o anjo que os leva!”, “Mas porque é que tem as asas pretas?”

Envergonham-se depois de lerem o nome da obra. Procuram melhorar a explicação escrita. Riem-se envergonhados com a responsabilidade. Ricardo apressa os colegas. (Excerto. Notas de Campo. 2º grupo. 8º C)



Figura 8. **As três Idades**, 1905, Gustav Klimt

Uma esmagadora maioria de alunos (vinte e sete) foi sensível à tristeza da idosa que surge no lado esquerdo da obra de Gustav Klimt (ver Figura 8) e que, segundo os alunos, parece ter sido preterida pela sua própria filha, a partir do momento em que esta própria se tornou mãe.

“... parece que a filha deu à luz e esqueceu-se da mãe.”
1º grupo. 8º E

Foi levantada a hipótese da idosa expressar, através do seu rosto encoberto pelos seus longos cabelos, um confronto dramático quando, recordando o seu passado, lamenta não ter sido capaz de “*dar todo o seu carinho*” aos seus próprios filhos. (2ºgrupo.8ºC). A zona texturada onde se encontra o corpo idoso, em contraponto à jovem com o seu filho, amplamente iluminada, acentuou o seu isolamento e a sua maior proximidade da “*Morte, de Deus*”. (2ºgrupo.8ºC),

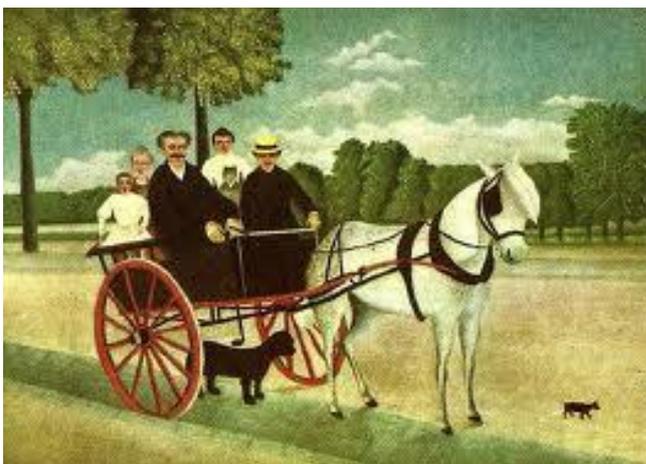


Figura 9. *A pequena carroça do Père Junier*, 1908, Henri Rousseau

Os idosos representados nas obras de Henri Rousseau e Édouard Manet (ver figuras 9 e 10) surgem perfeitamente integrados nas ações que decorrem e olham, com firmeza, o observador. Daí, estas imagens terem sido consideradas, sem exceção, representações positivas do envelhecimento.

Perante a obra intitulada *A pequena Carroça do Père Junier* (ver figura 9), os alunos das duas turmas concordaram com o seu ambiente festivo, harmonioso e de partilha:

“Porque se encontra num ambiente alegre, parece que está toda a gente em família e com alegria.” 2ºgrupo.8ºE

“Porque representa alegria e união entre um grupo de diferentes gerações; parece que estão a aproveitar cada dia ao máximo; abstrair-se da solidão.”
2ºgrupo.8ºC

O *Velho músico* (ver figura 10) que terá interrompido, por breves momentos, a sua ação, despertou, entre os alunos do 8ºE, comentários similares:



“...porque parece que estão em ambiente de festa, convívio e musical.”
2ºgrupo.8ºE

Figura 10. **O velho músico**, 1862, Edouard Manet

Enquanto investigadora, procurei, de uma forma intencional, não interferir nas suas atuações e manter-me atenta aos comentários proferidos, retirando o máximo de registos que me permitisse, mais tarde, confrontar as suas opiniões com o registo das suas conclusões no documento específico. (ver anexo F)

No final da sessão (45 minutos), coloquei as duas questões contempladas no mesmo documento, pedindo para gravar as suas respostas voluntárias.

Foi possível, mais tarde, analisar cuidadosamente as gravações e compreender que a primeira questão colocada, *Que dificuldades encontraram na divisão das imagens?*, proporcionou mais uma oportunidade para os alunos reforçarem a coexistência do lado positivo e do lado negativo na mesma imagem, tendo sido um dos aspetos mais evidenciados nas suas respostas. Para os alunos do 8ºE, foi identificada a contribuição da luz, das cores e das expressões das personagens. Nos alunos do 8ºC, sentiu-se uma maior predisposição para refletir sobre a distribuição das várias personagens pelos planos das obras e a carga simbólica que lhes estaria associada:

“... escuro ... mais confusão do que as cores claras... mais alegre. Para as negativas, vimos as expressões mas também as cores... A família que era representada na obra, aproveitou um dia de sol, bonito...” (Figura 9 – gravações – 1ºgrupo 8ºE)

“... alguns idosos à frente, atrás alguns jovens... isso faz com que pareça que eles se entreejudam ... uma idosa à frente e uma menina atrás...”
(Figura 9 - gravações – 1º grupo 8ºC)

A consciencialização acerca do afastamento entre a interpretação pessoal e a verdadeira intenção do artista é destacada com maior destaque nos comentários dos alunos do 8ºC:

“Ter a visão para além da imagem... para poder perceber o que vai na cabeça do pintor... metáfora... um quadro pode dizer muitas coisas... A imagem é uma coisa ... e observamos os pormenores para poder perceber o que vai na cabeça do pintor mas depois querem dizer muita coisa...” (gravações – 1º grupo 8ºC)

Duas das alunas argumentaram que, na sua opinião, cada envelhecimento é diferente, dependendo dos percursos individuais de cada idoso e da sua postura perante esta nova fase da vida, revelando uma maturidade surpreendente:

“... depende de cada idoso... mais ativo ou... na 12, os idosos encaram a vida de uma forma mais alegre... não perderam tempo na vida. Aproveitaram bem a vida... depende da personalidade de cada um... se a vida foi ctiva ou sedentária...” (gravações – 2º grupo 8ºC)

Para responderem à última questão, *De que forma é que a convivência com os vossos avós influenciou a vossa análise das imagens?*, os alunos do 8ºC socorreram-se de Rembrandt (Figura 6), projetando a morte dos seus próprios avós e antecipando a dor dessa ausência:

“... na cama, quando vou lá... vou sempre para o pé dele, à cama. “

“... parece que vemos lá os nossos avós a sofrer... partir para outro mundo... a não ficarem connosco...”

A cozinha de Velasquez (Figura 2) e a carroça de Rousseau (Figura 9), palcos de interação das várias gerações, foram dois espaços de partilha valorizados pelos alunos de ambas as turmas:

“... nos fazem lembrar... a minha avó... aquela na cozinha... a minha avó, às vezes, diz-me como devo fazer... os nossos avós são muito preciosos a dar conselhos.. têm mais sabedoria... são muito bons nesse sentido... Coisas que se passam connosco no dia a dia...” (8°C)

“Estão juntas a passear.” (8°E)

Comentários de uma extrema sensibilidade e afeição foram proferidos por alguns alunos, de ambas as turmas, que aproveitaram para refletir sobre a sua relação com os seus avós e sobre a sua própria velhice:

“...os netos ligam-se mais aos avós... só se lembram do que sentiram ao longo dos anos todos que passaram com eles... só quando eles estão doentes...”

“Mesmo que os nossos avós não tenham tido a atenção que precisaram, eles estão a tentar fazer com que nós tenhamos, para depois conseguirmos passar isso aos netos...”

Quando nós nascemos, eles é que são quase os nossos pais... porque as mães têm de ir trabalhar e ficam alguns meses connosco e... quando nasci, foi a minha avó que me criou...”

“... se calhar temos de dar mais atenção... por um lado... devemos ter um pouco mais de atenção aos nossos avós... quando vemos as imagens negativas... eu penso que nos colocam a pensar... sobre o dia de amanhã.”

“Influenciou bastante porque, quando eu for idosa, não queria ser posta de parte.”

Breves considerações sobre a sessão 1

A coexistência das várias gerações e a interação entre os seus vários elementos foi o principal argumento para que todos os alunos considerassem três das obras analisadas como imagens positivas do envelhecimento. Curiosamente, desde *A pequena carroça do Père Jupier*, *O velho músico* e *O repouso durante a fuga para o Egito*, as suas personagens são acolhidas em planos de fundo dominados pela presença da natureza com quem estabelecem uma harmonia tranquilizadora.

A proximidade da morte tornou-se bastante menos dramática no quadro de Rembrandt, reproduzida no rosto tranquilo de Jacob e que, apesar de debilitado fisicamente, abençoa duas crianças de uma forma enternecedora. Esta obra suscitou transferências pessoais bastante comoventes, revelando-se uma excelente oportunidade para os alunos refletirem sobre a sua própria relação com os seus avós.

Esta sessão criou uma predisposição nos alunos para que encarassem os seus próprios avós como futuros protagonistas das próximas sessões e em si próprios, como depositários de uma missão relevante, trazendo a sua voz para o espaço público e atribuindo-lhes o papel principal.

Sessão 2	<i>O Céu que gira</i> (ação colaborativa intergeracional)		
Objetivos	.Sensibilizar para o Ano Europeu 2012 e dinâmicas intergeracionais .Refletir sobre 3 momentos de “O céu gira” .Conhecer a opinião dos alunos sobre o reconhecimento dos idosos como “guardiões” .Conhecer os testemunhos orais dos avós participantes		
Conceitos	Cinema	Literacia Visual	História Oral
Estratégias	Visualização de três excertos seleccionados (1º excerto. 2m 20s / 4m 29s, 2º excerto. 17m 46s / 22m 25s e 3º excerto. 41m 50s / 44m 11s). Questionários aos alunos (Sessão 2 – Fase A) Recolha de pequenos episódios significativos (Sessão 2 – Fase B)		
Recursos	DVD.” O Céu gira”.nr. registo 4235/2007. Público Computador, Projetor Multimédia e Gravador		
Recolha dados	Notas de campo, registos escritos (Alunos - 2ª sessão – 1ª fase e Avós- 2ª sessão – 2ª fase), questionário cujas respostas foram gravadas)		
Calendarização	Fase A: Alunos 45 minutos cada sessão 01 março. 8ºE 8,30h/9,45h 07 março.8ºC 13,45/14,30h Fase B: Avós Cerca de 2 semanas		

Como recetores, os alunos puderam assistir a 3 excertos do filme “O céu gira”, nomeado como Melhor Filme no Festival de Roterdão, Melhor Filme no Festival de Paris - Cinéma du Réel e, ainda, Prémio da Crítica Internacional no Festival de Buenos Aires, passado numa aldeia de Soria, Espanha, acompanhando o testemunho de 14 dos seus habitantes, através do olhar da narradora que regressa às suas origens e assiste a esse final, alertando para o facto de muito “*em breve vai extinguir-se sem deixar testemunhos*”, procurando recuperar a sua infância. A realizadora homenageia os seus habitantes, depositários de uma vasta riqueza interior envolta numa discreta simplicidade, em que cada habitante desempenha uma personagem principal, promovendo concepções positivas das pessoas idosas em termos de guardiões de memórias.

Foram seleccionados, pela investigadora, três excertos do filme e que reproduziam claramente a importância dos seus habitantes idosos para a preservação das **I. memórias arqueológicas** (1º excerto **Os dinossauros** – 2m 20s / 4m 29s), **II. memórias arquitetónicas e históricas** (2º excerto **A menina que não sabia rir** – 17m 46s / 22m 25s) e **III. memórias ecológicas e sociais** (3º excerto **O Ulmeiro** – 41m 50s / 44m 11s). Convém clarificar que estas designações foram atribuídas pela investigadora com o intuito de orientar e facilitar o registo das suas opiniões.

Assim, numa aula de 45 minutos, os 3 excertos foram visionados e os alunos registaram os seus comentários num documento específico (ver anexo H).

Só uma aluna identificou a voz da narradora/realizadora que, após uma das intervenções, afirmou que foi com as palavras daquela senhora que cresceu emocionalmente e que as palavras mais sábias vêm dessas pessoas mais idosas pois possuem “*experiência muito maior do que um jovem poderá dizer*”.

Na sua maioria, os alunos do 8ºC privilegiaram significativamente, como primeira opção, a presença dos narradores. Em 32 dos seus comentários, utilizaram expressões como: *senhora idosa, uma velhinha, dois senhores (idosos)* e, como segunda opção: *senhora, senhor, a mulher*. Curiosamente, na turma do 8ºE, a presença do narrador foi ignorada em vários comentários e alguns utilizaram expressões como: *senhora, senhor, a mulher*, focalizando, sobretudo, a sua atenção no relato em si. Nas descrições em que o narrador assumiu uma posição predominante, os alunos mostraram-se sensíveis ao testemunho *arqueológico* da primeira personagem e com a qualidade do seu relato:

“A Senhora idosa esteve a explicar que estavam lá há muitos anos pegadas e partes do corpo marcadas no solo de dinossauros. Ela e os amigos quando eram pequenos não sabiam nada sobre os dinossauros, pois nem imaginavam que aquilo seria história.” C1.R.

“Uma senhora (riscou e colocou idosa), antigamente quando era criança, brincava numa pedreira e tinha uns buracos, mas não sabia o que era, mas passando o tempo, quando já era velhinha, descobriu o que era, eram pegadas de dinossauro e ficou surpreendida. A idosa explicou muito bem que tipo de pegadas e há quanto tempo os dinossauros estavam na terra.” C3.R.

O companheirismo e cumplicidade manifestados entre as duas amigas do segundo excerto, *memórias históricas*, foram destacados em alguns dos comentários:

“Umhas idosas foram a um palácio recordar os tempos em que lá viviam. Depois começaram a recordar as velhas histórias que já lhas contaram. Uma era sobre a menina que não sabia rir, e então os pais compraram-lhe brinquedos de ouro, para ela brincar, mas toda a gente pensava que ela era louca. Tentaram recordar as portas e tudo o resto da casa.” C9.R.

“A amizade entre os idosos. As coisas que ainda aprendem uma com a outra, mostra que numa é tarde para aprender e ensinar. O gosto da idosa pela forma como viveu.” E.10.R.

A consciência ambiental e a preservação da natureza, revelado no último excerto pelos dois amigos que observam fotografias antigas, mereceram uma grande empatia por parte dos alunos:

“Num dia de neve, um senhor estava a mostrar a outro imagens de uma árvore com 50 anos, essa árvore teve uma doença e eles estiveram a tentar salvá-la, tirando terra, mas repararam que ela estava toda seca e ia começar a cair sozinha se ninguém a tirasse dali. Quando estiveram a desenterrá-la, encontraram 2 ou 3 caveiras.” C2.R.

“Dois homens (riscou e colocou idosos) estavam a ver umas fotos antigas de um ulmeiro e essa árvore parecia que era o centro da aldeia. Os dois idosos estavam a ver as fotos quando o ulmeiro morreu, e por baixo do

ulmeiro, encontraram caveiras, partes humanas. Depois, os dois idosos disseram que dali a 400 anos ninguém irá lembrar-se da árvore.” C3.R.

Ainda que em número reduzido, alguns alunos procuraram enriquecer o seu relato estabelecendo simbologias bastante interessantes entre a velhice e a sabedoria, reconhecendo que a idade pode ser uma oportunidade para “*aprender mais coisas*” a que não se dá importância quando se é pequeno.

“Quando eram pequenos, brincavam na pedreira sem saberem nada. Agora, já sabiam.” C5.R.

A deterioração do Ulmeiro foi comparada ao próprio ciclo de vida, a sua morte comparada à passagem inevitável do tempo e uma oportunidade para conjugar esforços de uma comunidade em torno de um símbolo da vida da aldeia. Tal como a história que fala de recordações, aquela árvore viu passar muita gente mas depois morre e, na opinião de uma aluna “*ninguém se vai lembrar se não houver recordações*”. (C5.R).

“O Ulmeiro teve começo há muitos anos atrás mas, como tudo, teve um fim, apesar das pessoas que ele viu crescer, tentarem salvá-lo.” C6.R.

“Este excerto remete ao facto de que o tempo passa muito rápido e que mais cedo ou mais tarde caímos todos no esquecimento porque aquele ulmeiro era “a vida” da aldeia, mas que se vai acabar por esquecer.” C11.R.

“Dois idosos estavam a comentar fotografias tiradas à beira de um ulmeiro. Toda a gente se juntava debaixo e à volta do ulmeiro, mas um dia o ulmeiro acabou por secar e, ao arrancar o ulmeiro, encontraram debaixo, cadáveres humanos. Ficaram tristes por o ulmeiro ter tantas recordações e ter ido embora. Os idosos também comentaram que dali a 400 anos ninguém saberia daquela árvore.” C17.R.

Conforme foi referido anteriormente, os alunos foram anotando os seus comentários sobre os acontecimentos expressos nos excertos, enquanto a investigadora ia preparando a visualização seguinte. Foi conseguido que o ambiente fosse tranquilo e de reflexão ainda que se notasse, por parte de alguns dos alunos,

dificuldade em proceder aos registos escritos, que foram imediatamente recolhidos para posterior análise.

Para finalizar a sessão, a investigadora solicitou, mais uma vez, a autorização para a gravação, e colocou as seguintes questões: 1. Como é que se sentiriam se tivessem sido os realizadores destes excertos? e 2. Qual dos momentos vos despertou mais a curiosidade?

A partir da audição da gravação efetuada na sessão, foi possível observar a importância que os alunos atribuíram à preservação dos costumes antigos, de *“algumas maravilhas do mundo”, “de guardar, meter no filme, coisas antigas para não esquecer”, “coisas que marcaram a vida das pessoas”* e, curiosamente, uma aluna remarcou a importância da continuidade, afirmando que, *“antes de nós, havia outras coisas”*. Foram sensíveis à antiguidade das pegadas dos dinossauros que, segundo um aluno, *“ainda lá estão, e foi há muito, muito tempo”,* sem se danificarem.

O ulmeiro mereceu maior ênfase por parte dos alunos, que afirmaram que há *“coisas na nossa vida que nos fazem sentir bem”,* que nos acompanham toda a vida, e que, apesar de se viver ali à beira dele há muito tempo, se desconhecia *“que ali por baixo, havia os cadáveres”*. Uma aluna afirmou, com muita segurança, que não devemos *“esquecer o antigo, porque o antigo, às vezes, faz muito sentido na vida do presente”*. (E.9). Na turma do 8ºE, a primeira questão voltou a ser lançada, por se sentir um ambiente mais descontraído e, então, um dos alunos pediu a palavra e afirmou que, se fosse o realizador, *“se sentiria orgulhoso porque é sempre bom gravar um filme a nível nacional, internacional, que fala da velhice, do envelhecimento ativo...”* (E.10).

No final da sessão, foi solicitado que recolhessem dos seus avós episódios que pudessem dar continuidade ao observado na aula. Que guardiões seriam os seus avós? Como agentes mobilizadores, partiram como mensageiros de um documento construído para o efeito, que convidava os avós a deixarem um pequeno testemunho para as futuras gerações e se deixassem fotografar de costas, procurando interiorizar a importância daquela mulher a grafite sobre papel, de 1984, de Graça Morais, em cuja *cabeça*, conforme afirma a pintora, *“está a história de uma aldeia”*. (ver Anexo Sessão 2 – 2ª parte).

Os documentos, num total de 49 - inicialmente cinquenta e dois -, foram chegando aleatoriamente, refletindo a disponibilidade dos alunos e seus familiares, por se tratar exclusivamente de trabalho extra sala de aulas. Através das suas palavras, transcritas pela letra dos alunos, com duas exceções, pequenas histórias ganham contornos agrestes, como os percursos que se faziam de madrugada, as revoltas dos animais que se esqueciam de ser dóceis e previsíveis. Referências à morte,

testemunhos de resiliência, de humor/partidas, presença da natureza/sustentabilidade, acidentes físicos, medos, questões económicas/emigração e profissões emergiram dos seus contributos.

A questão económica, em alguns casos, associada à emigração, foi referenciada por dez dos participantes da turma do 8ºE, e em três, da turma 8ºC. Alguns dos relatos deixam transparecer a dificuldade em saciar a fome a todos os elementos da família, acumulando-se inúmeros trabalhos, que conseguissem proporcionar o essencial como “*comida, mesa e teto*” (C.4.Avó.R), a deslocação a cerca de 1000 metros para ir buscar a água a cântaros para que a casa pudesse ser construída:

“Quando construí a minha casa, não tinha poço para ir buscar a água para fazer o cimento e tinha de ir buscar a água a uma fonte que ficava a mil metros do terreno. Iam buscar a água com cântaros e eu e a minha mulher íamos buscar a água às 4 da manhã e eu hoje em dia estou sempre a contar isto aos meus netos pois, comparando o tempo que eu vivi com os dias de hoje, vivemos num mar de rosas.” C15.Avô.R.

Foram referidas as saudades da família que se deixava para trás e por quem se regressava, a uma vida mais dura no campo, a infância que decorria entre a escola e o apoio nas tarefas agrícolas e os “*cestos de madeira*” que se levavam à cabeça:



Figura 11

Sessão 2 . E.9.Avô.R

“Tive 9 filhos, não tinha emprego, trabalhava na lavoura e trabalhava nas vinhas, “fazer vinhas”, cuidar dos toneis de vinho...”

Cheguei a trabalhar para as pessoas a ganhar de dia e para mim, para não deixar passar fome, a família trabalhava de noite a regar milho, até à 1 da manhã, pela noite fora. Muito mais tarde, arranjei emprego na Portucel a pesar bobines de papel, de onde estou reformado e mesmo assim cheguei a fazer os turnos da noite e quando chegava a casa de manhã ia trabalhar para o campo sem dormir, para que os filhos não passassem fome.” E.9.Avô.R

“... Nessa altura, não havia papéis para passar a fronteira e fomos a salto, onde levou dois dias a chegar à fronteira. Até pagámos a um passador para podermos passar para França. Não houve possibilidade de transporte, por isso fomos a pé. Andamos quilómetros para chegar a casa. Da fronteira a casa, demorou-nos dois dias. Nestes dois dias, caminhamos muito.”
E12.Avó.R.

As saudades do passado fazem-se ouvir em dez depoimentos, com maior incidência no 8ºE, onde seis avós recordam como se dançava, como se tocava concertina, o dia em que conheceram a esposa, a infância e as brincadeiras, as vacas que pastavam enquanto se dançava com as amigas, a vida difícil mas alegre (E.15.Avó.R.), as amigas que se deixaram em Moçambique, a passagem por Lisboa e a vida em Mazarefes.

“Os tempos mais bonitos da minha infância eram quando ia com os meus colegas. Saltávamos os muros das outras casas para pegar na fruta das suas árvores para matar a fome. Mas como os proprietários não gostavam que lhe fossem roubadas as frutas, eles vinham atrás de nós a tentar apanhar-nos. Quando saía da escola, ia com o gado para o monte, Aí punha os animais a pastar, para ajudar os meus pais.” E12.Avô.R.

“Um dia, aos meus 35 anos, fui para França para ganhar dinheiro, cheguei lá e comecei a trabalhar em trabalhos públicos. Aos domingos ia passear até Paris. Decidi vir embora passado alguns anos porque tinha saudades da minha mulher e da minha terra. Cheguei a Portugal e comecei a trabalhar na agricultura.



Figura 12

Sessão 2. E.3.Avô.R

Agora tenho descansado mais do que trabalhado, tenho pena de já não ser novo para ir às festas e dançar ao som da concertina e cantar ao desafio.”
E.3.Avô.R.

Surpreendentemente, as partidas e o sentido de humor estiveram presentes em onze episódios, nas roupas escondidas das raparigas que tomavam banho no rio (C.2.Avô.R), na saliva que se projetava para provocar um imenso estalo quando o ferro quente fosse de encontro à bigorna (C.12.Avô.R), nos cabelos longos das irmãs que adormeciam enquanto rezavam o terço e eram atados para que se assustassem e gritassem (C.2.Avó.R), os patos que recusam morrer sob o cutelo e desatam a correr campo abaixo (C.8.Avó.R), e a criança a quem foi pedido que fosse buscar um caldo Knorr e que sentiu aflito por não ter uma panela para o transportar (C.12.Avó.R.), a fruta roubada (C.17.Avó.R), o figo que se mascava e que não se conseguia digerir e que afinal era um pequeno sapo seco, oferecido no final de uma ripada de azeitonas (E7/14.Avô.R.), e a namorada fugitiva:



“O meu avô ia para o campo com uma sachola às costas e de repente vê uma cobra no meio do caminho. Ele, com rapidez, corta a cobra ao meio e de lá, sai um sapo aos pulos: - Matei a cobra e salvei o sapo.”
C11.Avô.R.

Figura 13

Sessão 2. C.11.Avô.R

“Quando ele (bisavô) era novo, os pais tinham uma taberna. Um dia, eles saíram de manhã para ir comprar mantimentos para a taberna (gás, mercearia...). E ele pensando que os pais iam demorar, levou para casa uma moça. Entretanto, os pais chegaram mais cedo do que ele esperava e chamaram por ele para descarregar a mercadoria da carroça. Para não serem vistos juntos dentro de casa, a moça, para fugir, saltou de uma janela para cima de uma vinha e depois fugiu pelas traseiras da casa, pela quinta fora.” C.16.Avô.R.

“Quando era jovem, eu e os meus amigos fomos comer cerejas, mas a dona deu por ela e começou a gritar. Então nós, com o medo, fugimos a correr.

Mais tarde, viemos a saber que a dona esteve a gritar com o medo que nós caíssemos e nós a pensarmos que a dona esteve a ralhar por lhe comermos as cerejas.” C17.Avô.R.

“Ia a mais um amigo chamado Vitor, que já faleceu há muitos anos. Encontrou um ninho de rolas em cima de um pinheiro e o Vctor queria tirá-los para pôr numa gaiola mas a minha avó não queria que elas ficassem presas. A minha avó trepou para ir buscá-las, para soltá-las, e ao trazer para baixo a minha avó caiu da árvore e caiu em cima do ninho de rolas e matou-as.” E.16.Avó.R.

Alguns dos episódios são testemunhos comoventes de abnegação, de sentido de responsabilidade e compromisso familiares, de resiliência face aos obstáculos que a morte pode comportar e cujas mágoas vão sendo atenuadas com a passagem dos anos:

“Ficou (a avó) sem mãe e teve de cuidar dos irmãos e teve de educá-los. Foi obrigada a crescer para criar os três irmãos. Teve que ser mãe para criar os irmãos que eram todos pequenos, a mais nova tinha 4 anos“. C.3.Avó.R

“Quando tudo corria bem, eis que algo terrível acontece. Algo que uma pessoa pensa que consegue ultrapassar mas que deixa uma, grande mágoa. O meu marido, companheiro de anos, apanhou um cancro pulmonar e faleceu. Fiquei de rastos, sem saber o que fazer, sem motivo para viver. Mas tinha de resistir, lutar, trabalhar, para dar um futuro à minha filha mais nova. Hoje sinto-me feliz por ter lutado e ter a vida como a tenho e com o passar do tempo, aprendi a lutar e a ultrapassar os maus momentos que a vida nos dá.” C5.Avó.R.



Figura 14

Sessão 2.C.5.Avó.R

Sem despotismo, algumas das avós, nos seus depoimentos, fazem questão de deixar às gerações vindouras algumas mensagens carinhosas, plenas de esperança e incentivo. São mulheres que deixam entrever um pouco do seu passado, dos seus

amores e desgostos, e, com uma invejável mas discreta sabedoria, espelham um amor incondicional no futuro e nas relações próximas e calorosas com os outros:



Figura 15

Sessão 2. E.18.Avó.R

“Não tive estudos. Logo desde muito nova fui obrigada a trabalhar no campo para ajudar a minha família. Espero eu que a geração de agora aproveite bem os estudos para serem alguém.”
E.18.Avó.R.

“Eu trabalho há 68 anos. Passei uma vida muito difícil mas alegre. Trabalhei no campo 25 anos, dei valor à minha vida. Sei que agora é tudo diferente, mas muito mais difícil, mas tenho a certeza que, se as gerações olharem para trás, que o mundo caminhava melhor.” E.15.Avó.R.



Figura 16

Sessão 2. C.14.Tia.R

“Quando me casei, comecei a sentir-me feliz. Casando, a vida é outra. A diferença de mudar de família foi acentuada. Mas quando o meu marido morreu, a vida transformou-se, mas continuou a ser feliz com a minha filha, o meu genro e com os meus netos.” C14.Tia.R.

“Devemos dar amor às pessoas enquanto estão vivas.” C6.Avô.R.

Pelas fotografias tiradas pelos alunos aos seus avós, foi possível sentir a importância dada à casa; dezoito participantes escolheram ser fotografados dentro de casa (sala, cozinha, quarto, escritório, lar, indefinido) e nove, no exterior, mas junto à casa. Em doze das fotografias, é possível vislumbrar, como plano de fundo, exclusivamente a natureza. Um dos participantes recusou a fotografia declarando:

*“Não gosto de tirar fotos pois acho que não sou bonito e que fico feio.”
C15.Avô.R.*

Breves considerações sobre a sessão 2

Se a primeira sessão favoreceu a sensibilização dos alunos para o envelhecimento como pretexto para a representação artística, esta segunda sessão dissipou qualquer dúvida que estes pudessem acalantar, face ao protagonismo dos seus avós neste projeto. Estabelecendo um paralelismo entre os relatos efetuados pelos idosos de Mercedes Alvarez, actores principais, e os seus próprios avós, tornou-se ainda mais clara a seriedade dos seus envolvimento e a relevância das suas partilhas de pequenos episódios plenos de experiência de vida, testemunhos de resistência e mensagens animadoras e calorosas. Esta estratégia permitiu iluminar a observação efetuada por Stuckelberger (2005), quanto à importância dos idosos como transmissores de cultura, guardiões, sábios e promotores de uma convivência menos conflituosa e pacificadora, mas cujos papéis se vêm deteriorando:

The Elders were praised as “Transmitters of culture”, as “Guardians of the secrets of life” or as “the Wise” to consult for preventing conflicts and preserving peace in the individual and in society. Today, their role is challenged and tends to be ignored with the mutation of the traditional family, with migration, with the mix of cultures and especially the predominance of an economy and technology value-based society. Stuckelberger (2005, p.1)

O ambiente de confiança parecia estar instalado de forma que o projeto pudesse progredir através de uma outra sessão que permitisse recolher detalhes

sobre o processo individual do envelhecimento dos avós, de forma a poder compreender a especificidade de cada um dos seus percursos.

Sessão 3	A Arte de Envelhecer (<i>Ação colaborativa intergeracional</i>)	
Objetivos	.Sensibilizar para o Ano Europeu 2012 .Refletir sobre aspetos do envelhecimento: psicológicos, físicos e sociais	
Conceitos	Envelhecimento	Literacia Visual
Estratégias	Leitura e análise de 8 textos “Envelhecimento” – Revista Única do Jornal Expresso (pp.38-48) – 24 setembro 2011 Guião orientador para entrevista (Sessão 3 – 1ª fase/alunos e 3ª fase/avós) e Guião orientador para análise das imagens segundo o Manual de Português da Areal Editores. “Ser em Português” 8ºano.pp.252.253	
Recursos	8 Textos acompanhados de imagens a cor Gravador, Expositor	
Recolha dados	Registos escritos (Alunos - 1ª fase e Avós – 3ª fase), questionário ao grupo (cujas respostas foram gravadas)	
Calendarização	Fase A: Alunos 90 minutos cada sessão 07 março. 8ºE 15.30h/17.00h 09 março.8ºC 15.30/17.00h Fase B: Avós Cerca de 2 semanas	

A vinte e quatro de setembro, a revista Única do Jornal Expresso (pp. 38-48) publicou uma conversa com oito ilustres portugueses, São José Lapa – atriz, Ana Bola – humorista, João Perry – ator, Vítor Melícias – padre, João Cutileiro – escultor, Maria Filomena Mónica – socióloga, Celeste Rodrigues – fadista, e Manuel Sobrinho Simões – cientista, sobre o envelhecimento e de que forma é que a idade altera a *perceção da identidade*, de *nós próprios e do mundo*. Estas conversas produziram oito textos muitíssimos interessantes (textos de Bernardo Mendonça), acompanhadas de oito belíssimas imagens (fotografias de Jorge Simão), providenciando uma excelente oportunidade para trabalho na sala de aula (*Projection technique*), que servissem de motivação ao trabalho de campo a desenvolver pelos alunos, como agentes dinamizadores da ação.

Quando entraram na sala de aulas, puderam encontrar, num expositor, todos os textos, acompanhados das fotografias dos entrevistados com quem o Expresso

esteve à conversa e iam, reconhecendo alguns deles, em particular os que lhes eram familiares no mundo da televisão.

Cada uma das entrevistas foi atribuída a um dos oito grupos de trabalho a quem foi solicitado que procedesse a uma leitura do texto, à análise das ideias principais e registando-as no guião auxiliador (ver anexo H). Este guião orientador foi construído pela investigadora, a partir dos assuntos prementes abordados nos referidos textos, e que auxiliasse, posteriormente, os alunos nas entrevistas aos avós, tendo sido organizado em oito campos de interesse: *Alterações físicas*, *Alterações Psicológicas*, *Desejos/Projetos*, *Medos*, *Atividades que desenvolve*, *Histórias curiosas*, *Comentários/frases dignas de registo* e *Outras observações* que considerassem oportunas. Foi criado um último campo, para *análise da imagem* que acompanhava o texto.

As alterações físicas realçadas pelos alunos das duas turmas relacionaram-se, entre outras, com o “*duplo queixo*” e o “*braço direito que não funciona bem*” (S. José Lapa), partir “*um dente*”, ter uma “*omoplata deslocada*” e sentir “*falta de resistência*” (Maria Filomena Mónica), possuir um “*rosto velho*” (João Perry), ter sido “*gira*” mas já não ser (Ana Bola) e sentir-me “*mais cansado*” (Manuel Sobrinho Simões). A propósito do cansaço, Manuel Sobrinho Simões recorda as suas viagens efetuadas nesse ano a Helsínquia, Porto e, logo a seguir, Helsínquia, chegando, conforme referiu, “*totalmente de gatas*”, e com a “*perceção de que estava mais cansado*”. As rugas e o excesso de peso são manifestações do envelhecimento físico comuns, quer dos entrevistados do sexo *feminino* quer do masculino. A agilidade, segundo o Padre Vítor Melícias, ainda lhe permite apanhar um pião à mão, enquanto o escultor João Cutileiro se aborrece, conforme afirmou, com o “*esforço e o tempo que leva a entrar e a sair do carro*” e já não “*ser capaz de apertar os sapatos*”. Um grupo de alunos, do 8ºC, realçou o comentário do escultor relativamente aos corpos de Lucien Freud, cujos padrões de beleza “*nada têm a ver com os nossos e são fantásticos*”. (João Cutileiro)

A expressão “*devo ser velho*”, proferida pelo Padre Vítor Melícias, foi incluída nas alterações físicas enquanto a afirmação proferida por Ana Bola, de que “*vive bem com a sua imagem atual*”, foi alvo de interpretações diferentes entre as duas turmas; um dos grupos inseriu-a nas alterações físicas enquanto na outra turma foi inserida nas alterações psicológicas.

No segundo campo, alterações psicológicas, os alunos foram sensíveis à constatação do próprio envelhecimento que, segundo São José Lapa, está “*cada vez mais velha*”, mas cuja “*cabeça está como nova*” ou Maria Filomena Mónica, que se sente mais “*débil, fraca*” e que alguns acontecimentos se precipitaram na sua vida e lhe deram a “*consciência de estar a ficar mais velha*”. No entanto, as rugas não

parecem importar a Ana Bola que, como é humorista, afirmou tirar *“partido disso”*. A noção do envelhecimento pode instalar-se com o *“nascimento de uma primeira neta”*, que foi o acontecimento que fez *“sentir mais velho e mortal”*, o cientista Manuel Sobrinho Simões, para quem a chegada aos 60 anos significou *tristeza*.

Outro grupo de alunos achou relevante destacar o facto de São José Lapa referir que *“se conhece muito bem”*. Consideraram significativo que João Perry se considerasse *“curioso”*, ou como João Cutileiro refere *“menos frenético e mais contemplativo”* e que sugere, ainda, que *“todas as idades podem ter uma certa forma de beleza”*. Numa outra perspetiva, puderam observar que tanto a fadista Celeste como o Padre Melícias garantem manter *“a mesma atitude”* de quando eram mais novos, seja através da manutenção afectiva *“à sua infância”* (Celeste Rodrigues) e o *“mesmo gosto por viver”* (Padre Melícias).

“Estamos sempre em movimento. Portanto, vivos.”

João Perry

“Para mim, um velho é uma pessoa que olha para trás. Eu olho mais para o futuro.”

Padre Vítor Melícias

Se alguns dos desejos registados pelos alunos passam pela valorização do tempo como conquista fundamental para o saborear das relações familiares e viagens, caso de Ana Bola, ou inclusive para namorar, com o *“mesmo desejo”* de quando Celeste Rodrigues era nova, para S. José Lapa, a serenidade é um dos aspetos fundamentais que deseja para a sua vida, assim como poder dispor do tempo e permitir-se *“estar seis meses sem sair à rua”*, conforme afirma João Perry. Só foi feito destaque ao desejo manifestado por S. José Lapa de proceder a uma operação plástica para tirar o duplo queixo. Há lugar, também, para o prazer: no baloiço a instalar no jardim de casa, que Ana Bola gostaria de partilhar com a sua neta com energia e alegria; instalar-se numa banheira cheia de *“trochas de ovos e caldas”* onde, conforme salienta João Cutileiro, se pudesse deitar ou num repasto reconfortante na companhia de amigos. Continuar a trabalhar, dar aulas, dar conferências, pintar, desenhar, são desejos expressos por quase todos os entrevistados e ter a capacidade para aceitar que, conforme é destacado por Maria Filomena Mónica, os projetos podem ter que se readaptar, mas que, segundo a socióloga, *“não é trágico”*.

Enlouquecer, perder a memória, dar barraca, falhar, ter bloqueios e não fazer um bom raciocínio, ter medo de não chegar mais longe são alguns dos receios que sensibilizaram os alunos. Mas a fragilização do corpo foi também alvo de análise,



Figura 17. Sessão 3 – 1ª Fase

Analisando, em grupo, o artigo sobre Ana Bola

São José Lapa sente uma alteração no ritmo da sua vida, que parece estar mais acelerado. Assistir à forma como a tristeza se instala nos entes queridos, conforme vão envelhecendo, aflige Ana Bola, *“mais do que a morte propriamente dita”*. Afinal, como constata o cientista Sobrinho Simões, morrer não deixa de ser *“uma chatice...”*.

Todos os entrevistados revelam, através das atividades que desenvolvem, uma incidência das áreas de índole social, criativa e intelectual: teatro, televisão, fotografia, aulas de humor e comédia, escrita, exposições, fado, investigação, conferências, jogar e conversar com amigos.

Algumas das histórias destacadas pelos alunos, nos seus registos escritos, realçam referências à beleza das pessoas idosas que se envolvem apaixonadamente, conforme observou S. José Lapa: *“...que bonito!... tão belos e fisicamente não o eram...”*, com o fascínio de Celeste quando, no outro dia, entrou na leitaria um dentista que não via há tantos anos e que a levou a pensar: *“Eh, Jesus, está aqui um homem com ar tão lavado, tão lindo, de cabelo branco”*; ou então, a história contada pelo escultor Cutileiro que se surpreendeu com a aquisição de uma das suas obras, onde se retratou nu e calçado com umas botas, a uma jovem, questionando-se: *“Porque quererá uma jovem o retrato de um velho nu?”* Uma outra história que foi considerada pertinente, referia-se à alteração de hábitos antigos da fadista, que teve de deixar de fumar para preservar a sua voz. O avô do padre Melícias, enaltecido como um velho

patente na surpresa de João Cutileiro que se viu *“estendido no sofá”*, nos últimos verões, por não ser capaz de se levantar, no medo de Manuel Sobrinho Simões, de *“se tornar um fardo para a família”* e, na eventualidade de um dia poder *“deixar de cantar”*, ensombra a fadista Celeste Rodrigues. O padre Vítor Melícias ventila a falta de reconhecimento da sociedade face ao idoso, considerando-o um *“estorvo”*, que a passagem do tempo desproviu, aparentemente, de interesse.



Figura 18. Sessão 3 – 1ª Fase

Analisando, em grupo, o artigo sobre Cutileiro

excepcional, humilde e sábio, sensibilizou os alunos, assim como as suas brincadeiras e partidas com o seu invencível pião. O tempo, encarado por Ana Bola como um verdadeiro privilégio, foi considerado importante pelos alunos, assim como a história que João Perry contou sobre a morte de um amigo, por quem tinha uma grande admiração: “... e um dia morrerei eu”.

Na área intitulada *Comentários*, foram destacadas frases com impacto, como as de João Cutileiro que odeia *ser velho* mas que odeia “*mais ser estúpido e que há pessoas que já nascem velhas*”. A reflexão de Ana Bola sobre a *velhice solitária* da sua mãe que “*não programou a sua velhice*” e que tanto a aflige vem ao encontro de Maria Filomena Mónica para quem o “*envelhecimento pode ser mais dramático para as mulheres...*”, a vida delas limita-se à “*novela e ao crochet*”, congratulando-se com a sua velhice, pois tem dinheiro e faz o que gosta. Mesmo que se verifique um grande empenho, como no caso do cientista, *para “não ser velho*”, a inevitabilidade e finitude da vida leva S. José Lapa a afirmar que “*há que viver o presente da melhor maneira, a cumprir projetos*”.

As imagens prenderam a atenção dos alunos que foram convidados a proceder à sua análise segundo as propostas patentes no seu manual de Português, descrevendo-as por planos e aguçando os seus cinco sentidos: João Perry, na sala da sua casa e os seus prémios empilhados; Celeste, no cais das Colunas, de braços abertos; S. José Lapa, na banheira com um copo de vinho; Ana Bola, rindo num baloiço; Vítor Melícias, jogador de pião; Maria Filomena Mónica, a ginastigar; Manuel Sobrinho Simões, de bastão na mão, e João Cutileiro, de marcador na mão, de frente para o espelho.

Em conclusão desta atividade, os alunos representados pelos seus porta-vozes, solicitaram o gravador para enfatizar alguns detalhes das imagens que contribuíam para uma visão positiva dos entrevistados, bem estar físico e psicológico:

“... *pétalas em cima do corpo... mostra memórias antigas... água quente... aroma do shampoo e das pétalas... e do vinho ... parece ser um bom vinho...*” (gravações.8ºE. artigo sobre S. José Lapa)

“... *está a exercitar, aparelho de ouvir música... ouvir música que gosta... Puccini... erva húmida... está olhar para o horizonte e está... a rir-se... brisa do vento... folhas das árvores transmitem humidade... força...*” (gravações.8ºE. artigo sobre Filomena Mónica)

“... anda de baloiço... descalça... está a rir-se... que queria ser livre e que às vezes se aprende mais com os mais novos do que com os mais velhos.... Então, como os mais novos andam de baloiço, ela também anda de baloiço... e está com uma perna levantada... está a cheirar a essência dos pinheiros ... resina...” (gravações.8ºE. artigo sobre Ana Bola)

Algumas imagens suscitaram nos alunos sentimentos contraditórios, como no caso da imagem de Cutileiro que se observa perante um espelho, S. José Lapa e o seu copo de vinho e a sala desarrumada de Perry:

... parece que está a sorrir mais ou menos... assim um sorriso um pouco forçado porque parece que está a ver a sua imagem mas não é bem... o que ele gostava mesmo de ser... o espaço... está deserto.... está sozinho. (gravações.8ºE. artigo sobre Cutileiro)

... foi interessante comunicar um acontecimento que é uma contradição... a senhora está com um copo na mão e parece que está a saboreá-lo... mas no texto diz que a senhora ... está a antibióticos (gravações.8ºC. artigo sobre S. José Lapa)

“... como é um ator... trabalha desde criança no teatro e no cinema há muito tempo ... devia ser um homem cheio de nível e a sua casa está super desarrumada...” (gravações.8ºC. artigo sobre João Perry)

No final da sessão, os alunos foram novamente incumbidos de recolher junto dos seus avós elementos que correspondessem ao analisado na sala de aulas e, para esse efeito, foi-lhes entregue um documento próprio. (sessão 3 – 3ª fase)

A receção dos documentos foi sendo efetuada ao longo das últimas semanas de aulas do segundo período, com flexibilidade por parte da investigadora, que se deslocava às outras salas para ir recolhendo e lembrando os alunos do seu compromisso, ainda que dois destes documentos tenham sido recebidos, por correio eletrónico, já durante a interrupção letiva da páscoa.

Os 48 documentos – inicialmente cinquenta e três - relativos à sessão 3, permitiram observar que os problemas de mobilidade são os que mais preocupam os avós, dez avós e quinze avós, que se queixam de cansaço, menos força, menos energia, dificuldades de movimentação, artroses e dores localizadas (pernas, pés,

costas, cabeça), ainda que surja uma avó que se queixa de varizes, uma avó que se encontra paralisada desde nascença, uma outra avó, que se encontra paralisada desde que contraiu a diabetes, e uma outra avó que foi operada seis vezes, às ancas. As rugas surgem referidas por dez avós e um avô. Logo a seguir, uma das alterações físicas foi o surgimento dos cabelos brancos em oito das avós e, surpreendentemente, oito dos avôs. Precedido do aumento de peso (estar mais forte para algumas das avós...), seis avós e quatro avôs, foi apontada a diminuição da qualidade da visão, preocupação manifestada por três avós (tendo uma delas, perdido completamente a visão, em consequência da diabetes) e um dos avôs, e ainda, o envelhecimento da cara, mas sem rugas e a pele mais seca, mais frágil, foi mencionado por dois avós e duas avós. Três avós e um dos avôs, quando indagados pelos seus netos, utilizaram expressões como *sou velha*, *envelhecimento*, *envelheci*, estar *mais velho*. Constata-se que cinco avôs e duas avós não responderam a esta questão.

A morte ocupa o lugar cimeiro nos medos manifestados em treze dos entrevistados. As restantes fontes dos medos, manifestados por outros treze avós, ramificam-se por áreas tão diversas como instabilidade social e económica (receio dos assaltos, da situação geral do mundo, da fome e pobreza, da insegurança, da falta de emprego e falta de expectativas), questões ambientais (desastres climáticos que possam destruir a própria habitação e alguns animais, como as cobras, sardões e ratos). Uma das avós faz referência ao seu medo do passado lembrando “*quando andava de noite e quando via a polícia*” (C6.Avó.E).

Nas atividades ao ar livre, a lavoura é a mais praticada entre vinte e sete dos entrevistados, logo a seguir a jardinagem (com duas sinalizações), lenha e pastar cabritas (com uma sinalização, cada). Um avô refere ter ocupações como gerente de empresas, um outro afirma trabalhar e um outro avô continua ativo, como sapateiro. As caminhadas pequenas e passeios pela aldeia são referidos por seis entrevistados. Um dos avós afirma que costuma ir ao café para jogar sueca e conversar com os amigos e um outro, que trabalha toda a semana e o fim de semana é para a borga. A casa, como elemento aglutinador de atividades, é patente em vinte entrevistados que referem: tarefas/vida de casa, bordados/costura, cozinha, ver televisão, cuidar do pai, netos e filhos, jornal diário, palavras cruzadas e ouvir rádio.

Uma das netas refere que o seu avô joga cartas e, às vezes, partilha com ele jogos simples no computador. No entanto, cinco avós não respondem a esta questão e um não quis falar.

Apesar de dezasseis avós não terem partilhado Histórias Curiosas, destacam-se dez relatos imbuídos de sentido de humor. Uma delas, contada por uma avó, recorda o momento em que a limpar um rio, dá com a enxada na cabeça de um

homem, que acaba mais tarde por pedi-la em namoro e tornar-se seu marido. Um dos avôs foi funileiro e conta:

“Na minha época, quando os casais praticavam o adultério, reunia-se um grupo de homens que à meia-noite se instalava em locais altos (montes) e tocava funilada que era desgarrada para envergonhar os casais que se portaram mal e toda a freguesia ficava a saber, que era para espalhar o boato. Chamavam-se a esses homens os funileiros. Eu cheguei a fazer parte deles quando era rapaz, pois os solteiros é que pertenciam a esse grupo para envergonhar os casados.” C15.Avô.E

A falta de mobilidade de dois irmãos idosos despertou a memória de uma das entrevistadas que recorda o dia hilariante:

“O meu marido, um dia, foi para a bouça com o vosso avô. O meu marido caiu nos ouriços, porque estávamos na época das castanhas. O vosso avô foi ajudar o meu marido a levantar-se e estavam-se a rir. O vosso avô deu a mão ao vosso tio e caíram os dois nos ouriços. Como já tinham uma certa idade não se conseguiam levantar. Depois encontrei-os e ajudei-os.” C14.Tia.E

As dificuldades económicas voltam a fazer-se sentir em alguns dos testemunhos que recordam *“quando foram de assalto para França, dentro de uma mala de ferro”*¹ (C17.Avô.E) e tendo que pernoitar em cortes junto a animais, de forma a não serem apanhados. Uma avó recorda a mudança do escudo para o euro, que conforme afirma ter sido *“muito difícil”* (C5.Avó.E). Uma outra avó conta à sua neta que, em virtude das dificuldades financeiras do seu marido, teve que durante os primeiros anos suportar as despesas e as do próprio casamento. Outro avô não quis falar, limitando-se a murmurar:

“Dantes, passava-se muita fome. A vida era muito difícil.” C2.Avô.E

Os acidentes trazem à memória de um avô o olho que perdeu na tropa em Angola e, a um outro avô, a queda de uma figueira que ainda hoje lhe dificulta a vida. O tio Zeca, que quase morria quando o carro dos bois capotou, e a lembrança dum buraco onde uma avó caiu, quando era pequena e onde quase se afogou.

¹ Assalto ” significa emigrar clandestinamente no tempo do Estado Novo em Portugal

As recordações de uma viagem a Lisboa, assim como os festejos dos cinquenta anos de casada de duas avós, ainda ecoam nas suas memórias. Com a mesma saudade são recordados os amigos com quem faziam passeios de moto até à fronteira, a juventude e o namorar.

A sustentabilidade manifesta-se em cinco histórias. Um ouriço-cacheiro que ia matando os “*pitos*” (E.3.avô.E) e que teve de ser abatido, uma toura galega que desenfreadamente descia a estrada e que, sem explicação, quando “*de uma hora para a outra, desapareceu*” (E.9.avô.E) e os pardais pisados.

Depoimentos plenos de confiança e vontade de viver são proferidos por um casal de avós:



Figura 19

Sessão 3 – 3ª fase

“A vida é uma corrida diferente, e o que conta não é chegar ao fim, mas sim demorar o máximo possível, porque depois da meta, não há troféus, só terra.” C4.Avô.E

“...que são jovens de mais para correr para o fim, e que dê por onde der, lutarão para continuar a caminhada juntos



Figura 20

Sessão 3 – 3ª fase

e felizes, mas lentamente, porque “grão a grão enche a galinha o papo.” C4.Avó.E

Os alunos conseguiram obter, em Comentários, algumas frases que denotam a capacidade de adaptação dos avós ao seu novo ciclo de vida:

“Agora que sou velho, sinto-me de novo uma criança, por causa do mimo.”

C15.Avô.E

“Uma pessoa ao ser idosa tem uma criança dentro de si.” C8.Avó.E

“Tem de se saber ter paciência e deixar passar muitas coisas para se poder ser feliz.” C14.Tia.E

“Nunca se é velho.” C8.Avô.E



Apesar de quatro avós não terem partilhado as suas imagens, vinte e um avós colocaram-se gentilmente sobre as objetivas dos seus netos, escolhendo o interior das suas casas (ler, tomar café, arrumar louça, e, em pose, nas cozinhas) como o local selecionado, mas, sem dúvida alguma, o espaço exterior foi o mais explorado, documentando o cumprimento de tarefas rotineiras (jardinar, cortar lenha, juntar erva, coser, cultivar, caminhar) ou como pretexto para poses junto às suas casas, campos e as suas árvores e flores preferidas, destacando-se um casal que, de uma forma enternecedora, se fez acompanhar de dois dos seus animais domésticos.

Figura 21 e 22. Sessão 3 – 3ª fase. E9.Avô e E9.Avó

Breves considerações sobre a sessão 3

Ainda que não tenham sido efetuadas as gravações destes testemunhos orais, os entrevistados partilharam a intensão consciente de contribuir para uma melhor compreensão do passado, através de alguns relatos significativos que privilegiaram. Confiaram aos seus netos testemunhos valiosos de resistência, persistência, dedicação, bom humor e generosidade e que estes reproduziram através da escrita, para que se propagassem e enriquecessem as novas gerações.

A sessão seguinte, que se avizinhava, iria convidar para que os avós e netos se sentassem num mesmo patamar e que, olhando para trás, procurassem identificar alguns dos momentos marcantes das suas vidas, partilhando-os.

Sessão 4	Age identity (Ação colaborativa intergeracional)	
Objetivos	.Sensibilizar para o Ano Europeu 2012 .Construir uma <i>age identity</i>	
Conceitos	Envelhecimento	Literacia Visual
Estratégias	Documento orientador (Sessão 4)	
Recursos	Máquina digital, Digitalizador e Computador Gabinete de trabalho	
Recolha dados	Paginação em formato A4, utilizando o Programa Word	
Calendarização	Apresentação formal da sessão: 8°C . 45 m.12 março 8ºE .45 m . 08 março Desenvolvimento da sessão: Ao longo das duas últimas semanas de aulas e interrupção letiva	



Figuras 23 e 24 . Sessão 4

Alunos do 8ºE, digitalizando e construindo as suas narrativas de vida

Em virtude da aproximação da interrupção letiva da páscoa, e em plena fase de testes de avaliação, a apresentação das sessões 4, 5 e 6 foi efetuada na mesma aula, de forma a que os alunos rentabilizassem o encontro com os seus avós durante o fim de semana seguinte e pudessem iniciar o processo de recolha de informações (imagens e depoimentos).

A receção dos documentos relativos a esta sessão prolongou-se, nalguns casos, para além do período letivo. Assim, durante o período de descanso da Páscoa, os alunos foram procedendo ao seu envio, por correio eletrónico, de acordo com a sua disponibilidade e a dos avós.

Foi sugerido que escolhessem cinco fotos suas que marcassem momentos significativos das suas vidas e que adiciassem um pequeno comentário que permitisse a sua contextualização, tendo sido solicitado que os seus avós procedessem da mesma forma (ver anexo I). Para agilizar o processo e dar solução às fotografias originais que eram trazidas, e tratadas como relíquias, foi necessário proceder à aquisição de uma digitalizadora e impressora para permitir o seu arquivo em JPEG, 300 DPI (formato

sugerido por Mitchell C., 2011) e serem devolvidas com rapidez e segurança aos respetivos proprietários. A máquina fotográfica da professora foi também disponibilizada aos alunos que a solicitaram. Durante as duas semanas, o Gabinete e a sala de aulas foi um espaço vivo de trabalho colaborativo, partilhado por três alunas doutras turmas, que se disponibilizaram para fazer a digitalização das fotos nos seus tempos livres, destacando-se uma aluna do Ensino Especial, que levou esta tarefa muitíssimo a sério e com eficácia.

Esta metodologia visual participativa (PVM – Participatory visual methodologies) favoreceu o envolvimento dos participantes, apelando à reflexão intimista e ao registo paralelo de comentários adicionais que contextualizassem as cinco fotografias selecionadas, ainda que o tempo disponibilizado para tal não tenha sido o ideal e não tendo sido efetuadas as entrevistas posteriores, que permitiriam aprofundar o ponto de vista dos participantes.

“... working with visual tools and methods that are to mean to be highly participatory in engaging communities themselves in research.” (Mitchell C, 2011, xi)

Apesar desta lacuna, diversas conversas informais foram estabelecidas ao longo destas duas semanas com os alunos, que iam revelando detalhes, peripécias desses acontecimentos selecionados.

Vinte e nove alunos (dezasseis alunos do 8ºC e treze do 8ºE) e vinte e sete avós (quinze do 8ºC e doze do 8ºE) corresponderam ao convite formulado e partilharam momentos significativos das suas vidas:

Like adolescence, old age is a time of basic development changes in our lives and personalities. (McKee, et al., 1987; p.16)

Ao analisar o ambiente que corresponde ao plano de fundo das fotografias apresentadas pelos alunos, torna-se clara a preferência pelos espaços interiores (oitenta e dois) face aos espaços exteriores (setenta e um). No entanto, enquanto os alunos do 8ºE distribuíram equitativamente os dois espaços, os alunos do 8ºC deram uma preferência bastante superior aos espaços interiores (quarenta e um contra vinte e sete).

A seleção dos cenários, exclusivamente exteriores, circunscreveu-se aos domínios naturais (jardins, serras, campo, rio, praia), públicos (parque infantil, jardim zoológico, rua, ponte, fonte e festa popular) e desportivos (pista de karting e futebol).

Se considerarmos os cenários interiores, podemos observar espaços públicos (café e cabeleireiro), instituições (hospital) e privado (estúdios de fotografia).

Os domínios comuns, exteriores e interiores, elegem a casa (dezoito fotografias como pano de fundo da ação e vinte e sete registos nas diversas divisões), a escola (três registos exteriores e quinze fotografias de momentos relacionados com atividades lúdicas) e, finalmente, a igreja (cinco registos fotográficos com a igreja como pano de fundo e a celebração de seis cerimónias no seu interior).

Ponderando, agora, a presença da figura humana nos vários registos fotográficos, é possível a constituição de três grupos distintos: a presença do aluno sem qualquer companhia (quarenta e seis alunos nos cenários exteriores e cinquenta e sete alunos nos interiores), seguido do aluno acompanhado de elementos da família (dezoito alunos nos cenários exteriores e vinte e sete nos cenários interiores) e, em último lugar, catorze alunos que se fazem acompanhar de amigos (em oito dos cenários exteriores e seis interiores).

Os alunos que optam por se representarem sós, em espaços exteriores, surgem em jardins (quinze alunos), e junto às suas casas (doze alunos). Um outro conjunto de alunos optou pelos momentos registados dentro das suas casas (vinte e um alunos), cerimónias religiosas (comunhão solene) ou, curiosamente, pelas fotografias tiradas nos estúdios profissionais de fotografia, com fundos neutros e impessoais, que normalmente são apresentadas nas escolas, para as matrículas (vinte situações). Cinco alunos do 8ºC e quatro alunos do 8ºE não incluem qualquer fotografia da família nem de amigos, nas suas seleções.

O segundo grupo que valorizou os momentos em família destacou, maioritariamente, os passeios em família, poses em jardins ou junto à casa e a comunhão solene. Nos espaços interiores, a família surge presente em cerimónias religiosas (batizado, comunhão), aniversários, com os irmãos mais novos ou mesmo recém-nascido (hospital).

Os avós tornaram-se figuras relevantes nas escolhas efetuadas em oito alunos que recordam o dia em que aprenderam a andar com o avô, os passeios ao Monte de Santa Luzia e à praia e, como testemunhas de momentos cruciais para o percurso de vida dos alunos: nascimento, batizado e aniversário:



“Quando aprendi a andar o meu avô estava lá...” C18.LT

Figuras 25

Momento significativo da Linha do tempo C18.LT

“Esta fotografia é importante para mim porque estou com a minha avó e sabia bem ela dar-me um beijinho. Não é que hoje não saiba mas não é a mesma coisa. Esta fotografia foi tirada em São João de Arga.” E.2.LT



Figuras 26. Momento significativo da Linha do tempo E.2.LT

“No batizado os meus avós estiveram presentes.” C18.LT

“Eu e o meu avô, na festa de Santa Luzia.” C8.LT

“Sou a Madalena. Estava a cantar os parabéns ao meu avô, sentada no seu colo. Esta sou eu, a Maria Clara. Estou no colo do meu avô quando ele fez anos.” C.13+14.LT

“Esta fotografia é importante para mim porque gostava (ainda gosto) muito da minha avó e foi ela que me educou e me criou. Por ela dava a minha vida...” E.2.LT

Verifica-se, por último, um grupo de alunos que valoriza a relação com os amigos em espaços como a escola, a praia, o jardim, e em atividade, como tocar concertina e a comunhão solene. Para um dos alunos, a relação de afetividade que manteve com o seu cão, seu amigo, foi ostentada numa das fotografias, e outra aluna optou por destacar o último ano em que se deixou fotografar ao colo de um Pai Natal. Outras alunas priorizam a relação especial que mantêm com as amigas especiais.

Dezanove alunos (doze alunos do 8^oC e os sete do 8^oE) procuraram garantir uma sequência temporal às imagens organizadas e comentadas. Os restantes comentaram as fotografias, representativas de acontecimentos sem uma sequência temporal. Só um aluno optou por apresentar a sua linha do tempo, de uma forma inversa, isto é, do presente para o passado. Um outro aspeto interessante reflete-se na ausência de fotografias atuais, revelado em treze das linhas do tempo (dez alunos do 8^oC e três alunos do 8^oE), que incluem um período muito restrito das suas existências, de recém-nascidos até sensivelmente aos quatro anos. Neste grupo de onze alunos, três concluem a sua linha do tempo com uma fotografia da sua comunhão solene.

Observando os documentos alusivos aos 5 momentos significativos dos avós, constata-se, de imediato, um número superior de fotografias apresentadas pelos avós da turma do 8^oC, no total de setenta e duas, enquanto que na turma do 8^oE só foram apresentadas cinquenta e oito. Puderam ser distribuídas da seguinte forma: fotografias em que os avós se encontram sós (vinte e quatro – 8^oE, e dezassete – 8^oC), fotografias com amigos (um – 8^oE, e seis – 8^oC) e, por último, fotografias com a família (trinta e três – 8^oE, e quarenta e nove – 8^oC).

Os avós, na sua generalidade, deram preferência aos espaços interiores dos acontecimentos selecionados, muitos deles decorrentes de fotografias tiradas em estúdio fotográfico e no interior das suas casas, em convívios familiares e celebrações religiosas. Este tema, aliás, encontra-se patente em dezoito fotografias do 8^oE e dezassete fotografias do 8^oC (ambientes exteriores e interiores). Alguns dos avós realçaram algumas das suas atividades profissionais (auxiliar de escola, carteiro), cumprimento de serviço militar em Angola e tarefas de âmbito caseiro (arranjar lenha, varrer) e um caso de prática desportiva (futebol).

A coerência temporal é notória em seis linhas do tempo do 8ºE e sete do 8ºC, ainda que, em alguns casos, só se inicie a partir dos batizados dos filhos ou mesmo dos netos, sem qualquer fotografia de solteiros. Num dos casos, a linha do tempo é apresentada do presente para o passado e, em catorze casos (seis do 8ºE e oito do 8ºC), as incoerências temporais fazem sentir-se com veemência. Como exemplo desta última situação, foi criada uma sequência de imagens (C.12.), apresentando o avô com 40 anos, depois com 60, recuando novamente aos 20 anos, avançando até aos 70 e terminando com 30 anos.



Figuras 27 a 31
Linha do tempo.
C.8.Avó.LT

Figura 27. A minha avó segura-me no dia do meu batizado. C.8.Avó.LT

Figura 28. Neste restaurante, a família juntou-se para almoçar. C.8.Avó.LT

Figura 29. A minha avó segura-me nos braços, quando eu tinha 2 meses.
C.8.Avó.LT

Figura 30. Orgulhosa, a minha avó sorri comigo ao colo. C.8.Avó.LT

Figura 31. A minha avó brinca comigo. C.8.Avó.LT

A relação de proximidade com os netos é proeminente em quinze fotografias do 8ºE e catorze do 8ºC, compartilhando os espaços interiores de igrejas para a comemoração de atos religiosos (batizados, comunhões, missas), almoçando num restaurante com toda a família e, em nove fotografias, usufruindo do interior das casas para a manifestações de carinho com a neta recém-nascida, pegando nos netos ao colo e abraçando-os e para a partilha de convívios festivos. Os espaços exteriores são também palcos de interação entre avós e netos e manifestam-se junto a igrejas para a celebração de batizados, em passeios pela praia e pela Serra de Arga. A casa continua a ter uma presença relevante em cinco fotografias, para a comemoração de festas de anos e momentos de convívio e brincadeira. Uma das linhas do tempo destaca-se das outras, pelo facto das cinco fotografias seleccionadas para a integrarem, expressarem esta proximidade e cumplicidade com os netos. (Figuras 27-31)

Breves considerações sobre a sessão 4

Torna-se clara a profunda relação entre alguns dos alunos deste estudo e os seus avós, que assumem, inequivocamente, o papel de educadores, para quem a família se torna uma oportunidade natural para o estreitamento da coesão social, inclusão e participação ao longo da vida e, conseqüentemente, para o envelhecimento activo.

Compreendendo o passado dos avós como um processo complexo que perdura no presente, tornou-se oportuno delinear uma outra estratégia que aproximasse netos e avós através de objetos significativos e dos seus contextos sociais.

Sessão 5	As histórias sociais dos Objetos (<i>Ação colaborativa intergeracional</i>)	
Objetivos	.Sensibilizar para o Ano Europeu 2012 .Refletir sobre o contexto social de objetos	
Conceitos	Envelhecimento	Literacia Visual
Estratégias	Documento orientador (Sessão 4)	
Recursos	Máquina digital, Computador, Pen Gabinete de trabalho, Correio eletrónico	
Recolha dados	Questionário e imagem	
Calendarização	Apresentação formal da sessão: 8ºC . 45 m.12 março	

	<p>8ºE .45 m . 08 março</p> <p>Desenvolvimento da sessão:</p> <p>Ao longo das duas últimas semanas de aulas e interrupção letiva</p>
--	--

In all human societies, people exchange some things for other things: money for food, or food for carvings, or carvings for money. ... So social relations depend in large part on objects; and objects get exchanged (and made, of course) in the context of social relations. (Gillian, 2007, p.216)

Esta sessão decorreu num ambiente extra sala de aula, durante as duas semanas finais do segundo período, ainda que alguns documentos tenham ainda sido rececionados durante a interrupção letiva da páscoa, proporcionando uma oportunidade para que alunos e avós partilhassem informação visual e escrita (ver anexo J) sobre um objeto que assumisse uma importância significativa nas suas vidas e que iluminasse as relações sociais subjacentes, conducentes a uma compreensão mais profunda do seu universo. Detalhes sobre a materialidade do objeto (parte 1) e o contexto cultural do objeto (parte 2) foram solicitados, de forma a agilizar o processo de descrição por parte dos alunos e respetivos avós.

As imagens foram trazidas pelos alunos, por intermédio das suas próprias máquinas digitais (ou a máquina digital cedida pela investigadora) ou em *Pen Drives*. Só uma aluna se fez fotografar, tocando a sua flauta transversal, partilhando esse momento musical com um grupo restrito de alunos e a investigadora. Alguns dos alunos optaram por preencher a grelha orientadora, com o apoio dos seus colegas e investigadora, enquanto outros preferiram preencher as grelhas em casa, após reunirem as informações necessárias, inserirem as imagens dos objetos e enviarem, através do correio electrónico para o endereço disponibilizado pela investigadora, que se veio a revelar uma mais-valia, permitindo que os alunos esclarecessem as suas dúvidas.

Na primeira parte, os participantes foram solicitados a introduzir uma imagem do objeto de estudo, detalhar a sua forma, as suas qualidades físicas e explicar a forma como o objeto tinha sido trazido para observação. Na segunda parte, responderam a quatro questões: 2.a) *Como é que esse objeto é tratado? (usado diariamente, só em momentos especiais, guardado num local próprio ou especial...);* 2.b) *A que mudança/transformação na tua vida é que o objeto está associado?;* 2.c) *Conta-nos a história do objeto? Como é que o objeto chegou até ti? e, finalmente, 2.d) Queres explicar o que sentes ao teres trazido este objeto para nos mostrar?.* Foram

reunidas quarenta e duas contribuições do 8ºC (dezasseis alunos, onze avôs e quinze avós) e trinta e cinco contribuições do 8ºE (catorze alunos, nove avôs e doze avós).

Foi possível observar que os objetos associados à prática do desporto (medalhas e taças, bola de futebol, patins e bicicleta) assumiram a primeira prioridade entre sete alunos (sete alunos do 8ºE e dois, do 8ºC) e, segundo os seus comentários, transportam sentimentos de orgulho, confiança, paixão, catarse, estima e descoberta.

À segunda questão, *A que mudança/transformação na tua vida é que o objeto está associado?*, alguns alunos pronunciaram-se da seguinte forma:

(Bola futebol) *“ Não é muito bem uma transformação, podemos dizer que é mais uma paixão que existe entre mim e o objecto. Acho apenas que mudou a minha vida para melhor. ”* C.12.Ob.

(Bicicleta) *“Posso ir a sítios mais distantes, descobrir coisas novas.”* E.18.Ob.

(Medalhas) *“Mudança de confiança que tenho em mim.”* E.19.Ob.

A religiosidade manifesta-se nos objetos eleitos por seis alunos (quatro do 8ºC e só um, do 8ºE): boneco de batizado, escultura de Jesus, cruz (colar e parede), vela (profissão de fé) e pulseira de ouro. A palavra *carinho* é comum aos sentimentos associados:

“Este objeto está associado ao meu baptizado, era a lembrança que eu dei aos meus convidados para se lembrarem como eu também me tento lembrar desse momento. É um objeto muito bonito e que eu quero guardar para o resto da minha vida para me lembrar quando fui batizado e com aquelas pessoas todas à minha beira.” C.9.Ob

Duas irmãs fazem questão de realçar a profunda ligação dos seus objetos ao avô, figura muito estimada, falecido um ano antes. Uma delas exterioriza de uma forma mais detalhada quando responde à questão 2.c) *Conta-nos a história do objeto? Como é que o objeto chegou até ti?*, e, ainda, à questão 2.d) *Queres explicar o que sentes ao teres trazido este objeto para nos mostrar?:*

“Depois do meu avô falecer, quando fui ao quarto dele, encontrei aquela cruz e lembrei-me que ele a usava. Juntei a uma fieira essa cruz e um anel que a minha mãe me tinha dado. C.14.Ob

Sinto que posso partilhar o significado deste colar para mim. Tem muito valor sentimental e pouco “monetário” pois uma pessoa consegue ser feliz com pouco, e como o meu avô foi (e é) uma das pessoas mais importantes da minha vida, sinto que é bom poder falar de uma coisa que é tão importante para mim, apesar de ser só um colar.” C.14.Ob

A preservação de costumes manifesta-se na preferência pela pulseira de ouro da primeira comunhão, oferecida pela avó a uma das alunas:

“Foi a minha avó que ma deu, porque já é costume de quando algum neto faz a 1ª comunhão ter uma pulseira de ouro.” E.3.Ob.

Encontram-se quatro referências a objetos que se enquadram na área da tecnologia (telemóveis e computadores) e que os alunos associam a crescimento e aprendizagem. Um dos alunos realça a importância do seu telemóvel como prova de confiança por parte da sua mãe e de um novo ciclo escolar e, num outro aluno, a consciência de ter dado mais um passo no seu desenvolvimento é notória:

(computador) *“Sinto que fiquei mais atualizado. Sinto-me bem por ter uma infância boa, e que já passou e que estou a crescer.” C.20.Ob*

Algumas peças de vestuário (fato da comunhão, capa de finalista) e acessórios (óculos) são elementos fundamentais que determinam novas etapas de mudança, como a escolha do primeiro fato da comunhão e que se guarda num local especial, a capa de finalista, oferecida pela professora de primária como forma de prémio pela conclusão do primeiro ciclo escolar, ainda que nem sempre comportem essa alegria:

“Está associado a uma parte da minha vida em que eu andava no terceiro ano e que não gostava nem queria usar óculos. Quando os reencontrei para os levar e mostrar, recordei um tempo de tristeza, pois não gostava deles nem os queria usar.” E.13.Ob

O conforto e o aconchego são fundamentais para quatro alunas que elegem os seus bonecos de peluche como imprescindíveis para ultrapassar alguns dos seus medos:

“O objeto está associado a uma mudança da minha vida, que para mim é muito importante. Quando era pequena tinha medo do escuro e, então, agarrava-me a ele.” E.2.Ob.

“Quando era pequena, tinha medo do escuro e por isso me ofereceram este peluche para dormir com ele.” E.12. Ob.

“Antes da minha bisavó morrer, no meu aniversário, deu-me isto e nunca mais o larguei. Quando fui para o infantário chorei muito, pois não o queria deixar.” C.5.Ob.

Quando era pequena, tive de ser operada ao apêndice, e enquanto estive no hospital ofereceram-me este ursinho. Desde aí aquele ursinho passou a ser um amigo, pois enquanto estava no hospital com aquelas dores, ele estava sempre lá. E.7.Ob.

A música revela-se fundamental para dois alunos que exibem a sua concertina e a flauta transversal com orgulho. O sentimento de retribuição encontra-se patente nos comentários de um dos alunos:

“Sinto-me bem e importante ao tocar, penso que foi um voto de confiança dos meus pais, pois investiram tanto dinheiro em mim. Também sinto uma certa obrigação de tocar bem pois quero retribuir aos meus pais o orgulho que devem ter em mim e que eu tanto tenho neles.” C.8.Ob.

Construir uma nova casa foi um acontecimento marcante para dois alunos e o carinho envolvido nesse processo chega-nos por parte de um dos alunos, da seguinte forma:

“A minha família e eu vivíamos numa casa pequena onde estávamos espalhados por toda a parte, na sala, na cozinha... Era uma casa pequena, mas uma casa com muito amor. Éramos 11 pessoas a viver lá, por isso decidimos fazer uma casa nova, com pouco dinheiro. Por isso foi paga aos poucos. Mas também não gastamos assim tanto, porque éramos uma

família conhecida na nossa freguesia, por isso os amigos do meu pai vinham-nos ajudar.” E.10.Ob.

“Senti que se deve dar valor às coisas que temos porque há sempre alguém pior que nós.” E.10.Ob.

Um aluno, curiosamente, elege como objeto de mudança o focinho de um cão, ostentado numa das fotografias, que prova a confiança que os pais depositaram num dos alunos, por o considerarem apto para, finalmente, se responsabilizar por um ser vivo, assumindo as tarefas implícitas.

Analisando os comentários dos avós, podemos observar que surgem dezoito objetos associados à religiosidade, onze acessórios, sete objetos de trabalho, três objetos associados à tecnologia, dois acessórios de locomoção, um objeto associado à música e, ainda, uma imagem de uma nota de vinte escudos e um conjunto de jornais e cartas.

Os oito anéis de casamento são ostentados nos dedos de alguns dos avós, ou então, pousados sobre superfícies, como prova das suas uniões duradouras, felicidade e responsabilidade.

Uma avó deixou-se fotografar em primeiro plano com um sorriso enternecedor referindo que se sentia *“feliz por transmitir as suas crenças aos filhos e ver que continuam a seguir esta religião, e a transmiti-la de geração em geração”* (C4.Avó.Ob.). Um terço com cruz, que acompanha um avô, todas as noites, durante as



Figuras 32, 33, 34 e 35. Objeto. C.5.Avó.Ob

suas orações, é fotografado, carinhosamente, na palma de uma mão, assim como um rádio que, sobre uma prateleira, debruada com uma renda branca, permanece disponível, todos os dias, para a hora do terço. Três colares, motivo de orgulho e estima, recordam entes queridos falecidos, sendo um deles emprestado à neta para enriquecer o seu traje tradicional usado nas festas religiosas. Um

conjunto de santos é exposto sobre cetim vermelho e fotografado, criteriosamente, e que serviu de apoio a uma das avós, após a morte do marido. (ver Figura 32-35)

“Através de uma conversa com os meus avós acerca dos objetos que são importantes para eles” (E.2.Avô.Ob.), um avô permitiu que a sua neta fotografasse umas malas antigas de viagem, guardadas num armário e conservadas com estima, e que eram representativas da sua emigração para França, à procura de sustento para a família.

Um capacete de bombeiro foi selecionado por outro avô para marcar o dia em que o empenho como voluntário foi reconhecido e convidado para integrar o corpo de bombeiros, abandonando, conseqüentemente, a vida da agricultura. Uma prótese de um olho, que veio substituir o olho perdido em Angola, é mantido numa caixinha aveludada de cor vermelha, usada por um dos avôs em momentos especiais, *“para disfarçar e tentar ser normal” (C.3.Avô.Ob.)*. Se, para uma avó, os seus óculos são imprescindíveis, para outra das participantes, lembram-lhe a vista que já perdeu:

“Esta mudança foi uma mudança muito negativa pois a minha avó era boa de vista e agora já está cega de um olho e o outro olho também está “feio”... A minha avó disse-me que não sei o que é sofrer por isto.”
E.11.Tia.Ob.

Brincos de ouro e medalhões de ouro, alguns com a fotografia do marido, são ostentados como prova de amor, orgulho, estatuto económico e afirmação feminina. A este propósito, uma das netas deixou registado na grelha relativa à sua avó:

“Os objetos (colar e brincos), para a minha avó, simbolizaram crescimento. Ela disse-me que apenas quem tinha dinheiro é que podia ter objetos como estes e quem não os tinha passava um pouco despercebido. Ela disse-me que esses objetos a faziam sentir bonita... gostou tanto que eu tivesse tirado fotografia de um objeto que ela tanto gostava, que me ofereceu os seus brincos à rainha. Diz que é um sinal que estou a ficar uma mulher.”
E.6.Avó.Ob.

Também o trabalho e os objetos do mundo do trabalho são exibidos, envoltos em sentimentos de responsabilidade, herança, felicidade e partilha, recordação e rotina diária. A forma em meia-lua de uma foicinha pousada no chão reclama o seu lugar especial a que ganhou direito, depois de passar *“por muitas mãos da família” (E.7.+13.Avó.Ob.)*. Um conjunto composto por uma sachola, enxada, vassoura e mangueira, ocupam uma área delimitada numa das paredes, aguardando que possam cumprir as suas tarefas diárias e fundamentais para o sustento da família, assim como um regador que é usado todos os dias. Um cântaro de barro, feito pelas mãos de uma

avó, lembra, do alto da chaminé, as viagens poupadas à fonte para saciar a sede. Na extremidade de uma agulha de crochet, desenharam-se milhares de pontos mágicos que permitem a uma das tias, imobilizada desde a nascença, continuar a surpreender a família e os amigos com o seu perfeccionismo. Uma máquina de costura flutua numa plataforma de madeira e marca, possivelmente, a sua última mudança de residência. No alto de uma tratoreta com mais de trinta anos, um grupo de amigos acompanha a avó proprietária que, com o tempo, se veio a revelar uma excelente condutora por nunca a ter virado.

Recordações de juventude de um avô acompanham a fotografia de uma mota antiga.

“Quando era novo, com 20 anos, comprei-a. Desde aí, ela acompanhou-me sempre. Aos domingos ia com os meus amigos às “meninas” e foi nesta mota que eu conheci a minha esposa.” E.7.+13.Avô.Ob.

Um carro antigo e bem polido, que começou a ser estimado, valorizado e ostentado aos *“domingos e nos momentos especiais”* (E.15.Avô + Avó.Ob.).

Dois avós elegem como objetos de mudança e transformação as suas canadianas e a cadeira de rodas, que comportam sofrimento e que integram as suas vidas diárias. Mas a *“liberdade de vida”* (C.4.Avô.Ob.) surge, em contraponto, nos sons libertados pela gaita-de-beiços, herdada do seu pai, com que um dos avós continua a encantar a família. Uma nota de vinte escudos relembra o primeiro ordenado de um avô e a ajuda inestimável para ajudar a pagar as despesas de casa. Sobre a mesa da cozinha, um avô espalha cartas e jornais como testemunhos da sua *“profissão, que teve durante toda a sua vida”*, carteiro, e que exalam *“recordações de histórias engraçadas”* (C.18.Avô.Ob.).

Breves considerações sobre a sessão 5

Histórias deliciosas emanaram dos objetos eleitos pelos avós e netos para, generosamente, contribuírem para este projecto. Sete dezenas de fotografias suscitaram a curiosidade da investigadora, apaziguada pelas descrições sinceras e corajosas dos parceiros envolvidos, que auxiliaram a deslindar os seus mistérios e os acontecimentos a que estão associados.

Estava preparado o terreno para a implementação da última sessão colaborativa e para um último convite endereçado a avós e netos.

Sessão 6	O envelhecimento numa imagem (<i>Ação colaborativa intergeracional</i>)	
Objetivos	.Sensibilizar para o Ano Europeu 2012 .Analisar e selecionar uma imagem que traduza o olhar simultâneo avós/netos sobre o envelhecimento	
Conceitos	Envelhecimento	Literacia Visual
Estratégias	Documento orientador (Sessão 6)	
Recursos	Computador, <i>Pen Drives</i> Gabinete de trabalho, Correio eletrónico	
Recolha dados	Questionário e imagem	
Calendarização	Apresentação formal da sessão: 8 ^o C . 45 m.12 março 8 ^o E .45 m . 08 arço Desenvolvimento da sessão: Ao longo das duas últimas semanas de aulas e interrupção letiva	

Que imagem traduziria o olhar sobre o envelhecimento, na perspetiva destes alunos e dos seus avós? Para conhecer a amplitude desse olhar conjunto, os alunos foram motivados a analisar imagens de envelhecimento, em parceria com os seus avós, tendo sido sugerido como fontes de consulta: jornais, revistas, internet. A imagem eleita, ou seja, a que melhor traduzisse esse olhar seria introduzida num documento previamente estruturado pela investigadora, o qual solicitava ainda um pequeno texto reflexivo e a indicação da sua proveniência (Ver anexo L). Esta sessão foi prontamente realizada, com raríssimas exceções, extra sala de aulas e aos fins de semana, pela maioria dos alunos e avós, num total de trinta e seis comentários (vinte e duas imagens apresentadas pela turma do 8^oC e catorze pela turma do 8^oE), exclusivamente retiradas da internet. Ainda que não tenha sido efetuado o controlo exato sobre as estratégias da seleção efetuada, foi possível constatar, de acordo com pequenos comentários proferidos, que alguns dos alunos optaram por aceder à internet ao lado dos avós, e foram livremente comentando as imagens que iam surgindo sobre o envelhecimento. Como algumas das fotografias eram comuns às duas turmas, totalizaram-se, finalmente, um total de vinte e seis imagens a considerar para análise.



Figura 36. Sessão 6. O envelhecimento numa imagem selecionada por E.3., E.11 e C.4

O amor, a partilha, a cumplicidade nortearam a decisão de catorze dos participantes, apesar dessa opção ser muito mais significativa na turma 8^oE (oito dos catorze

participantes), recaindo num conjunto de oito imagens, cujos protagonistas são casais de idosos.

“O que nos levou a utilizar esta imagem foi o facto de que, para os meus avós, “parar é morrer”, “envelhecer não é morrer” e “ nunca é tarde para amar”. Por isso, elegemos esta imagem para caracterizar o envelhecimento, porque não é por sermos idosos que vamos deixar de fazer o que gostamos (passear, conversar, brincar, jogar...)” E.3.

“Escolhemos esta imagem porque mostra que os idosos estão a envelhecer felizes, o que é importante no envelhecimento... É importante envelhecer na companhia um do outro.” E.11.

“Após a realização da pesquisa de imagens, os meus avós escolheram esta imagem, pelo simples motivo de acreditarem que a velhice não veio para trazer simplesmente problemas, mas também felicidade. Segundo eles, a imagem representa bem o envelhecimento, por ser um caminho, nunca se sabe quando acaba, ... enquanto tivermos forças, devemos continuar. Segundo o meu avô “A vida é uma corrida diferente, e o que conta não é chegar ao fim, mas sim demorar o máximo possível, porque depois da meta, não há troféus, só terra...” a minha avó completou a afirmação do meu avô, dizendo que ainda têm estofa para permanecerem na corrida, que são jovens de mais para correr para o fim, e que, dê por onde der, lutarão para continuar a caminhada juntos e felizes, mas lentamente, porque “grão a grão enche a galinha o papo”. Concordam que há muitos problemas relacionados com o envelhecimento, mas acreditam neles mesmos, e na família.” C.4.



Figura 37. Sessão 6.

O envelhecimento numa imagem E.10

Em duas dessas imagens, os idosos são enquadrados em primeiro plano, encostando as cabeças, refletindo bem-estar e cumplicidade. As restantes seis imagens enquadram os idosos em cinco ambientes exteriores: caminhando numa área verdejante de mãos dadas (cinco preferências), lendo um jornal sentados num banco de um jardim (duas preferências), preparando-se para praticar surf junto à praia (uma preferência), pedalando em bicicletas, num dia solarengo (uma preferência), dançando junto ao mar (uma preferência).

“... os idosos, só porque são mais velhos, não devem deixar de fazer as coisas de que gostavam de fazer e também não podem perder as suas lembranças e as suas curiosidades. Esta imagem mostra também que devemos continuar a sair para comprar outras coisas, como jornais, lanchar numa pastelaria, ter com as amigas (os).” E.10.



“Isto prova que se deve envelhecer feliz!” E.7.



“A minha avó escolheu a primeira imagem pois gosta de estar com o seu marido.” E.8.



“Eu e os meus avós escolhemos esta fotografia da internet ... envelhecer não é morrer, é apenas uma etapa da vida pela qual toda a gente irá passar!” E.12.



“Eles lembraram-se do tempo em que ainda andavam de bicicleta. Já viveram em Darque e faziam muitas viagens de bicicleta! Há um ano atrás, durante as férias do verão, perguntei-lhe (ao avô) se ainda sabia andar de bicicleta. Ele disse que não. Mas eu teimei com ele e conseguiu andar! Mas foi só um bocadinho!” E.15.



“Nós escolhemos esta imagem porque gostamos muito de desporto e do mar. Fazer surf é mais habitual nos jovens mas ver os idosos a praticá-lo, é mais divertido e é bonito de se ver.” E.16.

Figura 38, 39, 40, 41 e 42. **Sessão 6.** O envelhecimento numa imagem seleccionada por E.7., E.8., E.12., E.15.e E.16. (de cima para baixo)

A última fotografia, deste conjunto, representa um casal de idosos de pijama azul e cor-de-rosa, saltando jovialmente no colchão da cama que partilham, com largos sorrisos, num ângulo contrapicado, tendo sido selecionada por dois participantes.



Figura 43. Sessão 6. O envelhecimento numa imagem selecionada por C.1. e C.5.

“A minha avó, como partiu muitas partes do corpo, não consegue saltar, dançar... pois começa a ficar com nódoas negras só de se mexer.” C.1

“Esta imagem mostra-nos a vida feliz que cada idoso tem direito a ter... Mas nem sempre isso acontece. As pessoas esquecem-se dos direitos dos idosos e maltratam-nos, tirando-lhes a vida e a liberdade. Mas esta imagem demonstra precisamente o contrário....Demonstra o carinho, o amor, a felicidade e a liberdade demonstrada pelos/e aos idosos...” C.5.

Um outro conjunto de nove fotografias estabelece um contraponto entre momentos de aprendizagem, agilidade física à dificuldade de mobilidade e solidão. O computador surge como pretexto de encontro entre idosos, para a formação, para a aquisição de competências informáticas em duas das imagens, tendo a primeira delas, onde estão debruçados quatro idosos amigos sobre um computador, sido eleita por três dos participantes.



Figura 44. Sessão 6

O envelhecimento numa imagem selecionada por E.1. e C.9.

“Eu e os meus avós escolhemos esta imagem porque achámos que envelhecer deve ser de uma maneira ativa. Por exemplo, achámos que os idosos também podem ter aulas, aprender a usar computadores, telemóveis e várias outras coisas mais inovadoras.” E.1.

“... Optamos por esta imagem porque mostra dois idosos no passado a trabalhar no material do futuro. É uma imagem muito bonita pois mostra que velhos são os trapos. Os meus avós adoraram esta foto e escolheram-na para apresentar.” C9

A amizade é um aspeto salientado numa das imagens em que cinco idosos amigos unem as mãos:



Figura 45. Sessão 6

O envelhecimento numa imagem selecionada por E.2.

“Esta imagem representa o envelhecimento ativo, pois, apesar das suas idades, continuam a conviver, a divertir-se e, acima de tudo, passar esta etapa da vida, o envelhecer, com aqueles que sentem o mesmo e que os compreendem. Por vezes esta é a melhor maneira para se esquecer de um momento que para eles pode ser tão frustrante...” E.2.

Uma outra imagem enquadra dois idosos pelos joelhos num campo de cultivo exprimindo risos de satisfação. Ainda transpirando energia física e satisfação, um idoso, em roupa desportiva, demonstra como ainda domina o seu corpo, tocando com a ponta dos seus dedos a sua sapatilha. Uma idosa, em primeiro plano, levanta um peso, exercitando o seu braço esquerdo, espelhando um imenso grau de satisfação no seu olhar, que dirige para cima.

Opondo-se a estas imagens luminosas e enérgicas, surgem outras três, que destacam idosos introspetivos e cabisbaixos. Numa delas, uma idosa vestida de preto desloca-se numa rua, sozinha, com o apoio de uma bengala que, com a ajuda do seu olhar, vai tateando o piso irregular. Numa outra, um idoso de roupas escuras e boina senta-se num degrau de um edifício, apoiando o seu rosto no braço dobrado sobre o joelho, sustentando um olhar indefinido. As duas bengalas aguardam passivamente, tombadas sobre os seus joelhos. Na última imagem, eleita por dois dos participantes, dois idosos caminham em direções opostas. A imagem, a preto e branco, acentua o dramatismo das suas sombras, projetadas pelos seus corpos, mas que, afinal se revelam jovens procurando encontrar-se, num passo de dança. A propósito desta imagem, foram recolhidos os seguintes comentários:



Figura 46. Sessão 6. O envelhecimento numa imagem selecionada por C.3 e C.6

“Porque os idosos acham-se novos por dentro.” C.3.

“A imagem foi escolhida em cooperação com a minha avó. Apesar de ser invisual, eu descrevi-lhe a imagem: A imagem representa o passado e o presente, tem um casal de idosos que antigamente eram

capazes de dançar juntos e agora viraram as costas. A minha avó achou que a bengala representava muito a velhice.” C.6.

Outros comentários privilegiaram o corpo, como testemunho da passagem do tempo, através de cinco fotografias. Em duas delas, através da sobreposição dos rostos ao longo de várias fases da vida, é acentuada essa modificação:



“Optamos por esta fotografia porque achamos engraçada a representação do envelhecimento numa só foto, porque esta foto repete a mesma pessoa várias vezes, mas as fotografias são tiradas à medida que esta mesma pessoa envelhece.” C. 17.



“Os meus avós escolheram, os dois, esta fotografia porque, apesar de passarmos por diferentes idades, nunca deixamos de ser a mesma pessoa.” E.9.

Figuras 47 e 48. **Sessão 6.** O envelhecimento numa imagem selecionada por C.17 e E.9

Três imagens valorizam a relação intergeracional através do beijo. Na primeira, pode-se observar a forma protetora como mãe e avó ladeiam um bebé, e o beijam protetoramente. Nas restantes duas imagens, a cumplicidade afetiva é bastante visível, e expressa-se em beijos calorosos, entre idosas e jovens:



“Esta imagem mostra as três gerações e, quando passei por esta imagem com o rato, o meu avô disse que esta era muito bonita, mais do que as que tínhamos visto.” C.16.



“Os meus avós escolheram esta imagem porque acham que as gerações mais jovens devem interagir com as gerações mais velhas.” C.12.

Figuras 49 e 50. **Sessão 6.** O envelhecimento numa imagem selecionada por C.16. e C.12.

A beleza de uma flor delicada que parece cintilar nas mãos de um idoso, a preto e a branco, mereceu os seguintes comentários:



Figuras 51. **Sessão 6.** O envelhecimento numa imagem selecionada por C.15

“Nós optamos por esta imagem porque, quando olhamos para ela, choca um pouco pois as mãos do idoso são muito rugosas e tem uma linda flor a segurar nela. Pensando melhor, podemos interpretar coisas interessantes desta imagem como por exemplo, o senhor está com as mãos estendidas

e nós podemos interpretar isso como uma forma de ter muitos anos de vida e dar-nos a conhecer lições de vida, por isso é que tem uma flor nas mãos. Se repararmos, as mãos e o cenário da imagem encontram-se a preto e branco e a flor encontra-se a cores. Por isso, podemos ver que o mundo pode estar escuro e as nossas vidas obscuras e sem sentido, mas, quando algo de bom nos aparece na vida, reparamos que existe sempre algo de bom, “ uma flor a abrir novos rumos”. C.15.

Na sua maioria, cada parceria formada pelos avós e respetivos netos procedeu a uma única imagem. No entanto, verificaram-se algumas oscilações, que convém referir. Assim, num dos casos, a aluna faz questão de referir que os seus avós elegeram diferentes imagens e relata o processo:

“Escolhemos as fotos juntos. Coloquei várias imagens e a minha avó escolheu a primeira porque achou que o olho mostrava tristeza porque diz que a velhice é uma tristeza...

O meu avô escolheu esta porque representava as várias etapas da vida e mostrando a velhice como a última...” C.18

Num outro caso, os avós optaram por mais que uma imagem para poderem efetuar comparações:

“Eu expliquei à minha avó que eu e ela tínhamos de escolher uma foto sobre o envelhecimento, e assim o fizemos. A minha avó escolheu a 5 e a 8, e eu perguntei-lhe porquê. Ela disse que retratavam a atualidade, pois, no número 8, retrata-se a colaboração e a ajuda dos mais novos perante os mais velhos. Mas, na imagem número 5, alguns dos mais fortes fatores de mortes de idosos, nomeadamente a pobreza, a solidão e o isolamento das pessoas idosas.

... O meu avô tinha escolhido a 6 e 4 e eu perguntei-lhe porque é que escolheu aquelas imagens e ele disse que estava um bocado indeciso, se gostava mais da número 6 ou se gostava mais a do número 4. As razões dele foram que, na 4, ele queria fazer o que aquele senhor está a fazer (ginástica). E que, na 6, como o meu avô gosta do campo e de trabalhar, escolheu a número 6 e eu concordei com as razões dele.” C.8.

A proveniência social e o estatuto económico foram preponderantes na análise efetuada acerca de duas das imagens:

“Optamos por estas imagens (ver Figura 36) porque a minha tia achou interessante a imagem dos dois idosos e comentou várias vezes que como eles já tinham tido uma vida de certa forma cansativa, de trabalho, que agora numa fase já final, estavam a aproveitar o tempo de outra maneira, a descansar pelo tempo em que trabalhavam. Perguntei-lhe porque achava que aqueles idosos que estavam a passear já tinham trabalhado e ela disse que tinha deduzido em função da roupa que usavam, que era parecida com a que as pessoas mais “normais” (do campo) usam. Quanto à segunda imagem dos idosos no computador (ver Figura 44), a minha tia também queria comentar, por isso disse que nunca é tarde para aprender e que o saber não ocupa lugar.

Estivemos a conversar um pouco sobre as novas tecnologias, apesar de ela admitir que não conseguiria de fora alguma utilizar um computador porque não percebe. Estivemos a falar e a comentar que há já alguns idosos que se interessam por tecnologias mas ela não faz parte desse grupo. Mesmo assim, admitiu que os jovens parecem estar muito dependentes dos computadores e dessas novas tecnologias, e pensa que não é muito saudável chegar a depender destes aparelhos.” C.14.

Breves considerações sobre a sessão 6

O afeto e o companheirismo entre o casal foram fatores decisivos para sintetizarem o olhar destas duas gerações, que privilegiou a mobilidade física e o bem-estar psicológico. Assim, estes idosos surgem na sua maioria desenvolvendo atividades físicas (desportivas e recreativas), permitindo vislumbrar o seu grau de cumplicidade visível através da proximidade dos seus corpos que se tocam através das mãos ou das cabeças que encostam, estreitando a sua cumplicidade.

Esta sessão marcou, assim, o encerramento de um trajeto colaborativo, o retorno às obras artísticas e ao trabalho entre pares em sala de aulas.

Sessão 7	Arte, estereótipos e literacia	
Objetivo	.Sensibilizar para o Ano Europeu 2012, a partir da análise de um conjunto de obras de arte, utilizando o modelo de análise de imagens proposto por Morgado	
Conceitos	Envelhecimento	Literacia Visual
Estratégias	Documento orientador para análise de uma obra de arte, segundo as 5 etapas sugeridas no projeto <i>Visualising Europe</i> (Sessão 7)	
Recursos	Seis livros de arte, fotocópias a cores das imagens a analisar, guião orientador Imagens: Figura 57. <i>Tempo – Passado e Presente</i> , Paula Rego, Tinta Acrílica sobre papel marouflé e tela, 183x183 cm, Coleção CAM – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Inv. 92P213 Figura 59. <i>O sonho de José</i> , Paula Rego, 1990, Acrílico sobre papel e tela 183x122 cm, Coleção particular (Ferreira E.; <i>Paula Rego Pintores Portugueses</i> , 2010: QUIDNOVI, Matosinhos) Figura 58. <i>The Old Woman who lived in a Shoe</i> , Paula Rego, 1989, Gravura a água-forte e água-tinta, cat. Nº 61, página 46 Figura 59. <i>Old Mother Goose</i> , Paula Rego, 1989, Gravura a água-forte e água-forte e água-tinta colorida à mão (Rosenthal T.G.; <i>Paula Rego – obra gráfica completa, vol1</i> , 2003, Cavalo de Ferro Editores, Lda., Lisboa - edição concebida e preparada para venda conjunta e inseparável com a revista <i>Visão</i> ou com o JL) Figura 61. <i>Personal Work</i> , Joyce Tenneson, Poloroid, Data e Medidas Desconhecidas – (<i>Best of Graphis Photo 1</i> , 1993, Graphis Press Corp., Zurich) Figura 62. <i>O Tempo e as Velhas</i> , Goya, 1810-1812, Óleo sobre tela, 181x125 cm, Lille, Palais des Beaux – Arts (Hagen Rose-Marie&R.; Vol. 25 Francisco de Goya 1746 – 1828, 2004, Taschen – Público: Koln)	
Recolha dados	Questionário	
Calendarização	8ºC . 90 m.15.30/17.00h 16 março	

Para agilizar a atividade, prevista numa sessão de noventa minutos, os alunos foram divididos em seis grupos e munidos de uma grelha para registo das suas reflexões, uma das seis imagens digitalizadas das obras de arte acima referenciadas (A4), o livro a partir do qual a obra de arte foi digitalizada e um guião orientador para a análise da obra de arte (ver anexo M), alicerçado nas etapas sugeridas no projeto *VISUALISING EUROPE: Visual Literacy and Intercultural European Education*, coordenado por Morgado (2009), em cooperação com colegas seus de cinco países europeus.

Este projeto enaltece a importância da conjugação de cinco etapas – *look, think, see, research and learn about the author* - consideradas fundamentais para a compreensão das imagens com um maior nível de profundidade, favorecendo não só a compreensão do que está representado, que Margarida designa por *the natural subject matter*, mas aspetos relacionados com o seu conteúdo simbólico e contexto cultural.

In sum, the cultural practice of looking is methodologically subdivided in the Workbooks into 5 parts: look (1) – think (2) – see (3) – research (4) - learn about the author (5) as part of a process to enhance and deepen the understanding of a visual text or picture. (Morgado, p.136, 2009 in Anexo dos Congressos 6º SOPCOM/8º LUSOCOM)

Deste modo, o guião foi estruturado em cinco etapas, *convidando* os alunos a lançar um primeiro olhar sobre a obra e analisar a técnica usada, formato, composição, cores e luz. Logo de imediato, foram convidados a seguir viagem no sentido de aprofundar a respetiva obra de arte, ou seja, pensar, refletir sobre o seu género (figurativo ou abstracto), sobre a sua organização ao nível dos planos de enquadramento e o posicionamento das personagens e objetos. A identificação dos sentimentos e expressões faciais das personagens foi introduzida na terceira etapa, induzindo os alunos a refinarem a sua observação sobre a importância da luz e a técnica para o reforço desses detalhes. Como detetives, foram desafiados, na quarta etapa, a procurar informação mais aprofundada sobre o artista, de forma a poderem deslindar o mistério das simbologias ocultas. Assim, tacitamente, alguns alunos distribuíram a sua atenção pelos sites sugeridos no guião fornecido no início da aula, que lhes permitiu aprofundar conhecimentos sobre as técnicas utilizadas pelos seus artistas, utilizando o computador da sala de aulas, enquanto outros procuravam

informação teórica no respectivo livro de arte correspondente ao seu artista. Finalmente, como agentes dinâmicos, aproveitaram a oportunidade da quinta etapa para desenvolver o seu sentido crítico, relacioná-las com problemas atuais da sociedade e propondo novos rumos de exploração artística da obra estudada.

Sobre a obra de Paula Rego, *Tempo – passado e presente* (1990)



Figura 52. *Tempo – passado e presente*, 1990, Paula Rego

O primeiro “Olhar” lançado sobre a obra de Paula Rego permitiu o reconhecimento de duas zonas opostas definidas pelo contraste das cores vivas das duas personagens centrais e cores mais escuras com que os personagens secundários são representados. A luz que, segundo um dos grupos, emana de uma porta aberta, vem depositar-se no idoso e em alguns objetos, valorizando as expressões faciais.

Quando convidados a “Pensar”, os alunos das duas turmas, a quem o estudo desta obra foi atribuído, apresentaram conclusões consentâneas quanto ao número de planos e à sua organização. Consideraram que a obra utilizava uma linguagem figurativa e estava dividida em três planos, com intensidades de luz alternadas: em primeiro plano, o idoso ensinando uma criança e, ao lado, um bebé, *numa posição difícil de definir* (8°C.10, 12 e 15), em segundo plano, e num ambiente menos iluminado, uma senhora, que avista uma criança num terceiro plano, com *cores muito claras e luminosas*, aspeto referido pelo mesmo grupo de alunos.

Transpondo este item, confrontaram-se com o desafio do “Ver”, procurando deslindar o tema evocado na obra. *A convivência entre diferentes gerações, possivelmente em família* (8°C), e as cumplicidades afetivas estabelecidas entre neto e avô, em primeiro plano, e mulher e menina que se encontram ao fundo do quadro, são pistas que orientam os alunos para considerarem que *o sentimento de cada uma das personagens é a felicidade*:

“Umam estão felizes por estar a ensinar e os outros sentem-se felizes porque estão a aprender e a brincar.” 8ºE

Numa fase posterior, “Pesquisa”, um dos grupos de alunos sugeriu que a idosa apoiada na parede, divagasse sobre a continuidade da família, ou mesmo sobre a sua própria infância:

“A idosa está apoiada na parede junto à porta, dando a sensação de estar pensativa pois talvez esteja feliz por ter membros mais novos na família...pode estar a lembrar a sua infância.” 8ºC

Os objetos representados na obra foram salientados por alguns dos alunos que simbolizariam a liberdade e o sacrifício, ainda que não tenham complexificado a sua interpretação.

Aprender algo com a artista permitiu que os alunos refletissem sobre a atualidade da obra, sobre a noção da passagem célere do tempo e que pudessem alterar algumas perspetivas iniciais sobre a postura aparentemente passiva do idoso:

“O tema é atual pois agora fala-se muito na convivência entre diferentes gerações pois agora há muitos idosos sozinhos, sem família e sem apoio. Hoje em dia, ouve-se muito falar em idosos que morrem sozinhos nos seus apartamentos e só passadas semanas se descobre. Podemos ainda ver que a pintora convive muito com os idosos pois o tempo passa num abrir e fechar de olhos.” 8ºC

“No nosso grupo, houve uma pessoa que mudou a opinião porque, no início, ele (o avô) estava à beira do neto para ver se ele estava a fazer mas, com o estudo da obra, reparou que o avô estava a ensinar o neto.” 8ºE

O grupo de três alunos do 8ºC sugeriu que um tipo de aproximação à obra poderia conseguir-se pela abordagem oposta à manifestada na obra, ou seja, colocar os elementos da “*família de costas voltadas uns para os outros em vez de se encontrarem a conviver frente a frente*”, como forma de refletir sobre a diversidade de relacionamentos entre as gerações, conforme referem:

“... porque há idosos que vivem sozinhos e que não têm possibilidade de ensinar ninguém, mas também há idosos que têm possibilidades de ensinar as pessoas.” 8ºC

Na outra turma, o grupo de alunos que estudou a obra sugeriu que a obra de Paula Rego poderia servir como motivação para a representação de uma peça de teatro ou musical, e/ou ainda, como pretexto publicitário para “*ajudar os mais velhos*” (8ºE.5, 16 e 18).

Sobre a obra de Paula Rego, *The Old Woman who lived in a Shoe* (1989)



Figura 53. *The Old Woman who lived in a Shoe*, 1989, Paula Rego

A assimetria do quadro foi salientada por um dos grupos, que reforçou a importância da luz que valoriza as personagens dentro do sapato e ainda a utilização, pela artista, da gama de cores entre o branco e o preto, passando por uma infinidade de cinzas. Verificou-se grande disparidade entre a distribuição dos elementos do quadro pelos planos, ou seja, enquanto um dos grupos resumiu a obra a dois planos, o outro grupo organizou a obra de uma forma mais complexa, distribuindo os vários elementos em cinco planos. Contudo, ambos os grupos destacam as duas figuras centrais, sem valorizar a idade da personagem feminina:

“... há destaque para uma senhora que vai bater numa criança.” 8ºC

“... uma mulher a bater num menino.” 8ºE

Ambos os grupos reconhecem o drama como tema central da obra e a profusão de expressões e sentimentos manifestados pelas personagens e acentuados pelas cores neutras utilizadas pela artista, não particularizando a personagem principal nem o ato punitivo que se avizinha, como se perdessem a intensidade na confusão das outras personagens:

“As personagens demonstram sofrimento, dor, repulsa, aflição, tranquilidade, jovialidade, romance/cavalheirismo. Tristeza, dúvida e incerteza permanecem nas expressões dos personagens.” 8ºC

Só um dos grupos conseguiu tecer comentários mais profundos, na fase Pesquisar, pois reconheceram o sapato como símbolo da fertilidade:

“O sapato representa o facto de se atirar um sapato depois de a noiva partir para a lua-de-mel, para encorajar a fertilidade.” 8ºC

É bastante perceptível o grau de complexidade obtido na análise efetuada pelos alunos, após a leitura do texto alusivo à obra, ainda que os dois grupos não apresentassem a mesma opinião quanto à atualidade do tema:

“Após ler o texto que acompanha a imagem, percebemos que o sapato representava a fertilidade e que, a partir de uma certa idade, as pessoas ficam inférteis. No início, pensamos que os 3 sapatos representados na imagem (bota, salto alto e sandália) representavam as 3 fases da vida feminina. O artista representa os acontecimentos atuais (violência, abandono, infertilidade).” 8°C

A mulher idosa a bater na criança poderia ser explorada, na visão de uma das alunas, numa campanha publicitária, e, no outro grupo, os alunos gostariam de alterar profundamente o contexto e a relação desta mulher com as crianças:

“A mulher poderia estar com um livro na mão e com as crianças à sua volta, como se a mulher fosse muito simpática e as crianças gostassem dela. A história poderia ser apresentada numa peça de teatro.” 8ºE

Sobre a obra de Paula Rego, O Sonho de José (1990)



Figura 54. O sonho de José, 1990,
Paula Rego

A luz volta a ser nomeada pelos alunos como agente fundamental na percepção visual do quadro, proporcionando uma atração imediata pela personagem feminina, pela tela que ilustra e pelo anjo/mulher que ostenta sob as suas vestes esvoaçantes, uma inesperada gravidez. Ao fundo, deitado num cadeirão, surge o idoso de roupão azul, mergulhado em sonhos profundos, aparentemente desconhecendo fazer parte da tela em construção.

Os alunos identificam o drama como tema geral da obra, apoiando-se no sentimento de cansaço e de sofrimento exalados pela personagem masculina e pelo ambiente triste e de cansaço.

O cadeirão, curiosamente, assim como a posição da personagem masculina que o ocupa e o anjo pintado na tela, foram apontados como elementos simbólicos:

“O homem é uma pessoa rica e, nesta pintura, é simbolizada pela postura do homem. Mas o dinheiro não dá felicidade e pode estar a sorrir por causa do motivo da riqueza. Nós achamos que o anjo que está na tela simboliza que o homem está para morrer ou já está morto. O cadeirão do homem é muito melhor e mais confortável que a cadeira da mulher porque o homem pode ter tido uma vida mais dura e pode precisar de mais conforto.” 8°C

A obra foi considerada atual em ambas as turmas. Um dos grupos referiu que a *“velhice é um tema muito falado, a solidão, a tristeza”* e o outro grupo de trabalho confirmou *que as pessoas “com a idade ficam muito mais cansados e mal tratados”*.

Quando confrontados com eventuais interpretações desta obra, foram apontadas as seguintes sugestões:

“O meu colega Guilherme, se fosse a artista, dava umas asas de anjo à senhora da pintura e pô-la-ia nua ou com vestes brancas, para simbolizar um anjo. Eu, Adriana, pintava toda a parede de preto para simbolizar a tristeza. Mas, a senhora, ia pô-la toda branca e com uma cara mais nova, para simbolizar anjos e a inocência.” 8°C

“... se fosse o homem, um marido no canto da sala a dormir a sua sesta a sua mulher afastada dele, noutra canto da sala, a pintar o fruto da sua própria imaginação. Talvez desse um ambiente familiar à obra.” 8°E

Sobre a obra de Paula Rego, *Old Mother Goose* (1989)



Figura 55. *Old Mother Goose*, 1989. Paula Rego

Esta obra, na opinião dos alunos, destaca, em primeiro plano, uma idosa que, sobre o dorso de um gigantesco ganso, acena, jovialmente, para um conjunto de pessoas que se encontra no canto esquerdo da obra. Daí ambos os grupos terem espontaneamente considerado que o tema geral da obra era a comédia, tendo o grupo do 8°C ainda acrescentado o tema do fantástico. O ângulo contrapicado aumenta a sensação de que o observador se encontra também a pairar sobre a paisagem, acompanhando a viagem da *simpática idosa* por estar a saudar os *habitantes da aldeia*, que se encontram mais destacadas pela luz, e que *ficam de boca aberta, olhos esbugalhados e faces que*

demonstram admiração (8°C.3,14,18 e 20), surpreendidos, porventura com a sua ousadia.

Um dos grupos de trabalho considerou que essas personagens representariam a sua família e a idosa deslocando-se no ar, poderia representar um ato de emancipação, de liberdade, ou, curiosamente, a afastar-se dos problemas:

“Nós pensamos que o tema geral apresentado na obra é um pouco de comédia, devido ao facto de a senhora estar a voar em cima de uma ave. Isso demonstra alegria e liberdade da parte dela em relação à família, que mostra admiração.” 8ºE

“Na obra, a senhora está a dizer adeus, o que dá a entender que está a dizer adeus às coisas más. Em relação à família, devido à sua admiração, dá a sensação de que só reparam nos idosos quando eles estão livres.” (8ºE.10,11,15)

A forma como as pessoas dão as mãos foi importante para o grupo dos alunos do 8ºC, que associou tal gesto à sua união, nas *situações piores*. Para o mesmo grupo de alunos, a casa simbolizava *“abrigo, conforto, vida e união”*, o pássaro transmitia *“liberdade e paz”* e as *“nuvens, leveza e felicidade”*.

Ao aprofundarem a leitura do texto de apoio à obra (p.43), algo que só se verificou com um dos grupos, puderam compreender a ligação da idosa que acena, com uma criada da avó da autora que veio a ser a ama dos filhos, por quem nutria um enorme carinho, tal como podemos verificar neste comentário:

“Portanto, podemos deduzir que a autora tem um grande carinho pela senhora e foi por isso que a destacou nesta obra”. (8°C. 3,14,18,20)

O mesmo conjunto de alunos conseguiu descobrir pequenos segredos sobre Paula Rego:

“Aprendemos que a autora pinta com segundos sentidos (intenções). A autora inspira-se em rimas, portanto, tira ideias da poesia.” (8°C. 3,14,18,20)

Alteraram algumas das suas ideias pois, afinal, o conjunto de pessoas não estaria surpreso nem com medo, mas sim a dançar. Consideraram o tema atual porque, conforme salientam:

“... nos tempos antigos, as pessoas acreditavam muito no surreal, assim como nos dias de hoje, pois nós vemos as coisas de forma diferente e, de certa forma, imaginamos muito.” (8°C. 3,14,18,20)

Convidados a apresentar novas interpretações, um dos grupos sugeriu a utilização da idosa sobre o ganso para uma campanha publicitária de uma companhia de aviação e o outro, sugeriu a inversão de papéis definidos pela autora:

“Já não necessita do seu ganso para voar. Com a nossa agência, fazemos voar de uma forma mais confortável a um preço baixo.” (8°C. 3,14,18,20)

“Para nós, ao olhar de outra forma para a imagem, poderiam aparecer os mais novos em cima da ave a voarem e a idosa, no campo, a trabalhar.” (8°E.10,11,15)

Sobre a obra de Joyce Tenneson, *Personal Work*



Figura 56. *Personal Work*, (Data desconhecida), Joyce Tenneson

As quatro polaroid provocaram alguns comentários contraditórios entre as duas turmas e mesmo dentro dos grupos, verificando-se concordância sobre a simetria, numa única imagem: a do fundo, à direita. A luz é referida pelos alunos, a qual destaca, segundo a sua opinião, a parte superior do corpo das personagens assim como o ambiente mais quente de duas das imagens em contraposição às outras duas. Os fundos parecem estar nublados, levantando aos alunos dificuldades no reconhecimento dos planos de fundos. O facto das personagens de cima estarem sentadas e as de baixo, de pé, foi destacado por um dos grupos.

Este conjunto de fatores proporcionou que a obra fosse considerada dramática e que fossem identificados, nela, *sentimentos de tristeza perante os acontecimentos* e seriedade, mas também de solidariedade entre gerações:

“Eu (Marlene) acho que o poste, de estilo arquitectónico antigo, pode remeter-nos para a velhice. E, na imagem nº 3, podemos observar um idoso no “colo” de um jovem; isto pode querer representar enfermidade por parte do idoso, que também parece estar com cara triste. Na imagem nº 1, o

adulto está a cuidar da criança (interação de gerações). Na quarta imagem, a cor branca que reveste o corpo da mulher remete-nos para uma elevação ao céu. “ (8°C.5,16,19)

“As obras do lado esquerdo transmitem segurança, amor pelo filho, carinho e compaixão. Transmite que o filho cuida do pai, como o pai cuidou dele quando era pequeno. As obras do lado direito transmitem-nos solidão, tristeza e abandono.” (8°E.3,7,12)

A nudez foi alvo de atenção por parte de uma aluna, Marlene, que vislumbra para além da componente física das personagens fotografadas:

“As pessoas foram fotografadas nuas para mostrar as diferenças físicas mas, por detrás disto, podem estar representadas as características psicológicas.” 8°C

Consideraram a obra bastante atual, fazendo referência à baixa natalidade e alta expectativa dos idosos e ao facto das pessoas cuidarem umas das outras, ainda que, por vezes, *sejam abandonadas e desprezadas*:

“Há muitas pessoas que vivem sozinhas, sem apoio da família. Mas muitos cuidam dos pais como eles cuidaram deles.” 8°E

No item, *Um outro olhar*, foi apresentada, por um dos grupos, uma sugestão de âmbito social:

“A imagem poderia fazer parte de alguns documentários para incentivar o aumento da taxa de natalidade e o melhor cuidado com os idosos. Todos nos focamos na ideia principal: Promover a natalidade e prestar atenção ao abandono dos idosos por parte dos filhos.” 8°C

A personagem do canto inferior direito, em posição simétrica, sugeriu uma visão plástica, bastante simples e elucidativa:

“... transmite que a personagem quer ser um anjo e que quer partir para outro mundo porque ninguém lhe dá valor pelos sacrifícios que fez na sua vida. Para reforçar esta ideia, deveria pôr na imagem uma porta branca, mostrando que vai caminhando para lá.” 8°E

Sobre a obra de Francisco de Goya, *O Tempo e as Velhas* (1810-1812)



Figura 57. *O Tempo e as Velhas*, 1810-1812, Francisco de Goya

O jogo do contraste claro/escuro, efetuado pelo artista, tornou-se muito apelativo junto de um dos grupos de alunos, que concluíram que o *tom mais claro* era usado para as personagens mais significativas e o *tom escuro para personagens menos importantes* (8°C.2,7,17). A luz contribuiu, através do olhar dos alunos, de uma forma significativa para realçar a parte superior esquerda e a parte central da obra, destacando a personagem central. Em segundo plano, Cronos, o Cruel Deus do Tempo, com as suas asas abertas, designado também por “anjo”, surge por detrás das duas mulheres que se relacionam com o espelho.

Verificou-se nesta fase, alguma contradição, ao nível da nomeação dos sentimentos registados pelas personagens da obra, que foram descritos como tristeza, persistência e, simultaneamente, alguma alegria esboçada nos breves sorrisos das idosas quando olham para o espelho. Cronos é apontado como uma personagem intrusiva, parecendo, segundo um dos grupos, que “*o tempo não passou por ele*” (8°E.2,6,8).

A cumplicidade das duas idosas, neste momento íntimo de partilha, representa a união de amigas a resistir a tudo durante muito tempo, associado a algum divertimento:

“Apesar da idade que aparentam, as idosas ainda apresentam felicidade, com o simples olhar para o espelho... afastaram-se do convívio e o único facto que lhes alimenta a alma é sentirem-se bonitas. O espelho apresenta o reflexo da felicidade das idosas, ou seja, o espelho é muito importante para as idosas pois é um objeto que tem um valor significativo para elas (o alimento da alma delas).” (8°C.2,7,17).

O segundo grupo foi mais sensível à posição dos corpos dos personagens realçando a rigidez das idosas, contrapondo-se à agilidade de Cronos:

“... as posições das mulheres representam a velhice, pois estão quietas e não há movimento. Crono, muito pelo contrário, não está velho e está em movimento.” (8°E.2,6,8)

A obra, apesar de “*muito antiga*”, expressão usada por um dos grupos, ilustra um tema considerado muito atual.

“Com o artista, aprendemos que a velhice tem de ser encarada e que apresenta várias formas de se exprimir... Esta obra está relacionada com a solidão e o isolamento dos idosos, isto por causa do abandono pelas famílias.

Relaciono com a atualidade porque aparecem muitas notícias sobre pessoas idosas abandonadas, que morrem na solidão.” (8ºE.2,6,8)

A publicidade voltou a surgir como uma área onde os alunos vislumbraram oportunidades para a sua reinterpretação:

“A obra podia ser usada por uma loja de moda, com um slogan a dizer que, apesar dos anos passarem, devemos cuidar bem de nós. (8ºC.2,7,17)

Poderia dar-lhe o uso da publicidade para sensibilizar as pessoas de que não devem deixar os idosos sozinhos.” (8ºE.2,6,8)

“Que o tempo podia voltar para trás em vez de avançar.” 8ºE (8ºE.2,6,8)

Breves considerações sobre a sessão 7.....

Cada uma das cinco etapas, implementada na sala de aulas, criou uma oportunidade para que cada obra de arte fosse cuidadosamente observada, numa infinidade de aspetos e multiplicando, conseqüentemente, os seus sentidos, favorecendo a sua compreensão como um todo, que se foi enriquecendo gradualmente. Através deste processo construtivista, alguns alunos modificaram as suas opiniões iniciais, traídos por olhares demasiado furtivos, que foram aprendendo a refinar.

Ao longo do processo, foi notória a resistência à leitura dos livros de arte, como de pesquisa por parte de alguns dos alunos, assim como à verbalização e registo escrito das suas conclusões. A oportunidade para criar a partir das ideias dos outros nem sempre foi recebida com entusiasmo, sentindo-se alguma ansiedade inicial, que foi ultrapassada de uma forma interessante, nalguns casos, sustentando-se geralmente em questões sociais bastante atuais, como o envelhecimento da população, a negligência da sociedade face ao abandono dos idosos e a solidariedade entre gerações.

De uma forma geral, os alunos puderam constatar a importância da organização interna das obras de arte, da luz, das texturas, dos pesos visuais e dos símbolos utilizados pelos artistas para deciframos as suas mensagens, os *segundos sentidos (intenções)* dos artistas (8ºC.3,14,18,20) e extrapolar a leitura simplificada, estereotipada e discriminatória, conforme refere Morgado (2009), alcançando com sensibilidade e frescura as manifestações do mundo em que vivemos.

Contudo, ficou a sensação de muito haver a dizer, a explorar, em particular sobre a contextualização histórica de cada um dos artistas e sobre o homem e a mulher que se encontram por detrás de cada uma das suas obras, deixando patente a urgência de uma continuidade.

4.4. Etapa 4

A condensação destas 7 sessões, num período de tempo reduzido, tornou-se um desafio partilhado com entusiasmo pela maioria dos parceiros envolvidos, ainda que algumas delas, dada a sua complexidade, coloquem outros desafios que podem ser enfrentados posteriormente.

No final das sessões, os alunos ganharam em autonomia e confiança, aguçando a sua sensibilidade para estas questões atuais e prementes sobre o envelhecimento.

5.1. Discussão dos resultados

Este projeto, embora limitado pela natureza dos seus agentes intervenientes, contextualização geográfica, social e económica, é um contributo significativo para as práticas intergeracionais que, paulatinamente, se infiltram no dia a dia da nossa sociedade portuguesa e, em particular, nos projetos escolares. Após a apresentação dos resultados das sete sessões implementadas, poder-se-á procurar responder às questões que guiaram esta investigação.

1. Como pode funcionar, em sala de aulas, um ateliê intergeracional que promova a reflexão sobre as imagens estereotipadas do envelhecimento?

Seguramente, nenhum ateliê intergeracional poderá conter-se nas fronteiras materialmente definidas por uma sala de aulas nem, com certeza, com uma visão reducionista da prática artística a um *oásis*, de mera realização pessoal e individualista, distante da vida exterior.

Poder-se-á afirmar que um espaço desta natureza se vai, gradualmente, tornando reivindicativo, exigente. Sempre que as interações desta natureza são favorecidas, naturalmente, outras conexões se implementam, proporcionando ramificações inesperadas que por elas se aventura não deixar esmorecer.

Enquanto professora/investigadora, distancio-me desta perspetiva e tenho vindo, ao longo da minha carreira, a estabelecer parcerias com outras áreas disciplinares, projetos de âmbito escolar e algumas instituições, com voluntarismo e entusiasmo, que normalmente motivam processos mais entusiasmantes para o próprio professor e alunos envolvidos. Nesse sentido, fui confidente de alguns desabafos proferidos pelos idosos, com quem partilhei um ateliê intergeracional em sala de aulas, no ano transato, que refletiram alguma mágoa pela falta de continuidade de algumas iniciativas. Mais do que uma aventura (por nos encontrarmos num ano decretado pela comunidade europeia para a celebração da solidariedade entre gerações), um *ateliê* intergeracional torna-se uma responsabilidade e um compromisso, perante os agentes envolvidos, por parte do professor dinamizador. Tais práticas devem ser acarinhadas de forma a criar raízes junto dos jovens e idosos, para que assumam, ambos, os papéis que o modelo da sociedade do séc. XXI lhes exige: maior interação, maior

rentabilidade, maior eficácia. Não só os idosos beneficiam da presença dos jovens. Do mesmo modo, os jovens enriquecem os seus pontos de vista, a partir da experiência de quem percorreu um trilha mais longo e num contexto, muitas vezes, bastante divergente do seu. Finalmente, os agentes que intervêm neste tipo de processo devem ser recetivos à mudança e a novas experiências. De acordo com o questionário distribuído pelos participantes, tal expectativa confirmou-se e a maioria concordou com a importância de se ter *novas experiências que questionem a forma como pensamos acerca de nós mesmos e do mundo* (questão 3-Questionário Bem estar psicológico).

Uma outra vertente da questão prende-se com a visão estereotipada do envelhecimento. Fará sentido? Será necessária? A implementação do inquérito efetuado pelo Dr. Carlos Magalhães, em Bragança (já referido anteriormente no capítulo dois), revelou que, cerca de metade dos inquiridos, concordou com duas das questões que, de imediato, chamam: *os idosos têm tendência a assemelhar-se física e psicologicamente*. Daí que algumas das sessões (2, 3, 4 e 5) tivessem sido delineadas com a preocupação de recolher detalhes suficientes, sobre aspetos físicos e psicológicos do envelhecimento, que auxiliassem a diluir a tendência para a homogeneização dos idosos, sob uma capa uniforme e insípida. A recolha destes elementos pode ser considerada um contributo para essa mesma desmistificação.

A introdução das metodologias visuais participativas (*PVM – Participatory Visual Methodologies*) permitiu confirmar a sua eficácia ao nível do envolvimento dos parceiros no próprio processo de pesquisa e reflexão.

2. Que estratégias podem ser promovidas para reforçar pontes afetivas de solidariedade entre gerações, baseadas no respeito e apreço pela criatividade e competências do outro?

Ao longo do decorrer das sessões, foi possível observar o nível de investimento emocional colocado pela maioria dos alunos envolvidos, patente nas suas observações tecidas em contexto de sala de aulas mas, sobretudo, em ambiente informal, num contexto por vezes mais íntimo com a investigadora. Apesar de não ter sido desenvolvido qualquer contacto personalizado entre a investigadora e os avós, tal facto não se revelou como um obstáculo à boa consecução do projeto, tendo partilhado generosamente os seus locais de eleição, parte da sua intimidade e dos seus objetos de afeto.

No entanto, torna-se imprescindível proceder a uma reflexão sobre o grau de eficácia das sessões implementadas, e que melhor conduziram os jovens na deteção dos aspetos pertinentes sobre o processo do envelhecimento.

Desta forma, pode-se observar que a sessão 2 permitiu que os jovens reconhecessem o lugar de destaque dos idosos, como elementos fundamentais do tecido da sociedade, contribuindo para a perduração das memórias das suas comunidades, revelando uma frescura surpreendente quer na transmissão dos detalhes como também na vontade de aprender, como no caso dos 1º e 2º excertos intitulados “Os dinossauros” e “A menina que não sabia rir”, impulsionando dois dos alunos a manifestar surpresa: “*A idosa explicou muito bem que tipo de pegadas e há quanto tempo os dinossauros estavam na terra*” (1º excerto) e, ainda, “*as coisas que ainda aprendem uma com a outra...*”, mostrando “*que nunca é tarde para aprender e ensinar*” (2º excerto). Tudo isto decorre entre passos de tranquilidade e paz, com espaços reservados ao silêncio e à reminiscência, como se cada frase proferida tivesse direito ao seu tempo necessário para se fazer ecoar, misturando-se histórias e fragmentos de vida, designadas por revisões de vida, que vão surgindo paulatinamente e proporcionando a aquisição de uma valiosa herança pelas futuras gerações. A partilha destas histórias que residem, conforme sugere o título da obra de Graça Morais, nas *cabeças* daquelas mulheres e homens, foi uma excelente oportunidade para os avós participantes poderem testemunhar a fome, morte, a relação profunda com a natureza para o seu sustento, harmonia, sexualidade/relações afetivas e capacidade de amar, comprovando que o questionamento é uma estrada com piso desconfortável e acidentado mas que, se não for esquecida nem abandonada, pode transportar-nos a um maior grau de conhecimento sobre nós próprios, favorecendo a reflexão sobre a nossa própria vida e que só assim, segundo Sócrates, em Plato, Apologia, secção 38 (traduzido por Fowler, 1966) valerá a pena ser vivida: *uma vida não examinada não vale a pena ser vivida*. Estes testemunhos corroboraram os resultados obtidos na questão 6. Quando *revejo a minha vida, fico contente com a forma como as coisas aconteceram e 12. Gosto da maioria dos aspetos da minha personalidade (Questionário 3)*, que indicavam um nível de satisfação generalizado dos avós, face ao decurso das suas vidas e às suas personalidades.

Na sessão 3, e através dos depoimentos generosos das oito personagens conhecidas do público português (REVISTA ÚNICA, 2011), foi permitido aos jovens observar a diversidade de estratégias adotadas, de forma a manter a dignidade, trilhando *percursos de envelhecimento activo*, por intermédio da manutenção das suas atividades intelectuais, artísticas e lúdicas, como jogar e conversar com os amigos.

Esta última atividade é, também, salientada pelos avós, nos questionários sociodemográficos, surgindo com preponderância. Apesar destas contribuições relevantes, que apresentam o envelhecimento como uma oportunidade que pode e deve ser rentabilizada, uma das sessões prestou um valioso contributo à clarificação das alterações físicas e psicológicas que se potenciam com o envelhecimento. A sessão 3 foi, claramente, uma oportunidade para que os jovens obtivessem dados muito precisos sobre algumas das modificações sentidas por alguns dos entrevistados, a nível físico, como a falta de resistência, maior cansaço, perda da agilidade e rugas. O envelhecimento surge, nesta sessão, como um processo gradual, com nuances muito próprias e únicas, e que acarreta, nalguns casos, a sensação de perdas, como a noção da mortalidade, do tempo acelerado, menor frenesim e alguma tristeza. Os alunos puderam aperceber-se dos receios que se vão instalando nos entrevistados, e que, segundo os depoimentos recolhidos, antecipam eventuais deteriorações das suas capacidades mentais (enlouquecer, perder a memória, ter bloqueios, não fazer bons raciocínios) e físicas (fragilização do corpo, tornar-se um fardo), invalidando a sua prestação.

Segundo os resultados do questionário *Atitudes Discriminatórias – Quadro III*, com incidência no ponto 5, 16 avós já teriam sido discriminados pela falta de audição, facto que só encontra correspondência, em apenas um dos avós, nesta sessão 3, o que gera uma oportunidade para uma reflexão mais aprofundada, tendo em conta esta diferença acentuada. Por outro lado, o ponto 6, correspondente às atitudes discriminatórias pela diminuição das capacidades cognitivas (15 parceiros), já se encontra patente em 6 casos.

Do lado dos avós, foi possível detetar uma enorme apreensão pela morte e, ainda pela instabilidade económica, que reforça a importância de um conselho dado por um dos testemunhos, de Ana Bola, alertando para a necessidade de se preparar a velhice e, acentua a opinião de um outro depoimento, de Maria Filomena Mónica, sobre as questões económicas que ajudam a definir a qualidade do envelhecimento. Aliás, é significativa a diferença entre as atividades desenvolvidas entre os 8 entrevistados pela revista do Expresso e os avós deste estudo, bastante mais limitadas e menos ambiciosas. A lavoura, referida por trinta e um dos avós, contrapõe-se com as atividades profissionais desenvolvidas pelos 8 entrevistados pelo referido jornal, mais diversificadas e desdobrando-se pelas áreas artísticas (escultura, desenho, escrita), educativas (dar aulas) e científicas (investigação). Contudo, não se torna um fator dissuasor junto dos avós participantes que discordaram relativamente à questão 18. *Em muitos aspetos, sinto-me desiludido com o que alcancei na vida* - questionário 3 (Bem Estar Psicológico).

Noutros casos, os depoimentos são testemunhos vivos da manutenção da mesma alegria de viver, da mesma frescura mental, a mesma curiosidade e o mesmo bem-estar com a imagem em perpétua evolução. Mas, a tónica dos depoimentos acentua, de longe, as oportunidades que se proporcionam, incluindo maior espaço para a contemplação, para o aprofundamento do conhecimento sobre si próprio, para maior ligação à infância, mais tempo livre para estar com a família ou desenvolver atividades que se foram adiando, como viajar, ficar seis meses em casa, brincar com os netos, visitar a meninice recuperando um olhar fresco e jovial, conviver com os amigos e, mesmo, poder concretizar os sonhos mais extravagantes. Estas oportunidades conjugam-se e são conducentes à sabedoria da terceira idade que passa por ter que abandonar hábitos enraizados para continuar a manter saúde, ter que lidar com a mortalidade com naturalidade, vivendo o presente com entusiasmo e cumprindo projetos que tiveram que ser, nalgumas situações, readaptados.

A investigadora sugere que terá sido esta mesma capacidade de readaptação, de reformular os projetos que provavelmente terá conduzido os avós a discordarem da questão 5. *Não tenho a noção do eu pretendo alcançar na vida.* (questionário 3 – Bem Estar Psicológico).

3. Refletir sobre imagens que espelhem a problemática do envelhecimento poderá auxiliar os jovens para uma melhor compreensão do envelhecimento?

As imagens surgiram ao longo deste projeto como pretexto fundamental para um processo de investigação conducente à compreensão das reações dos jovens à problemática do envelhecimento, despertando a sua própria reflexão e sentido crítico sobre o mundo em que vivem e abrindo algumas janelas de outras vivências e testemunhos.

Nesta sequência, se observarmos as duas imagens que reuniram o consenso dos alunos, durante a sessão 1, ambos os idosos estão perfeitamente integrados em atividades familiares, como “*A pequena Carroça do Père Junier*”- e sociais, de vertente lúdica, como “*O Velho músico*”. Em ambas as obras, os alunos reconheceram o *envelhecimento como um estado naturalmente integrado no decurso da vida*, em que os idosos ocupam o seu lugar devido, ou contribuindo para o bem-estar espiritual de uma comunidade, espelhando ambas as situações, valiosas oportunidades que reforçam a perspetiva do *envelhecimento ativo*, tema central das preocupações atuais europeias. A mesma atitude positiva perante o envelhecimento foi encontrada, pelos

alunos, em “Cinco cabeças Grotescas” (Fig.1) e “A velha fritando Ovos” (Fig.2), em que os idosos convivem em grupo ou interagindo com os mais jovens e transmitindo valores de simplicidade. No entanto, outros aspectos foram ressaltados e que refletem a constatação de um eventual isolamento geográfico (Fig.1), tema atual e debatido nos órgãos de comunicação social. A solidão patente em alguns idosos representados nas obras de arte analisadas foi, para alguns alunos, sintoma de abandono e de desenquadramento da vida social, incapazes de integrar as mudanças ocasionadas pelos acontecimentos de uma forma equilibrada, proporcionando a desagregação da pessoa. (Cruz, 2003). Outros alunos especularam sobre o processo de reminiscência, no qual alguns idosos podiam lamentar atitudes tomadas, das quais se arrependem, como aconteceu relativamente às figuras 5 e 8. Contudo, os alunos não deixaram de compreender o descanso merecido após uma vida de trabalho do “Velho Camponês” (Fig.4), colocando em causa se a idosa da figura 2 não estaria a ser alvo de sobrecarga de tarefas, nesta fase da sua idade. Puderam deparar-se com a imobilidade física de Jacob (Fig.6), mas que aguarda a sua morte de uma forma serena, pacificadora e generosa.

As 27 imagens que acompanharam os depoimentos dos avós, ao longo da sessão 2, são prova viva da importância da casa, como espaço intimista de conforto, segurança, reforçada pela descrição das atividades privilegiadas (sessão 3) que se distribuem por tarefas/vida de casa, bordados/costura, cozinha, ver televisão, cuidar do pai, netos e filhos, jornal diário, palavras cruzadas e ouvir rádio, denotando, na opinião da investigadora, uma redução à esfera íntima e familiar e um aparente reduzido investimento em atividades de índole social, cultural e de cidadania ativa, conforme dados conseguidos a partir da aplicação do questionário 1.

Esta distribuição do tempo poderá explicar, segundo a investigadora, a concordância da maioria dos avós com a *questão 8 – Sou capaz de utilizar bem o meu tempo para conseguir tudo o que preciso de fazer* (questionário 3 – Bem Estar Psicológico) e que poderá contribuir para a dimensão da Autonomia, aumentando a noção de bem-estar, que parece cada vez mais difícil de atingir durante a idade adulta, e, com especial relevo neste período, tão conturbado, em que o tempo tem de ser monitorizado e rentabilizado ao segundo.

Confrontando as imagens dos referidos textos e as recolhidas pelos netos, pode verificar-se novamente esta tendência dos avós para se apresentarem junto às suas casas ainda que no cumprimento de tarefas diversificadas, com um pendor para as atividades agrícolas, ambiente bastante oposto à sofisticação e a um bem-estar psicológico e físico proporcionado pelo estatuto económico revelado através da fotografia de S. José Lapa, proporcionando os seguintes comentários: “...*aroma do*

shampoo e das pétalas... e do vinho ... parece ser um bom vinho....”; ou mesmo a de Maria Filomena Mónica, praticando ginástica – atividade quase nunca praticada pelos avós, segundo questionário 1) e revelando requinte musical.

Alguns ecos de pesar e insatisfação chegam-nos a este momento de discussão de dados, originados pelos avós (duas exceções) que discordaram na questão 9 – *Sinto que com o tempo, consegui desenvolver-me bastante como pessoa* (questionário 3 – Bem Estar Psicológico), e pelos resultados obtidos na questão 7- *Tenho tendência para me preocupar com o que as outras pessoas pensam de mim* (questionário 3 – Bem Estar Psicológico) em que a importância atribuída à opinião dos outros e que, apesar de não ser referida pela maioria, se revelava de grande importância. Estes resultados podem, de acordo com a opinião da investigadora, exercer uma pressão redutora no seu bem-estar, levando a que alguns dos avós se tenham recusado a fotografar na atualidade, alegando que não gostam de se ver, que não são bonitos.

A sessão 4 confirmou a sua eficácia, promovendo a compreensão e comparação dos dois universos, alunos e avós, que, por vezes, se unificam, como o caso de dois avós, em que todos os momentos significativos que selecionaram para a sua linha do tempo comum são de partilha com o seu neto, provando ser de extrema importância para a análise das relações intergeracionais, deste conjunto de parceiros.

Curiosamente, os alunos optaram, na sua maioria, pelos espaços interiores, revelando a mesma tendência dos seus avós, relativamente ao espaço da casa, logo a seguir da escola e a igreja, por esta ordem de preferência. A sequência temporal é um aspeto surpreendente, por não ter sido um princípio organizador das imagens, comum aos participantes e que mereceria uma atenção mais cuidada, assim como o facto de alguns avós só existirem a partir dos casamentos dos filhos ou mesmo dos batizados dos netos. O tempo das suas infâncias e juventudes ficou, em muitos casos, por escrutinar, imersos nos depoimentos recolhidos na sessão 2, o que poderá ser explicado pelo contexto económico e social de grandes privações. Se atentarmos nas idades destes avós, e socorrendo-nos ao cálculo da alfabetização na Europa entre 1850 e 1950 (Candeias, 2005, p.483, citando Graff, 1991), podemos constatar o afastamento de Portugal (55%) face a outros países europeus como a Inglaterra e França (98%) e Espanha (80%), *tornando-se uma periferia da periferia*, conforme refere este mesmo autor, associando-se a uma baixa participação social na sociedade, onde sensivelmente só um quarto da população com idade maior ou igual a 20 anos se encontrava inscrita no corpo eleitoral, ao contrário do que acontecia no resto da Europa.

A grande diferença entre as várias linhas do tempo (avós e netos) reside na presença do ser individual, que assume uma maior preponderância entre os alunos do

que nas linhas do tempo dos avós que privilegiam a presença da família, reconhecendo o seu valor e importância, e os seus próprios papéis no seio familiar. Este facto poderá ser explicado, pela fase da adolescência em que os alunos se encontram, e pelas interrogações existenciais características desta faixa etária, sobre quem são e o seu papel no mundo.

Através das imagens recolhidas na sessão 5, foi possível mergulhar na esfera íntima dos intervenientes, e compreender as dinâmicas familiares, sociais, económicas e religiosas implícitas nas seleções efetuadas. Assim, os objetos associados ao desporto e à religiosidade surgem como a primeira e a segunda referência dos alunos, enquanto os avós enfatizam os objetos religiosos e, logo a seguir, os objetos associados ao trabalho. A religiosidade afirma-se, neste contexto, com significativa relevância e estabelece, nalgumas situações, laços profundos, intergeracionais, de transmissão de valores.

Ainda que os relacionamentos amigáveis sejam aproveitados por praticamente todos os avós (questionário 3 – questão 10 – *Sinto que aproveito muito as minhas amizades*), ainda com algumas exceções, curiosamente, só três imagens representativas da interação com outros idosos foram selecionadas durante a sessão 6, tendo as imagens que apelam ao amor e à cumplicidade afetuosa entre o casal, as preferidas para traduzirem o olhar de avós e netos sobre o envelhecimento.

4. Como é que a análise dessas imagens poderá aumentar a nível de literacia dos agentes envolvidos?

A implementação da sessão 1 surtiu resultados positivos, por ter promovido um debate descontraído e emocional entre os alunos, permitindo saber o que pensavam sobre um conjunto de imagens que, refletindo olhares diferentes, elegiam o idoso como um dos protagonistas centrais das suas composições. Deixar os alunos falar emotivamente foi uma etapa importante que lhes permitiu aguçar o sentido crítico, a comunicação, a autonomia e o respeito pelas outras opiniões, ao longo de 45 minutos. Foi possível constatar, por parte dos alunos, a valorização intuitiva de alguns elementos fundamentais da expressão plástica, já explorados no ano anterior, despertando a sua sensibilidade ao dramatismo dos jogos de luz, à sua preponderância sobre determinados elementos que tacitamente os colocavam em primeiro plano e, ainda, à consequente ambiguidade criada nas expressões faciais de determinadas personagens (Fig.2, 6, 7). Apesar da grande diferença entre as paletas de Tamara (Fig.3), de tonalidades análogas entre os ocres e os castanhos,

proporcionando minuciosos detalhes de claro-escuro, e a de Kirchner (Fig.4), com exuberantes contrastes das complementares, e a definição dos volumes com pinceladas cruas e de movimentos violentos, conduziram alguns alunos à mesma opinião sobre o passado bem vivido e bem distante do seu presente. O posicionamento do idoso de Grosz (Fig.5), retorcido sobre si próprio, num espaço ínfimo, assim como a idosa de Klint (Fig.8), encobrindo o seu rosto pelo cabelo, circunscrita numa área exuberantemente texturada, contribuiu para que os alunos estabelecessem um paralelo com uma revisão de vida alimentada por algumas lamentações incontornáveis. Só entre um dos quatro grupos foi enfatizada a disposição das personagens que, intercalados (adultos, crianças e adultos), simbolizariam a entreatajuda e a solidariedade entre gerações (Fig.9), expressando um grau mais profundo de análise estrutural da obra.

Observou-se, em dois momentos, a utilização de figuras de estilo lecionadas em Português, como a antítese produzida pela dualidade do branco das vestes do anjo de Caravaggio (Fig.7) e o preto das suas asas e, ainda, a metáfora patente em muitas das imagens observadas, que acentuaram, nalguns alunos, alguma **angústia** por se consciencializarem da sua polissemia e que, provavelmente, a sua reflexão em grupo, conduziria, tão-somente, à primeira pista, até à sua eventual descodificação. A beleza das texturas foi um atributo da linguagem visual a que alguns alunos estiverem sensíveis, como já foi particularizado na obra de Klimt, enquadrando a idosa e, de certa forma, isolando-a do resto das personagens. Tal ficou patente numa das imagens selecionada pelo avô e neta, em que a textura rugosa das mãos a preto e branco criou um impacto visual com a linda flor que ostentam ou, como diz uma aluna, *“uma flor a abrir novos rumos”*.

A utilização do guião orientador proposto pelo manual adotado de Português, durante a sessão 3 (primeira fase), permitiu mergulhar no cenário e experienciar os 5 sentidos, o que aconteceu de uma forma interessante em quase todos os casos, tendo sido destacado, por alguns alunos, o sentido do cheiro (pétalas, aroma do shampoo, das pétalas, do bom vinho, essência dos pinheiros e resina), o sentido do tato (água quente, erva húmida, brisa do vento, humidade, folhas das árvores) e da audição (música de Puccinni). Puderam, por vezes, constatar que a imagem reforçava o conteúdo da mensagem mas que podia trair partes do texto, como o caso de S. José Lapa, com o seu copo de vinho sofisticado, ao mesmo tempo que *“está a antibióticos”*, conforme alerta um dos alunos.

O guião orientador, fornecido durante a sessão 7, permitiu a construção de uma base de conhecimentos sobre as obras mais organizada que permitisse conduzir os alunos a uma aprendizagem gradual e mais complexa, conduzindo-os à leitura de

fragmentos selecionados pela professora, o que permitiria estabelecer ligações com a vida do artista, como no caso das obras de Paula Rego. O convite à desconstrução e à reinterpretação das obras proporcionou algumas soluções interessantes e passíveis de serem extrapoladas para outro tipo de manifestações artísticas, como a dramatização. Cada uma das imagens foi selecionada com o objetivo de confrontar os alunos com olhares mais próximos das suas experiências de vida e outros, mais perturbadores e mais polémicos, no sentido em que colocavam o idoso em papéis pouco convencionais, forçando a reflexão sobre alguns estereótipos do envelhecimento: o idoso activo que auxilia no estudo *versus* a idosa que pune autoritariamente as crianças, o idoso que se abandona aos seus sonhos, dormindo profundamente, *versus* a idosa que acena jovialmente, às costas de um ganso, para surpresa da aldeia, as idosas que se indagam sobre a sua beleza, sob o olhar de *Cronos* *versus* o trabalho belíssimo sobre a mudança física ao longo da idade e da alteração de cumplicidades.

6. Conclusões

Poder-se-á afirmar que, ao nível da motivação, as sessões programadas promoveram, junto dos alunos, um incontestável envolvimento, reforçando a sua autonomia e responsabilidade.

Tornando-se em ouvintes e portadores das experiências dos seus avós, que assumiram a forma de uma herança inestimável, cada aluno pôde assim construir-se melhor como indivíduo, desenvolvendo as suas competências, da oralidade à escrita, passando pela execução e documentação que foram sistematicamente requisitadas, contribuindo para a sua motivação e eficiência. Os alunos tornaram-se mais conscientes das várias fases do percurso de vida e da noção de tempo, do crescimento e envelhecimento e, ainda, do conflito entre a juventude e a terceira idade.

Os avós puderam integrar um projeto que valorizou as suas histórias, testemunhos, opiniões, promovendo assim uma melhor coexistência entre as gerações, mostrando o envelhecimento como uma oportunidade de enriquecimento pessoal. Estabelecendo a ligação entre o passado e o futuro, alertam-nos para as pequenas coisas que uma aluna fez questão de salientar, durante a sessão 2: *“na nossa vida que nos fazem sentir bem”*, e da necessidade de uma melhor rentabilização do tempo para as poder apreciar.

A sensibilidade e a solidariedade entre alunos/netos e avós fez-se sentir em pequenos detalhes, como a aluna que riscou o termo *velha* e o substituiu por *idosa* (sessão 2), sem qualquer interferência da professora, ou a transferência afetiva das cenas representadas em algumas obras de arte para o dia a dia, como a cozinha de Velasquez, que fez lembrar a uma aluna a sua avó e que, às vezes, diz à neta como há-de fazer, por ter mais sabedoria, ou mesmo Jacob que, enfermo, no seu leito, é associado aos avós que fazem parte integrante das suas vidas mas cuja importância é esquecida, até estarem doentes e que, apesar de não terem tido a atenção que precisaram, fazem questão de passar a sabedoria aos netos para que perdure ao longo das gerações vindouras.

A confrontação com as imagens que enfatizavam a decadência física e psicológica do envelhecimento colocou os *alunos “a pensar... sobre o dia de amanhã”*, e, como disse uma aluna, *“... se calhar temos que dar mais atenção aos nossos*

avós...” porque, um dia, quando fosse idosa *não gostava de “ser posta de parte”*. Tornaram-se mais conscientes do poder que têm nas suas mãos, relativamente ao seu próprio envelhecimento, e como referiu uma outra aluna: *“dependerá de cada idoso, ... se a vida foi ativa ou sedentária”*. Quanto mais cedo as crianças forem confrontadas com o envelhecimento como uma fase natural da vida e sensibilizadas para o contributo inestimável das pessoas idosas, menor será o receio de encararem o seu próprio processo de envelhecimento, o que lhes permitirá partilhar uma sociedade mais justa e livre de preconceitos.

Por fim, este estudo permitiu valorizar as práticas intergeracionais locais, elegendo a escola como espaço privilegiado para a promoção de iniciativas que reúnam sensibilidades e olhares de diferentes gerações sobre o envelhecimento de forma a criar oportunidades para a sua melhor compreensão e rentabilização. A disciplina de Educação Visual pode e deve contribuir com o poder que lhe é atribuído, como epicentro de leitura, análise e criação de imagens, contribuindo para a melhoria das relações humanas e intergeracionais. Fomentando o contacto dos alunos com o olhar de artistas de diferentes épocas e civilizações, a disciplina promoverá, deste modo, uma visão mais consciente sobre o poder da imagem ao nível do condicionamento das nossas opiniões e futuras tomadas de decisão. A troca de experiências escolares, acarinhada por projetos nacionais, como é o caso do projeto *Energia com Vida*, é fundamental para dar visibilidade e alimentar estas iniciativas locais, favorecendo a sua partilha e enriquecimento e poder elevá-las a um espectro mais internacional. Este projeto, ao ser aceite para integrar o mapa europeu (EMIL-European Map of Intergenerational Learning) ao lado de outras iniciativas europeias, dignificou-se, ganhou visibilidade podendo ser um elemento inspirador para outras iniciativas futuras. Estimulou a investigadora para o aprofundamento de algumas vertentes exploradas, e que vislumbram outras potencialidades artísticas e enriquecedoras para a condução ao estreitamento das relações intergeracionais através da arte.

No âmbito profissional, desenvolvi um esforço para que o percurso fosse enriquecido com novas ações criativas, que implicaram um reforço da capacidade e confiança para arriscar.

Acreditando que a arte é, de facto, importante nas nossas vidas e, revendo-me no ponto dois do Manifesto para a Arte nas Escolas (1999), procurei diversificar as formas de arte exploradas, sem pretender impor qualquer hierarquização, colocando no mesmo nível, tanto as reproduções de obras de arte de autores consagrados, como as imagens selecionadas da Internet pelos alunos/netos e avós, como as imagens produzidas pelos próprios intervenientes. Todos estes elementos de estudo serviram,

no fundo, para a consciencialização de temas sociais pertinentes, atuais e acutilantes, como o envelhecimento da população, formas de envelhecimento, importância das relações intergeracionais e abandono de idosos, estabelecendo-se um compromisso emocional e intelectual entre os intervenientes, conducente a uma maior cumplicidade entre as gerações participantes.

6.1. Perspetivas Futuras

I.

Sugere-se a adesão a projetos como o *Energia com Vida* que já se desenvolveu em 52 escolas do país e que pretendeu incentivar a constituição de equipas para a criação de projetos em oito áreas de intervenção prementes: 1) pobreza/fome; 2) conviver com a diferença; 3) doenças graves; 4) desemprego; 5) população sénior; 6) analfabetismo; 7) sustentabilidade ambiental e 8) parceria global para o desenvolvimento humano. A segunda edição reuniu no Porto, na sede da EDP, em maio de 2011, as 10 escolas selecionadas por revelarem terem sido capazes das melhores práticas, envolvendo-se nas problemáticas locais, estabelecendo compromissos, aprendendo a agir localmente e *construindo uma visão crítica do presente, com futuro*.

Nesse conjunto selecionado por boas práticas, quatro escolas - E.B. 2,3 de Lousada Centro, E.B. 2,3 da Maia, E.B. 2,3 Caíde de Rei e Escola Básica e Secundária de Arga e Lima – promoveram projetos cujos temas incidiam sobre a População Sénior, dinamizando atividades didáticas e lúdicas que contribuíram para reduzir o isolamento dos idosos, valorizando a partilha de saberes e experiências entre gerações e deixando, acima de tudo, a previsão da sua continuidade.

II.

Seria profícuo reunir as duas turmas envolvidas e respetivos avós para que se procedesse a um debate mediado pela Biblioteca Escolar, sobre os resultados obtidos pelo projeto, já que determinadas conclusões foram restritas a cada um dos grupos de trabalho. Seria essencial promover futuras colaborações intergeracionais que visem alargar o espectro de atividades praticadas pelos avós e que promovessem o treino da memória, fator que mais preocupa os entrevistados, de acordo com as entrevistas efetuadas pelos alunos/netos aos seus avós (sessão 3).

III.

Explorar algumas das obras de arte que suscitaram mais polémica por parte dos alunos e que mereceriam uma atenção mais cuidada, com o intuito de trabalhar alguns estereótipos. São exemplo disso alguns comentários perante o excesso de à vontade dos 5 idosos de Velasquez, e que, segundo um aluno, “*ultrapassa a dose adequada de entusiasmo apropriada às suas idades*”, como se se tornassem outra vez crianças, levando-o a referir que “não sabem estar...”, ou a sugestão avançada por um dos grupos relativamente à obra de Paula Rego, colocando os jovens a trocarem de papéis com a idosa que deveria estar a trabalhar enquanto os primeiros se divertiriam, denotando uma postura estereotipada, que mereceria posterior análise.

IV.

Para este estudo, contribuiu o elevado grau de proximidade geográfica que agilizou a troca de informação vital para a consecução de algumas das sessões, no período de tempo disponibilizado para este estudo. Do mesmo modo, esta aproximação geográfica favoreceu algumas das cumplicidades afetivas, patentes nos registos escritos e visuais dos alunos, como no caso da aluna que foi descrevendo, pormenorizadamente, as imagens que via na internet sobre o envelhecimento (sessão 6) para que a sua avó pudesse partilhar a eleição de uma delas. Esta aproximação geográfica transpareceu em alguns dos comentários proferidos pelos alunos relativamente a algumas obras de arte (sessão 1) como no caso da Fig. 6, associada por um aluno às visitas que faz ao seu avô, enfermo, ou por outra aluna à saudade dos avós que partiram *para outro mundo*.

Seria, igualmente, de vital importância averiguar o grau de adesão a um projeto desta natureza, num contexto diferente, em que os avós não exercessem um papel tão significativo na formação estrutural dos alunos. Como reagiriam às mesmas obras de arte?

V.

Ainda que os alunos tenham sido sensibilizados para uma possível estrutura de análise de obras de arte, seria benéfico e enriquecedor que, num ano letivo posterior, 9º ano, se consumasse uma parceira entre a disciplina de História (Correntes Artísticas do séc. XX) e Educação Visual, para o aprofundamento histórico, social, cultural e económico, que permitisse a passagem a um nível

mais aprofundado e contextualizado de algumas das obras de arte de forma a chamar a atenção de uma melhor cidadania.

VI.

Impõe-se a urgência de criar situações de relacionamento e conhecimento com outras culturas onde a importância do idoso na sociedade é vital e reverenciado, como por exemplo, em algumas das obras escultóricas chinesas onde o idoso é um pretexto recorrente, representado em atividades simples (bebendo chá ou olhando o horizonte), associado à santidade (filosofia) ou, ainda, associado à sabedoria (medicina) ou então, na mitologia chinesa em que os Gémeos da Harmonia e da União, dois velhos amigos inseparáveis, servem de apoio aos jovens apaixonados quando se desentendem?

VII.

Por fim, gostaria de referir que, ao longo do tratamento dos dados recolhidos neste estudo, foi-se instalando uma urgência ao nível da utilização de um programa informático que agilizasse o arquivamento, análise e visualização do vasto património testemunhal, ao nível dos textos, imagens e gravações. Seria, pois, conveniente que uma formação em programas como NVivo 10, ou outro similar, pudesse integrar a formação inicial dos mestrados em Educação Artística, de forma a garantir uma maior qualidade no tratamento de dados.

BIBLIOGRAFIA.....

- Achenbaum, W. A. (2005). Ageing and Changing: International Historical Perspectives on Ageing. In M. Johnson, V. Bengston, P. Coleman & T. Kirkwood (Eds.). *The Cambridge Handbook of Age and Ageing* (pp.21-29). Cambridge, New York: Cambridge University Press
- APECV. (2012). *Construções sobre os Programas das Artes Visuais*. <http://www.apecv.pt/pareceres/textosemconstrucao.pdf>
- Barbosa, A. M. (2006). Arte-Educação Contemporânea ou Culturalista. Trajetória e Políticas para o Ensino das Artes no Brasil. In Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Eds.), *Trajetória e Políticas para o Ensino das Artes no Brasil: anais do XV Confaeb*. (pp.55-63). Brasília: MEC/Unesco
- Begton, V. L., Putney M., Johnson M. L. (2005). The Problem of Theory in Gerontology Today. In M. Johnson, V. Bengston, P. Coleman & T. Kirkwood (Eds.). *The Cambridge Handbook of Age and Ageing* (pp.3-20). Cambridge, New York: Cambridge University Press
- Bockemuhl, M. (2004). *Rembrandt (1606 - 1669 O mistério da Aparição)*. Koln: Taschen – Público.
- Bogdan R., Biklen S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora
- Candeias, A. (2005). Modernidade, educação, criação de riqueza e legitimação política nos séculos XIX e XX em Portugal. *Revista Análise Social*, 40 (176), 477-498.
- Cherry K. E., Palmore E. (2008). Relating to Older People Evaluation (ROPE): A Measure of Self-Reported Ageism. *Educational Gerontology*, 34 (10), 849 - 861
- Couto M.C. (2007). *Fatores de Risco e de Proteção na Promoção de Resiliência no Envelhecimento*. (Tese de Mestrado). Retirado de <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11238/000606274.pdf?sequence=1>
- CrossAges (2007). *Inter-Generational Learning: From Diagnostic to Impact Evaluation*. Retirado de http://eacea.ec.europa.eu/llp/project_reports/documents/grundtvig/multilateral_projects_2007/gru_134442_crossages.pdf
- Cruz S. R. B. (2003). *Bem-Estar Subjetivo em Adultos e Idosos*. (Tese de Mestrado). Retirado de http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/6/TDE-2007-10-11T124332Z-1373/Publico/Sonia%20Brasi%20Cruz.pdf
- Eça T. T. (2010). *Educação através da arte para um futuro sustentável*. In Caderno Cedes, Campinas, 30 (80), 13-25. Retirado de <<http://www.cedes.unicamp.br>>
- Ferreira E. (2010). *Paula Rego Pintores Portugueses*. Matosinhos: QUIDNOVI.
- Fisher, B. J., Specht D. K., (1999). Successful aging and creativity in later life. *Journal of Aging Studies*, 13 (4) pp. 457-472.
- Fowler, H N (1966). *Plato. Plato in Twelve Volume, Vol. 1*. London: Harvard University Press. Retirado de <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0170%3Atext%3DApol.%3Asection%3D38a>
- Fry C. (2010). Social Anthropology and Ageing. In D. Dannefer & C. Phillipson (Eds.). *The Sage Handbook of Social Gerontology* (pp.48-60). Los Angeles: Sage Publications

- Gilbert C. N.; Ricketts K. G (2008). Children's Attitudes Toward Older Adults and Aging: A Synthesis of Research. *Educational Gerontology*, 34 (7), 570-586.
- Gorham B. W. (1999). Stereotypes in the Media: So what?, *Howard Journal of Communications* 10 (4), pp.229-247.
- Graphis The International Magazine of Design and Communication (1993). *Best of Graphis Photo 1*. Zurich: Graphis Press Corp.
- Greaves Colin J. (2006). Effects of creative and social activity on the health and well-being of socially isolated older people: outcomes from a multi-method observational study. *The Journal of the Royal Society for the Promotion of Health*.126(3), 134-142.
- Greenberg B. S., Heeter C. (1983): Television and Social Stereotypes. *Prevention in Human Services*, 2 (1-2), 37-51. London: The Haworth Press, Inc.
- Guimarães P. (2012). Cidadania e Envelhecimento. In O. Ribeiro & C. Paúl (Eds.), *Manual de Gerontologia* (pp.289-298). Lisboa: Lidel-Publicações Técnicas
- Gulette M. (2004). *Aged by Culture*. Chicago: The University California Press
- Hagestad, G.O., Uhlenberg P. (2005). The Social Separation of Old and Young: A root of Ageism. *Journal of Social Issues*, 61 (2), 343-360
- Harper S., Leeson G. (2008). Introducing the Journal of Population Ageing. *Population Ageing*, 1, 1-5.
- Hendricks J. (2010). Age, Self and Identity in the Global Century. *Research Social Gerontology*, 19, 252-265.
- Hughes M., Heycox K. (2008). Using Observation for reflective Practice with Older People. *Educational Gerontology*, 34, 185-205.
- Klein D. A., Council K. J., Mcguire S. L. (2005). Education to Promote Positive Attitudes about Aging, *Educational Gerontology*, 31(8) 591-601.
- Kranzfelder I., (2004). *Grosz, George (1893 – 1959)*. Koln: Taschen - Público
- Jylha M., Saarenheimo M. (2010). Loneliness and Ageing: Comparative Perspectives. *Research Social Gerontology*, 24, 317-328.
- Lambert, G. (2004). *Caravaggio (1571 – 1610)*. Koln: Taschen – Público
- Lowenstein A., Katz R. (2010). Family and Age in a Global Perspective. *Research Social Gerontology*, 14, 190-201.
- Magalhães, Carlos P. (2010). *Esterótipos acerca das pessoas idosas em estudantes do ensino superior, no Distrito de Bragança*. (Comunicação Oral). Retirado de <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/4416/3/Estere%C3%B3tipos%20acerca%20das%20Pessoas%20Idosas%20-%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20Oral%20de%20Carlos%20Magalh%C3%A3es.pdf>
- Marques, S. (2011). *Discriminação da Terceira Idade*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Mendonça, B., (2011 Setembro). A arte de Envelhecer. *Revistaúnica*, 36-48.
- Morgado, M. (2008). *Texto Visual / Texto Cultural. Uma perspectiva de desenvolvimento da literacia visual e intercultural dos jovens*. Retirado de

- http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/440/438.
- Mckee P., Kauppinen H. (1987). *The Art of Aging. A Celebration of Old Age in Western Art*. Nova Iorque: Human Sciences Press/Insights Books
- McMillan J. H.; Schumacher S. (2010). *Research in Education*. Boston: Pearson
- Marshall, C., Rossman, G. B. (1999). *Designing Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage publications
- Mitchell C., (2011). *Doing Visual Research*. London: Sage publications
- Morgado, M. (2009). Visualising Europe: Visual Literacy and Intercultural European Education Project. In M. L. Dionísio, J. A. Carvalho & R. V. Castro (Eds.), *Discovering Worlds of Literacy. Proceedings of the 16th European Conference on Reading and 1st Ibero-American Forum on Literacies (pp. 19-20)*. Braga: Littera/CIEd.
- Moura, A. (2003). Desenho de uma pesquisa: Passos de uma Investigação-Ação. *Educação*. 28 (01). Retirado de <http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2003/01/r1.htm>
- Néret, G., (2004). *Gustav Klimt (1862-1918)*. Koln: Taschen - Público
- Néret, G., (2004). *Tamara de Lempicka (1898-1980)*. Koln: Taschen - Público
- Néret, G., (2004). *Édouard Manet (1832 - 1883)*. Koln: Taschen - Público
- Lara, J. M. (Produtor), & Alvarez, M. (Realizador). 2007. *O Céu Gira* [Filme]. Espanha. Duração: 106'. Atalanta Filmes
- Organização Mundial da Saúde. (2008). *Guia global: cidade amiga do idoso*. Retirado de <http://who.int/ageing/GuiaAFCPortuguese.pdf>
- Parlamento Europeu (2012): *European Year for Active Ageing ... and Solidarity between Generations*. Retirado de <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-%2FEP%2BIM-PRESS%2B20110314IPR15479%2B0%2BDOC%2BPDF%2BV0%2F%2FEN>
- Palmore E. (2005). Three Decades of Research on Aging. *Generations*. 29 (3), 87.
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative Research & Evaluation Methods*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications
- UNESCO (2006). RoadMap for Arts Education - The World Conference on Arts Education: Building Creative Capacities for the 21st Century. Retirado de http://www.unesco.org/pv_obj_cache/pv_obj_id_C91049AAF6FFE04A47C31E022B50803BC6630300/filename/Arts_Edu_Road/Map_en.pdf
- Robinson T., Callister M. , Magoffin D. (2009). Older Characters in Teen Movies from 1980–2006, *Educational Gerontology*, 35(8) 687-711
- Rose G. (2007). *Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials*. London: Sage.
- Rosenthal, T.G. (2003). *Paula Rego – obra gráfica (vol. 1)*. Lisboa: Cavalo de Ferro.
- Sampieri R. H., Collado C. F., Lucio P. B. (2006). *Metodologia de Pesquisa*. S.Paulo: McGrawHill.

- Savikko N. (2008). *Loneliness of Older People and Elements of an Intervention for its Alleviation*. (Tese de Mestrado). Retirado de <http://www.doria.fi/bitstream/handle/10024/38910/D808.pdf>
- Silverstein M., Attias-Donfut C. (2010). Intergenerational Relationships of International Migrants in Developed Nations: The United States and France. In D. Dannefer & C. Phillipson (Eds.). *The Sage Handbook of Social Gerontology*, 13 (pp.177-189). Thousands Oaks, CA: Sage Publications.
- Stabennow C. (2004). *Henri Rousseau (1844 – 1910)*. Koln: Taschen - Público
- Stuckelberger A. (2005). Transgenerational Perspective on Conflict and Violence Prevention. In F. L. Denmark, U. Gielen, H. H. Krauss, E. Midlarsky and R. Wesner (Eds.) *Violence in Schools: Cross-National and Cross-Cultural Perspectives* (pp.119-168). New York: Springer.
- Thornton J E (2002). Myths of aging or ageist stereotypes. *Educational Gerontology*, 28, 301-312.
- Thornton, S. (2010). *Sete Dias no Mundo da Arte*. Lisboa: Babel
- Wikström B. M. (2004). Older Adults and the Arts. The Importance of Aesthetic Forms of Expression in Later Life. *Journal of Gerontological Nursing*. 30 (9), 30-6.
- Wolf N. (2004). *Velásquez (1599 – 1660 A face de Espanha)*. Koln: Taschen – Público.
- Wolf N. (2004). *Ernst Ludwig Kirchner (1880 – 1938 À beira do Abismo do Tempo)*. Koln: Taschen-Público.
- Zollner, F., (2004). *Leonardo Da Vinci (1452 – 1519)*. Taschen - Público, Koln.

ANEXO A - Pedido de autorização para implementação da investigação

Agrupamento de Escolas de Arga e Lima

Escola Básica e Secundária de Lanheses

Pedido de autorização ao Diretor do Agrupamento de Escolas de Arga e Lima

Exmo. Sr. Diretor

Eu, Orlanda Maria da Costa Almeida, Professora do grupo 600, do Quadro de Nomeação Definitiva deste Agrupamento, venho por este meio solicitar a autorização para realizar uma investigação relativa à dissertação de Mestrado de Educação Artística da Escola Superior de educação de Viana do Castelo, no qual estou matriculada, subordinada ao tema “Educar para o Envelhecimento”. Tenciono efetuar uma Investigação – Ação, de observação participante, utilizando como amostra duas turmas do 8º ano da Escola Básica e Secundária de Lanheses, o universo constituído pelos avós dessas duas turma. Os instrumentos de recolha de dados serão efetuados através de registos fotográficos, questionários, entrevistas e as notas de campo.

Com os melhores cumprimentos, aguardo deferimento.

Orlanda Maria da Costa Almeida

Lanheses, 2 de Setembro 2011



ANEXO B - Pedido de autorização. Avós

Escola Básica e Secundária de Lanheses. Ano Letivo 2011/2012

Orlanda Almeida, **professora da disciplina de Educação Visual**, pretendo desenvolver um projecto com os alunos desta turma, designado por “Educar para o Envelhecimento”. Venho, por este meio, pedir autorização para a sua colaboração neste projecto e para:

Utilização do material produzido, por V. Exa. , durante o desenvolvimento deste projecto (questionário e relatos escritos)

Avó: Autorizo Não autorizo

Avô: Autorizo Não autorizo

Utilização da imagem de V. Exa. (fotografia), para fins exclusivamente relacionados com o projecto

Avó: Autorizo Não autorizo

Avô: Autorizo Não autorizo

A Avó: _____

O Avô: _____

O aluno: _____ Nr. _____ Turma _____

A professora de Educação Visual: _____

O Director do Agrupamento de Escolas de Arga e Lima



ANEXO C - Pedido de autorização. Encarregados de Educação

Escola Básica e Secundária de Lanheses. Ano Letivo 2011/2012

Orlanda Almeida, **professora da disciplina de Educação Visual**, pretendo desenvolver um projecto com os alunos desta turma, designado por “Educar para o Envelhecimento”. Venho, por este meio, pedir autorização para:

Utilização do material produzido pelo aluno durante o desenvolvimento deste projecto

autorizo Não autorizo

Utilização da imagem do educando (fotografia/vídeo), para fins exclusivamente relacionados com o projeto

autorizo Não autorizo

O Encarregado(a) de Educação: _____

O aluno: _____ Nr. _____ Turma _____

A professora de Educação Visual: _____

O Director do Agrupamento de Escolas de Arga e Lima



ANEXO D – Questionário BEP - alunos

1. Nome _____ 8º _____ Nr. _____ Turma _____ Idade _____

Questionário 3 - Bem-estar psicológico

(Versão integral das Escolas de BEP de C. ryff (University of Wisconsin) que constituiu o Anexo C da Dissertação de Maria Clara Pinheiro de Paula Couto e elaborada em 2004 por Rosa F. Novo, Eugénia Duarte Silva e Elisabeth Peralta)

	Discordo Completamente	Discordo em grande Parte	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo em Grande Parte	Concordo Plenamente
1. Não tenho medo de expressar as minhas opiniões mesmo quando elas são contrárias às opiniões da maioria das pessoas						
2. Frequentemente, sinto-me <i>esmagado</i> pelo peso das responsabilidades						
3. Penso que é importante ter novas experiências que questionem a forma como pensamos acerca de nós mesmos e do mundo						
4. Para mim, manter relacionamentos sinceros com os outros tem sido difícil e frustrante						
5. Não tenho a noção do que pretendo alcançar na vida						
6. Quando revejo a minha vida, fico contente da forma como as coisas aconteceram						
7. Tenho tendência para me preocupar com o que as outras pessoas pensam de mim						
8. Sou capaz de utilizar bem o meu tempo para conseguir fazer tudo o que preciso fazer						
9. Sinto que com o decorrer do tempo, consegui desenvolver-me bastante como pessoa						
10. Sinto que aproveito muito as minhas amizades						
11. Sinto prazer em fazer planos para o futuro e trabalhar para os tornar realidade						
12. Gosto da maioria dos aspectos da minha personalidade						
13. Tenho tendência a ser influenciado(a) por pessoas com opiniões firmes						
14. Tenho dificuldade em organizar a minha vida de forma que me satisfaça						
15. Há muito tempo que desisti de fazer grandes modificações ou melhorias na minha vida						
16. Não tive a experiência de ter muitas relações calorosas e baseadas na confiança						
17. Em última análise, olhando para trás, não tenho bem a certeza de que a minha vida tenha valido muito						
18. Em muitos aspectos, sinto-me desiludido (a) com o que alcancei na vida						



Agrupamento de Escolas de Arga e Lima. 16 de Janeiro de 2012

No âmbito da minha dissertação de Mestrado em Educação Artística com o título "EDUCAR PARA O ENVELHECIMENTO", solicito a sua colaboração no preenchimento deste curto questionário, que visa recolher informação sobre a atividade, o bem estar psicológico e atitudes discriminatórias face à idade, com o objectivo de contribuir para a compreensão das dinâmicas intergeracionais, ao nível da sala de aulas de Educação Visual, identificando os factores influenciadores de boas práticas para a redução de estereótipos relativamente ao envelhecimento.

OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO
A Professora Orlanda Maria da Costa Almeida

Nota: Questionário 1 - adaptado do Anexo A- Questionário de Dados Sociodemográficos – incluído na Dissertação de Maria Clara Pinheiro de Paula Couto baseado no guião de Entrevista elaborado por Rosa Novo em 2000.
Questionário 2 - readaptado do Anexo B- Questionário de Atitudes discriminatórias face à idade avançada– incluído na Dissertação de Maria Clara Pinheiro de Paula Couto baseado no The Ageism Survey Erdman Palmore, 2000.
Questionário 3 - Versão integral das Escalas de BEP de C. Ryff (University of Wisconsin) que constituiu o Anexo C da Dissertação de Maria Clara Pinheiro de Paula Couto e elaborada em 2004 por Rosa F. Novo, Eugénia Duarte Silva e Elisabeth Peralta.

Questionário1 - Dados Sociodemográficos

(Adaptado do Anexo A- Questionário de Dados Sociodemográficos – incluído na Dissertação de Maria Clara Pinheiro de Paula Couto baseado no guião de Entrevista elaborado por Rosa Novo em 2000)

1. Nome _____

2. Data de Nascimento ____/____/____ 3. Idade _____ 4. Sexo F M

5. Escolaridade:

0-4 5-8 9-11 Curso Superior Outro: _____

6. Estado Civil:

Solteira/o Casada/o ou com companheira/o

Separada/o - Divorciada/o Viúva/o

7. Actividade Profissional

Ativa/o Ativa/o em tempo parcial Desempregada/o

Reformada/o Reformada/o com actividades em tempo parcial ou integral

8. Que profissão exercia? _____

9. Habitação:

Casa própria/alugada Casa de familiar Instituição Outra

10. Mora:

Sozinho(a) Esposo(a) Filhos e netos Filhos Auxiliar

11. Como considera o seu nível económico (assinalar com uma cruz):

1. muito satisfatório 2. satisfatório 3. Nem satisfatório, nem insatisfatório

4. insatisfatório 5. muito insatisfatório

12. Atividades de lazer: (Considerar unicamente as atividades exercidas durante o último ano – 2010/2011, assinalando **com uma cruz** o número correto)

Quadro 1. Tipo atividade		Frequência					Modo		
		1. nunca	2. raramente	3. mensalmente	4. semanalmente	5. diariamente	Só	c/netos	c/amigos
Física	ginástica, caminhada, corrida, etc.								
	espetáculos, cinema, teatro, exposições, etc.								
Cultural	viagens e passeios								
	leitura de livros								
	jornais e revistas								
Recreativa	jogos, computadores, etc.								
	ouvir rádio / ver TV								
	tricot, costura, bordados								
	jardinagem								
	conversar								
	Outra (a indicar)								

Questionário 2 - Avaliação de atitudes discriminatórias face à idade

(Readaptado do Anexo B- Questionário de Atitudes discriminatórias face à idade avançada– incluído na Dissertação de Maria Clara Pinheiro de Paula Couto baseado no The Ageism Survey Erdman Palmore, 2000)

12. Atitudes discriminatórias: (Por favor, **colocar uma cruz** sobre o número que identifica a frequência com que viveu ou sentiu cada uma das situações abaixo)

Quadro 2.	Nunca	1 vez	Mais de 1 vez
1. Contaram-me uma piada que ridicularizava as pessoas de mais idade			
2. Fui ignorado ou não levado a sério devido à minha idade			
3. Chamaram-me um nome, que insultava, devido à minha idade			
4. Falaram comigo de forma condescendente ou paternalista devido à minha idade			
5. Fui tratado com menos dignidade e respeito devido à minha idade			
6. Sugeriram que não ouço bem devido à minha idade			
7. Sugeriram que eu não compreendo bem devido à minha idade			
8. Alguém me disse: “O sr(a). é muito velho (a)”			
9. Fui vítima de violência (física/moral) devido à minha idade			

Questionário 3 - Bem-estar psicológico

(Versão integral das Escolas de BEP de C. ryff (University of Wisconsin) que constituiu o Anexo C da Dissertação de Maria Clara Pinheiro de Paula Couto e elaborada em 2004 por Rosa F. Novo, Eugénia Duarte Silva e Elisabeth Peralta)

13. Bem- Estar Psicológico (Por favor, **colocar uma cruz** na coluna que corresponde à sua opinião relativamente a cada uma das situações abaixo)

	Discordo Completamente	Discordo em grande Parte	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo em Grande Parte	Concordo Plenamente
1. Não tenho medo de expressar as minhas opiniões mesmo quando elas são contrárias às opiniões da maioria das pessoas						
2. Frequentemente, sinto-me <i>esmagado</i> pelo peso das responsabilidades						
3. Penso que é importante ter novas experiências que questionem a forma como pensamos acerca de nós mesmos e do mundo						
4. Para mim, manter relacionamentos sinceros com os outros tem sido difícil e frustrante						
5. Não tenho a noção do que pretendo alcançar na vida						
6. Quando revejo a minha vida, fico contente da forma como as coisas aconteceram						
7. Tenho tendência para me preocupar com o que as outras pessoas pensam de mim						
8. Sou capaz de utilizar bem o meu tempo para conseguir fazer tudo o que preciso fazer						
9. Sinto que com o decorrer do tempo, consegui desenvolver-me bastante como pessoa						
10. Sinto que aproveito muito as minhas amizades						
11. Sinto prazer em fazer planos para o futuro e trabalhar para os tornar realidade						
12. Gosto da maioria dos aspectos da minha personalidade						
13. Tenho tendência a ser influenciado(a) por pessoas com opiniões firmes						
14. Tenho dificuldade em organizar a minha vida de forma que me satisfaça						
15. Há muito tempo que desisti de fazer grandes modificações ou melhorias na minha vida						
16. Não tive a experiência de ter muitas relações calorosas e baseadas na confiança						
17. Em última análise, olhando para trás, não tenho bem a certeza de que a minha vida tenha valido muito						
18. Em muitos aspectos, sinto-me desiludido (a) com o que alcancei na vida						



1ª Sessão. 45 minutos

Em primeiro lugar, gostava muito de lhes agradecer que tenham aderido ao meu convite para colaborarem na minha dissertação de mestrado.

Como sabem, comemora-se este ano, o Ano Europeu do Envelhecimento Activo e Solidariedade entre gerações e é, nesse âmbito, que pretendo desenvolver o meu estudo.

Para a primeira fase, vou dividir-vos em dois grupos, para que possamos analisar um conjunto de imagens sobre o envelhecimento e conversarmos sobre elas, durante 45 minutos. Logo a seguir, o segundo grupo entrará e virá substituir o primeiro grupo.

1ª fase - Projection technique + Field notes

Vão ser distribuídas 14 imagens que representam diferentes olhares artísticos diferentes sobre o envelhecimento.

Gostaria que as organizassem segundo dois grupos: o olhar positivo sobre o envelhecimento e olhar negativo sobre o envelhecimento. Em último caso, e só quando não conseguirem obter a mesma opinião sobre a mesma imagem, é que poderão criar um terceiro grupo. Sejam sinceros nas vossas opiniões, que deverão registar por escrito, e não se preocupem se elas correspondem ou não à minha opinião.

2ª fase- Focus group interview

Depois de terem analisado, em grupo, algumas das imagens que integrava o conjunto que vos distribui, gostaria de vos lançar duas questões:

1. Que dificuldades encontraram na divisão das imagens?
2. Como é que a convivência com os vossos avós influenciou a vossa decisão?

1ª Sessão. 45 minutos (1ª parte)

Registem, nestas duas colunas, o número das imagens quanto à sua classificação (Positivo/Negativo) e os argumentos apresentados.

Imagens Positivas	Imagens Negativas

2ª Sessão. 45 minutos. 1ª fase

Espero que tenham gostado da experiência da primeira sessão.

Esta segunda sessão pretende mostrar-vos um outro olhar sobre o envelhecimento, do ponto de vista cinematográfico. Trata-se de um filme espanhol, intitulado “O Céu gira” e seleccionei 3 excertos para que os visualizem. Esta folha será entregue para que anotem os vossos comentários que considerarem oportunos.

Logo a seguir, iremos conversar um pouco sobre esses excertos.

Para esta sessão, vai ser importante a colaboração dos vossos avós. Vou pedir-vos para lhes contarem os 3 excertos que viram e lhes peçam, em troca, para contarem uma história do seu passado significativo, na folha que vos será entregue, no final desta sessão e uma fotografia de costas a olhar para... (reforçar a obra de Graça de Morais)

1ª fase - Projection technique + Field notes

Vão ser apresentados aos alunos 3 excertos pré-seleccionados do filme “O céu Gira” de Mercedes Alvarez.

Gostaria que os visualizassem com atenção e registassem nas folhas que vos estão a ser entregues os apontamentos que considerem mais importantes.

2ª fase- Focus group interview

1. Como é que se sentiriam se tivessem sido os realizadores destes excertos?

2. Qual dos momentos vos despertou mais a curiosidade?

<p>2ª Sessão. 1ª fase</p>	<p>Aluno: _____ Turma _____ Nr. _____ Filme "O céu gira" de Mercedes Alvarez</p>
<p>1º excerto 2m 20s / 4m 29s</p>	<p>Os dinossauros</p>
<p>2º excerto 17m 46s / 22m 25s</p>	<p>A menina que não sabia rir</p>
<p>3º excerto 41m 50s / 44m 11s</p>	<p>O Ulmeiro</p>

2ª Sessão.

2ª fase

Avô/Avó:

Na sequência do meu convite para participação na minha dissertação de mestrado, intitulado “Educar para o Envelhecimento”, venho solicitar que se digne

contar um **episódio da sua vida** que lhe pareça importante para transmitir às futuras gerações.



Graça Moraes

Na cabeça de uma mulher está a história de uma aldeia,
1984

Grafite sobre papel, 56x76 cm Coleção da artista

3ª Sessão. 45 minutos. 1ª fase

Esta terceira sessão pretende mostrar-vos um outro olhar sobre o envelhecimento do ponto de vista de 8 “ilustres portugueses”: uma Atriz, uma Humorista, um Ator, um Padre, um Escultor, uma Socióloga, uma Fadista e um Cientista. (OUTONO . Envelhecimento - Revista Única.Expresso.24.09.2011. p.38-48)

Vou pedir para se organizarem em 8 grupos e logo a seguir irei entregar-vos um dos textos que é também acompanhada de uma fotografia ao entrevistado. Uma folha será entregue, para que preencham a grelha e anotem os comentários que considerarem oportunos.

Logo a seguir, iremos conversar um pouco sobre as vossas anotações.

Para esta sessão, vai ser importante a colaboração dos vossos avós. Vou pedir-vos para lhes lerem os textos que analisaram e lhes peçam, em **troca**, que façam a mesma coisa e que se deixem fotografar por vocês.

1º fase - Projection technique (texto + imagem) + Field notes

Leiam o texto, em grupo, e procurem preencher a grelha para que vos auxilie na compreensão do texto.

Comentem a imagem que acompanha o texto, segundo a proposta apresentada no vosso manual de Língua Portuguesa.

2ª fase - Focus group interview

Cada aluno vai ao quadro apresentar as suas conclusões para se preencher uma grelha global destes 8 testemunhos.

3ª fase – Entrevista conduzida pelos alunos aos seus avós + Registo fotográfico.

3ª Sessão. 1ª fase	Alunos: Turma _____ Nr. Revista Única.24.09.2011: "OUTONO. Envelhecimento"
Nome do(a) Entrevistado (a)	
Profissão	
Idade	
Alterações físicas	
Alterações psicológicas	
Desejos/ Projetos	
Medos	
Actividades que desenvolve	
Histórias curiosas	
Comentários/frases dignas de registo	
Outras observações que considerem oportunas	
Comentários à Imagem que acompanha o texto	

3ª Sessão. 3ª fase.	Entrevistador:	Idade:
	Data e hora da Entrevista:	Local da entrevista
Nome do(a) Entrevistado (a)		
Profissão		
Idade		
Alterações físicas		
Alterações psicológicas		
Desejos/ Projectos		
Medos		
Actividades que desenvolve		
Histórias curiosas		
Comentários/frases dignas de registo		
Outras observações que considerem oportunas		
Comentários à Imagem que acompanha o texto		

4ª Sessão (previsto para 90 minutos)

“Like adolescence, old age is a time of basic development changes in our lives and personalities”. McKee P.; Kauppinen H. (1987)

Dois a dois, vamos colocar as fotografias que trouxeram dos vossos avós assim como as vossas sobre a mesa vamos organizá-las segundo uma linha do tempo.

Logo a seguir, iremos conversar um pouco sobre a disposição das fotografias e compreender que apesar de possuírem experiência temporal mais limitada do que os vossos avós, *é possível compreenderem que passaram por diversas fases, que mudaram ao longo do tempo e que se encontram num estado de progressão dinâmica.*

Orientações:

Fase 1

.Distribuir os alunos em 8 grupos (preferencialmente, em cada grupo deverá existir um aluno com fotos dos avós!);

.Organizar as fotos no tempo (em suporte papel ou num documento word)

.Conversar sobre elas em grupo

Fase 2

Hipótese 1 . Se estiverem em papel fotográfico devem usar o material fornecido para as fixar numa folha A4 e para comentar. Utiliza, preferencialmente, uma caneta preta. **(Podes digitalizá-las através do scanner disponibilizado e trata-las digitalmente segundo a hipótese 2.)**

Hipótese 2. Se estiverem já introduzidas no computador, poderão organizá-las num documento word (A4). (não esquecer e de gravar identificando correctamente esse documento.

Devem introduzir comentários que auxiliem na compreensão da transformação / mudança ao longo da LINHA DO TEMPO.

Sejam criativos!!!

5ª Sessão

“...In all human societies, people exchange some things for other things: money for food, or food for carvings, or carvings for money. ... So social relations depend in large part on objects; and objects get exchanged (and made, of course) in the context of social relations.”

Rose (2007). *Visual methodologies An Introduction to the Interpretation of Visual Materials* .
Second Edition Sage Publications

Orientações:

1ª fase:

Os alunos deverão ser organizados em grupos de 8 elementos.

Deverão mostrar o objecto ou a fotografia do mesmo e contar a sua história aos outros elementos

Deverão preencher a grelha que será disponibilizada (em papel / suporte digital) procurando responder a todas as questões colocadas.

2ª fase:

Nesta fase, os alunos deverão procurar conversar com os seus avós e descobrir qual os seus objectos significativos de mudança e qual a história que lhes está associada. Logo de imediato, deverão fazer os respectivos registos fotográficos e preencher a grelha orientadora.

5ª Sessão. 1ª fase	Aluno _____ Turma ____ Nr. ____
Imagem do objecto	1. Materialidade do objecto
	1.a) Que forma tem o objecto?
	1.b) Que qualidades físicas apresentam o objecto? (material, tamanho, peso, cor, textura...)
	1.c) Como é que trouxeste o objecto para que fosse observado pelos outros?
2. Contexto cultural do objecto	
2.a) Como é que esse objecto é tratado? (usado diariamente, só em momentos especiais, guardado num local próprio ou especial...)	
2.b) A que mudança/transição na tua vida é que o objecto está associado?	
2.c) Conta-nos a história do objecto? Como é que o objecto chegou até ti?	
2.d) Queres explicar o que sentes ao teres trazido este objecto para nos mostrar?	

Questões elaboradas a partir do capítulo 10 - An anthropological approach do livro: Visual methodologies An Introduction to the Interpretation of Visual Materials

5ª Sessão. Acção colaborativa (netos / avós)	Aluno _____ Turma ____ Nr. _____ Avô/ _____ Avó: _____
Imagem do objecto	1ª parte
	1.a) Que forma tem o objecto?
	1.b) Que qualidades físicas apresentam o objecto? (material, tamanho, peso, cor, textura...)
	1.c) Como é que trouxeste o objecto para que fosse observado pelos outros?
2ª parte	
2.a) Como é que esse objecto é tratado? (usado diariamente, só em momentos especiais, guardado num local próprio ou especial...)	
2.b) A que mudança/transição nas vidas do teu avô/avó é que o objecto está associado?	
2.c) Conta-nos a história do objecto? Como é que o objecto chegou até ao teu avô/ à tua avó?	
2.d) Queres explicar o que sentes por teres trazido este objecto para nos mostrar? E os teus avós, o que sentiram? O que disseram?	

6ª Sessão. 45 minutos

Convidar os avós para, juntos, encontrarem uma imagem que melhor represente o envelhecimento. Poderão pesquisar nos jornais diários, revistas, internet...

6ª Sessão. 1ª fase	Aluno _____ Turma ____ Nr. _____ + Avôs
Imagem do envelhecimento	1. Que razões vos levaram a optar por esta imagem para representar o envelhecimento?
Fonte: (identificar a proveniência da imagem)	

What do you see? O que vês?

What does it mean? O que é que significa?

What can you use it for? Para que é que te podes servir da imagem?

How could you look at it differently? Com é que a poderias ver de outra forma?

Visual literacy and intercultural culture

Instruções:

Os alunos deverão ser organizados em 6 grupos e irão proceder à análise de imagem de arte segundo um guião presente no Manual adoptado.

Preencherão a grelha que lhes será fornecida e irão apresentar os seus resultados.

7ª Sessão. 1ª fase	Ficha técnica (a efectuar conforme já aprendeste na última unidade)
Olhar Descrição do tipo de obra e dos elementos que a constituem	Técnica usada (óleo? Pastel?) Formato (vertical? Rectangular?) Composição (simétrica? Perto da simetria? Dinâmica?) Cores (harmonia? Contrastes?) Luz (utilizada com destaque? Onde? Valoriza que partes da obra?) Estiveram todos de acordo nesta fase?
Pensar Descrição detalhada do género e do tema?	Tipo (figurativa? Abstracta?) Em quantos planos consegues dividir a obra? Que surge em cada um dos planos? (Descreve a forma e o local preciso em que se encontram os personagens) Estiveram todos de acordo nesta fase?
Ver Identificação de emoções e sentimentos	Que tema geral é representado na obra? (drama, comédia?) Que sentimentos demonstram cada um dos personagens? (repulsa, sofrimento, alegria...) Que expressões faciais são realçadas nas personagens? A técnica usada, a luz utilizada e as cores utilizadas ajudam a reforçar essas emoções? Estiveram todos de acordo nesta fase?
Pesquisar Ideias e significados simbólicos	Que possíveis simbologias poderão as personagens (as suas posições, gestos e tamanhos) traduzir? E os objectos presentes? Que carga simbólica terão? Estiveram todos de acordo nesta fase?
Aprender algo sobre o autor	O que aprendeste sobre o artista? É contemporâneo? O tema da sua obra é actual? Alteraste algumas das tuas ideias iniciais sobre a obra? Como é que a relacionas com a actualidade, com que problemáticas, com que acontecimentos, com que notícias? Que outro uso lhe poderias dar? Como é que poderiam olhar para ela de outra forma? Que sugestões foram dadas por cada elemento do grupo?
Observações	Água – forte http://www.youtube.com/watch?v=L3HdGf1IVCk Óleo http://www.youtube.com/watch?v=a_UlebwlZMk Acrílico http://www.youtube.com/watch?v=HZU2SdO5--o&feature=related Polaroid http://store.polaroid.com/ http://www.casadahistoriaspaularego.com/pt/ http://www.google.pt/search?q=Joyce+tenneson&hl=pt-PT&prmd=imvns0&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=PiRjT8X4N6HM0QXRkKG4CA&ved=0CDQQsAQ&biw=1047&bih=773 http://www.amazon.com/Wise-Women-Celebration-Insights-Courage/dp/0821228013 http://goya.unizar.es/

7ª Sessão. 1ª fase	
	Aluno _____ Turma ____ Nr. ____ Aluno _____ Turma ____ Nr. ____ Aluno _____ Turma ____ Nr. ____
	Ficha técnica da obra:
Olhar	
Pensar	
Ver	
Pesquisar	
Aprender algo sobre o autor	